ORLANDO BOYER



HERÓIS da FÉ



VOLUME I

HEROIS DA FÉ

VOLUME I

ORLANDO BOYER

HERÓIS DA FÉ

VOLUME I

3.ª EDIÇÃO

"Mas nós perseveraremos na oração e no ministério da palavra". Atos 6:4.



CAIXA POSTAL, 19 — PENHA
RIO DE JANEIRO

ÍNDICE

O MISTÉRIO DOS HERÓIS DA FÉ

"Visitei o velho templo em Nova Inglaterra, onde Jônatas Edwards pregou o comovente sermão: Pecadores *nas mãos de Deus irado. Edwards segurava o manuscrito tão perto dos olhos que os ouvintes não podiam ver-lhe o rosto. Porém com a continuação da leitura, o grande auditório ficou abalado. Um homem correu para a frente, clamando: Sr. Edwards tenha compaixão! Outros se agarraram aos bancos pensando que iam cair no inferno. Vi as colunas que êles abraçaram para se firmar, pensando que o juizo final havia chegado."*

"O poder daquele sermão não cessa de operar no mundo inteiro. Mas convém saber algo mais da parte da história geralmente suprimida. Por três dias Edwards não se alimentara; durante três noites não dormira. Rogara a Deus sem cessar: Dá-me a Nova Inglaterra! *Ao levantar-se da oração, dirigindo-se para o púlpito, alguém disse que tinha o semblante de quem fitara, por algum tempo, o rosto de Deus. Antes de abrir a bôca para proferir a primeira palavra, a convicção caiu sôbre o auditório."*

Foi assim que escreveu J. Wilbur Chapman acêrca de Jônatas Edwards. Êsse célebre pregador, contudo, não era o único que lutou com Deus em oração. Ao contrário depois de ler cuidadosamente as biografias de alguns dos maiores vultos da Igreja de Cristo, concluimos que nunca se pode atribuir o seu êxito, com razão, ùnicamente a seus próprios talentos e fôrça de vontade. Certamente um biógrafo que não crê no valor

da oração, nem conhece o poder do Espírito Santo que opera no coração, não menciona a oração como sendo o verdadeiro mistério da grandeza dos heróis da fé.

Lemos, por exemplo, dois livros, bem escritos, da vida de Adoniram Judson. Quando estávamos ao ponto de concluir que houvesse alguns *verdadeiros heróis da Igreja, realmente grandes em si mesmos, encontramos outra biografia escrita por um de seus filhos. Eduardo Judson. Nessa preciosa obra descobre-se que êsse talentoso missionário passara diàriamente horas da madrugada e da noite em íntima comunhão com Deus.*

Qual é, então, o mistério do incrível êxito dos heróis da fé, na Igreja de Cristo? Não há mistério algum para os que andam com Deus em oração como êsses homens andaram.

Confessamo-nos sumamente gratos aos seguintes escritores, cujas obras lemos antes de escrever estas biografias:

Jerónimo Savonarola: *Lawson.*

Martinho Lutero: *Lindsay, Schonberg-Cota, Arandas, Miler, Singmaster, Morrison, Lima, Olson, Stewart, Canuto, Saussure, Knigt-Anglin e Frodsham.*

João Bunyan: *Guilliver e Lawson.*

Jônatas Edwards: *Allen, Hickman e Howard.*

João Wesley: *Beltz, Lawson, Telford, Miller, Fitchet, Winchester, Joy e Buyers.*

Jorge Whitefield: *Gledstone, Lawson e Olson.*

Daví Brainerd: *Smith, Harrison, Lawson e Edwards.*

Guilherme Carey: *Harrison, Dalton, Olson e Marshman.*

Christmas Evans: *Davis e Lawson.*

Henrique Martyn: *Harrison e Page.*

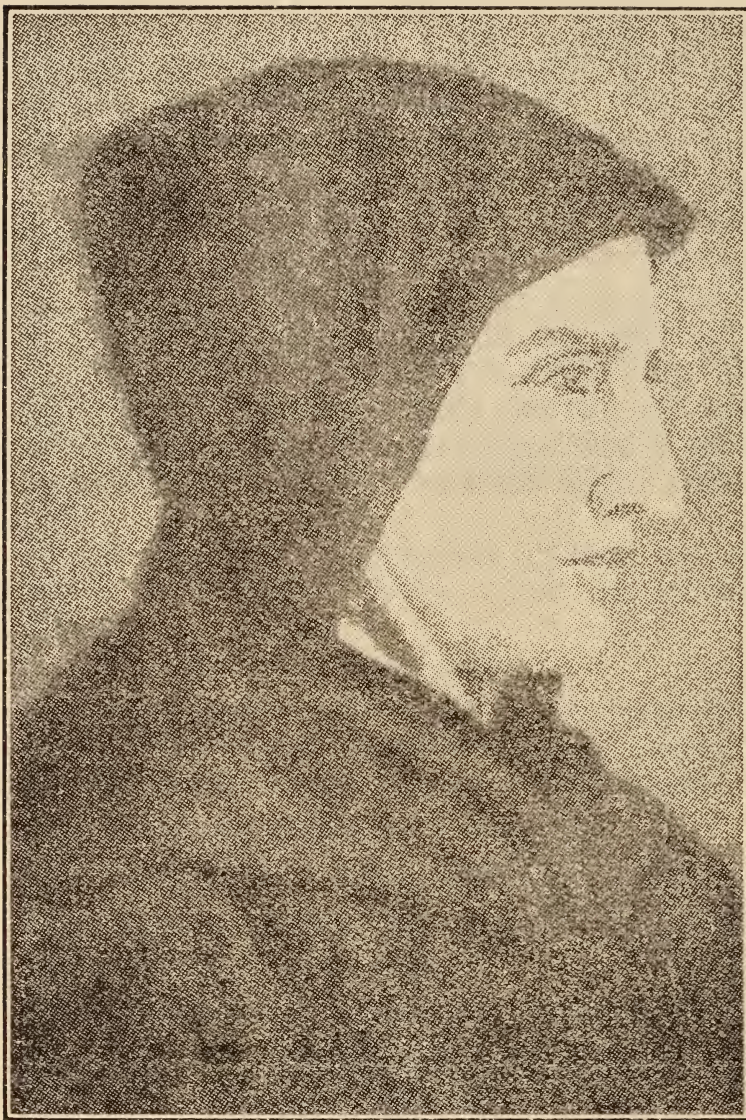
Adoniram Judson: *Harrison e Judson.*

Carlos Finney: *Day, Beltz e Finney.*

Certamente não empregamos aqui a palavra "herói" no sentido pagão, isto é, de grandes vultos humanos divinizados. A Bíblia fala de "homens ilustres em valor", "os valentes", "féis", "vencedores", etc. E a biografia das suas vidas nos inspiram como os sermões mais ardentes, destacados e empolgantes.

Quantos crentes se acham satisfeitíssimos em apenas escapar da perdição?! Quantos igonram "a plenitude da benção do Evangelho de Cristo"? *Romanos 15:29.* "A vida em abundância" (*João 10:10*) *é muito mais do que a preciosíssima salvação, como se vê ao ler essas biografias. Que o exemplo dos* heróis da fé *nos incite a procurarmos as mesmas bençãos até* "não haver mais lugar para as recolherem". *Malaquias 3:10.*

O AUTOR.



Jerônimo Savonarola

JERONIMO SAVONAROLA

PRECURSOR DA GRANDE REFORMA

1452-1498

O povo de tôda a Itália afluia, em número sempre crescente, a Florença. A famosa Duomo não mais comportava as enormes multidões. O pregador, Jerónimo Savonarola, abrazando com o fogo do Espírito Santo, e sentindo a iminência do julgamento de Deus, trovejava contra o vício, o crime e a corrupção desenfreada na própria Igreja. O povo abandonou a leitura das publicações torpes e mundanas, para ler os sermões do ardente pregador; deixou os cânticos das ruas, para cantar os hinos de Deus. Em Florença as crianças fizeram procissões, coletando as máscaras carnavalescas, os livros obscenos e todos os objetos supérfluos que serviam à vaidade. Com êsses objetos, em praça pública, formaram, uma pirâmide de vinte metros de altura, à qual atearam fogo. Enquanto o monte ardia, o povo cantava hinos e os sinos da cidade dobravam em sinal de vitória.

Se o ambiente político fôsse, como depois veiu a ser na Alemanha, o intrépido e devoto Jerónimo Savonarola teria sido o instrumento usado para iniciar a Grande Reforma, em vez de Martinho Lutero. Apesar de tudo, Savonarola tornou-se um dos ousados e fiéis arautos para conduzir o povo para a fonte pura e para as verdades apostólicas das Sagradas Escrituras.

Jerónimo era o terceiro dos sete filhos da família. Nasceu de pais cultos e mundanos, mas de grande influência. Seu avô paterno era um famoso médico na côrte do duque de Ferrara e os pais de Jerónimo planejavam que o filho ocupasse o lugar do avô. No colégio era aluno esmerado. Mas os estudos da filosofia de Platão, bem como de Aristóteles, deixaram-lhe a alma seciosa. Foram. sem dúvida, os escritos do célebre homem de Deus, Tomaz de Aquino, que mais o influenciaram, a não ser as próprias Escrituras, a entregar inteiramente o coração e a vida a Deus. Quando ainda menino, tinha o costume de orar e, ao crescer, o seu ardor em orar e jejuar aumentou. Passava horas seguidas em oração. A decadência da Igreja, cheia de tôda a qualidade de vício e pecado, o luxo e a ostentação dos ricos em contraste com a profunda pobreza dos pobres, magoava-lhe o coração. Passava muito tempo sòzinho. nos campos e a beira do rio Pó. em contemplação perante Deus, ora cantando, ora chorando. conforme os sentimentos que lhe ardiam no peito. Quando ainda jovem, Deus começou a falar-lhe em visões. A oração era a sua grande consolação: os degraus do altar, onde se prostava horas a fio, ficavam repetidamente molhados de suas lágrimas.

Houve um tempo em que Jerônimo começou a namorar certa moça florentina. Mas quando a moça mostrou ser desprêso alguém da sua orgulhosa família Strozzi, unir-se a alguém da família de Savonarola, Jerónimo abandonou para sempre a idéia de casar-se. Voltou a orar com crescente ardor. Enojado do mundo, desapontado acêrca dos seus próprios anelos, sem achar uma pessoa compassiva a quem pudesse pedir conselhos, e cansado de presenciar injustiças e perversidades que o cercavam, coisas que não podia remediar resolveu abraçar a vida monástica.

Ao apresentar-se no convento, não pediu o privilégio de se tornar monge, mas sòmente pediu que o aceitassem para fazer os serviços mais vis da cozinha, da horta e do mosteiro.

Na vida do claustro, Savonarola passava ainda mais tempo em oração, jejum e contemplação perante Deus. Sobrepujava todos os outros monges em humildade, sinceridade e obediência, sendo apontado para lecionar filosofia, posição que ocupou até sair do convento.

Depois de passar sete anos no mosteiro de Bolonha, Fra (irmão) Jerónimo foi para o convento de São Marcos em Florença. Grande foi o desapontamento ao ver que o povo florentino era tão depravado como o povo nos demais lugares. Até então ainda não reconhecia que sòmente a fé em Deus salva o povo.

Ao completar um ano no convento de São Marcos, foi apontado instrutor dos noviciados e, por fim, designado pregador do mosteiro. Apesar de ter ao seu dispor uma excelente biblioteca, Savonarola utilizava-se mais e mais da Bíblia como seu livro de instrução.

Sentia cada vez mais o terror e a vingança do Dia do Senhor que se aproxima e, às vêzes, se entregava a trovejar do púlpito contra a impiedade do povo. Eram tão poucos os que assistiam suas pregações, que Savonarola resolveu dedicar-se inteiramente à instrução dos novíciados. Contudo, como Moisés, não podia dessa forma escapar à chamada de Deus.

Certo dia, ao dirijir-se a uma freira, viu, repentinamente, os céus abertos e passarem perante seus olhos tôdas as calamidades que sobrevirão a Igreja. Então lhe pareceu ouvir uma voz do céu ordenando-lhe anunciar estas coisas ao povo.

Convicto de que a visão era do Senhor, começou novamente a pregar com voz de trovão. Sob a nova unção do Espírito Santo a sua condenação ao pecado

era feita com tanto ímpeto, que muitos dos ouvintes depois andavam atordoados sem falar, nas ruas. Era coisa comum, durante os sermões ouvir ressoarem os soluços e o chôro do povo na igreja. Outras vêzes homens e mulheres de tôdas as idades e de tôdas as classes rompiam em veemente chôro.

O ardor de Savonarola na oração aumentava dia após dia e sua fé crescia na mesma proporção. Frequentemente, enquanto orava, caia em êstase. Certa vez, enquanto sentado no púlpito, sobreveiu-lhe uma visão, durante a qual ficou imóvel durante cinco horas, enquanto seu rosto brilhava, e os ouvintes na igreja o contemplavam.

Em tôda a parte onde Savonarola pregava, seus sermões contra o pecado produziam profundo terror. Os homens mais cultos começaram então a assistir as pregações em Florença; foi necessário realizar as reuniões na Duomo, famosa catedral, onde continuou a pregar durante oito anos. O povo se levantava à meia noite e esperava, na rua, até à hora de abrir a catedral.

O corrupto regente de Florença, Lorenzo Medici, experimentou tôdas as formas, a bajulação, as peitas, as ameaças e os rogos, para induzir Savonarola a desistir de pregar contra o pecado, especialmente contra a perversidade do regente. Por fim vendo que tudo era debalde, contratou o famoso pregador, Fra Mariano, para pregar contra Savonarola. Fra Mariano pregou um sermão, mas o povo não prestou atenção à sua eloquência e astúcia e Fra Mariano não ousou mais pregar.

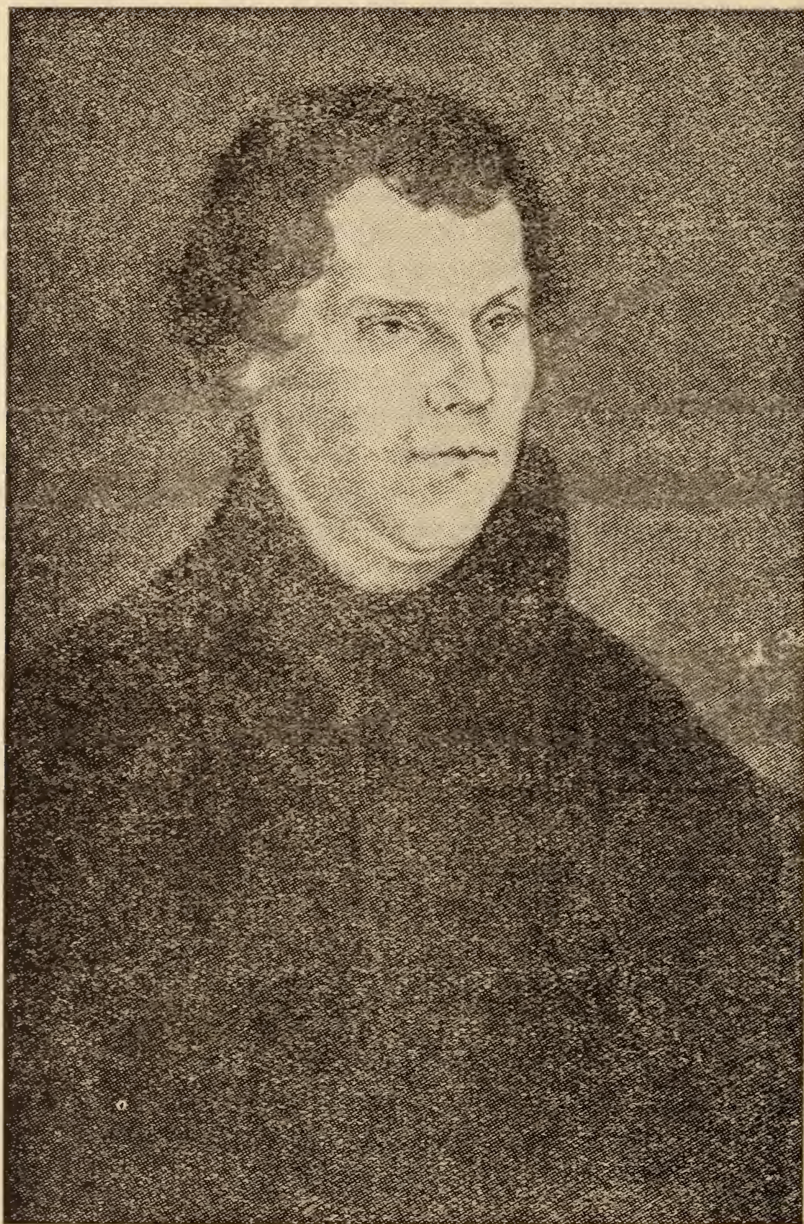
Nessa altura, Savonarola profetizou que Lorenzo, o Papa e o rei de Nápoles morreriam dentro de um ano, e isso sucedeu.

Depois da morte de Lorenzo, Carlos VIII da França invadiu a Itália e a influência de Savonarola aumentou ainda mais. O povo abandonou a literatura

torpe e mundana para ler os sermões do famoso pregador. Os ricos socorriam os pobres em vez de oprimí-los. Foi neste tempo que o povo fêz a grande fogueira, na "piazza" de Florença e queimou grande quantidade de artigos usados para alimentar vícios e vaidade. Não cabiam mais, na grande Duomo, os imensos auditórios.

Contudo, o sucesso de Savonarola foi muito curto. O pregador foi ameaçado, excomungado e, por fim, no ano de 1948, por ordem do Papa, foi queimado em praça pública. Com as palavras: "O Senhor sofreu tanto para mim!", terminou a vida terrestre de um dos maiores e mais dedicados mártires de todos os tempos.

Apesar de êle continuar até à morte a sustentar muitos dos erros da Igreja Romana, ensinava que todos os que são realmente crentes estão na verdadeira igreja. Alimentava contìnuamente a alma com a Palavra de Deus. As margens das páginas da sua Bíblia estão cheias de notas escritas enquanto meditava nas Escrituras. Conhecia uma grande parte da Bíblia de cór e podia abrir o livro instantâneamente e achar qualquer texto. Passava noites inteiras em oração e foram-lhe dadas revelações por meio de êxtase ou visões. Seus livros sôbre "A Humildade", "A oração", "O Amor", etc., continuam a exercer grande influência sôbre os homens. Destruiram o corpo dêsse precursor da Grande Reforma, mas não poderam apagar as verdades que Deus, por seu intermédio gravou no coração do povo.



Martinho Lutero

MARTINHO LUTERO

O GRANDE REFORMADOR

1483-1546

No cárcere, sentenciado pelo Papa a ser queimado vivo, João Hus disse: "Podem matar o ganso (na sua língua, "hus" é ganso), mas daqui a cem anos suscitar-se-á um cisne que não poderão queimar."

Enquanto caia a neve, e o vento frio uivava como fera em redor da casa, nasceu êsse "cisne", em Eisleben, Alemanha. No dia seguinte, o recém-nascido era batisado na Igreja de São Pedro e São Paulo: sendo o dia de São Martinho, recebeu o nome de Martinho Lutero.

Cento e dois anos depois de João Hus expirar na fogueira, o "cisne" afixou, na porta da Igreja em Witenburgo, as suas noventa e cinco teses contra as indulgências, ato de que nasceu a Grande Reforma. João Hus enganara-se em apenas dois anos, na sua predição.

Para dar o valor devido à obra de Martinho Lutero, é necessário notar algo das trevas e confusão dos tempos em que nasceu.

Calcula-se que, pelo menos, um milhão de Albinenses foram mortos, na França, para cumprir a ordem do Papa, que êsses "hereges" (sustentavam a Palavra de Deus) fôssem cruelmente exterminados. Wiclife, "a Estrêla da Alva da Reforma", traduzira a Bíblia para a lingua inglêsa. João Hus, discípulo de Wìclife, na Boêmia, morrera na fogueira suplicando ao Senhor que perdoasse

aos seus perseguidores. Jerónimo de Praga, companheiro de Hus e também erudito, sofrera o mesmo suplício, cantando hinos, nas chamas, até ao último suspiro. João Wessalia, notável pregador de Erfurt, fôra prêso por ensinar que a salvação é pela graça; seu frágil corpo fôra metido entre ferros, onde morrera quatro anos antes do nascimento de Lutero. Na Itália, quinze anos depois de Lutero nascer, Savonarola, homem dedicado a Deus e fiel pregador da Palavra, foi enforacdo e seu corpo reduzido a cinzas, por ordem da Igreja.

Em tais tempos nasceu Martinho Lutero. Como muitos dos mais célebres entre os homens, era de família pobre. Dizia êle: "Sou filho de camponeses; meu pai, meu avô e meu bisavô eram verdadeiros camponeses." A isso acrescentava: "Há tanta razão para vangloriarmo-nos de nossa ascendência, quanto há para o Diabo se orgulhar da sua linhagem angélica."

Os pais de Martinho, para vestir, alimentar e educar seus sete filhos, esforçavam-se incansàvelmente. O pai trabalhava nas minas de cobre; a mãe, além do serviço doméstico, trazia lenha às costas, da floresta.

Os pais, não sòmente se interessavam pelo desenvolvimento físico e intelectual dos filhos mas também do espiritual. O pai, quando Martinho chegou à idade de compreender, ensinou-o a ajoelhar-se ao lado da sua cama, à noite, e rogava a Deus que fizesse o menino lembrar-se do nome de seu Criador. Ecc. 12:1.

A sua mãe era sincera e devota; ensinou a seus filhos que considerassem todos os monges como homens santos, e tôdas as transgressões dos regulamentos da Igreja como transgressão das leis de Deus. Martinho aprendeu os Dez Mandamentos, o "Pai Nosso", a respeitar o Santo Sê na distante e sagrada Roma, e a olhar, tremendo, para qualquer osso ou fragmento de

roupa que pertencesse a algum santo. Contudo a base da sua religião era mais que Deus é Juiz vingativo, do que Amigo de crianças. Mat. 19:13-15. Quando já era adulto, Lutero escreveu: "Estremecia e toranvame pálido ao ouvir alguém mencionar o nome de Cristo, porque fui ensinado a considerá-Lo como Juiz encolerizado. Fomos ensinados que deviamos, nós mesmos fazer propiciação por nossos pecados; que não podemos fazer compensação suficiente por nossa culpa, que é necessário recorrer aos santos nos céus, e clamar a Maria para desviar de nós a ira de Cristo."

O pai de Martinho, satisfeitíssimo pelos trabalhos escolares do filho, na vila onde morava, mandou-o, aos treze anos, para a escola franciscana na cidade de Magdeburgo.

O moço apresentava-se frequentemente no confissionário, onde o padre lhe impunha penitências e obrigava-o a praticar boas obras para obter a absolvição. Esforçava-se incessantemente para adquirir o favor de Deus, pela piedade, desejo êsse que o levou mais tarde à vida do convento.

Para conseguir a sua subsistência em Magdeburgo, Martinho era obrigado a esmolar pelas ruas, cantando canções de porta em porta. Seus pais, achando que em Eisenach passaria melhor, mandaram-no para estudar nessa cidade, onde moravam parentes de sua mãe. Porém êsses parentes não o auxiliaram, e o moço continuou a mendigar o pão.

Quando estava ao ponto de abandonar os estudos, para trabalhar com as mãos, certa senhora de recursos, D. Ursula Cota, atraída por suas orações na igreja e comovida pela humilde maneira de receber quaisquer restos de comida, na porta, acolheu-o entre a família Pela primeira vez Lutero sentia fartura. Mais tarde êle referia-se à cidade de Eisenach como a "cidade bem amada". Quando Lutero se tornou famoso, um dos

filhos da família Cota cursava em Witenburgo, onde Lutero o recebeu na sua casa.

Domiciliado na casa da sua extremosa mãe adotiva, D. Úrsula, Martinho desenvolven-se ràpidamente, recebendo uma sólida educação. Seu mestre, João Trebunius, era homem culto e de método esmerado. Não maltratava os alunos como os demais mestres. Conta-se que, ao encontrar os moços da sua escola, cumprimentava-os tirando-lhes o chapéu; porque "ninguém sabia quais seriam dentre êles os doutores, regentes, chanceleres e reis..." O ambiente na escola e no lar era-lhe favorável para produzir um caráter forte e inquebrantável, tão necessário para enfrentar os mais temíveis inimigos de Deus.

Martinho Lutero era mais sóbrio e devoto que os demais rapazes da sua idade. Acêrca dêste fato, D. Úrsula, na hora da morte disse que Deus tinha abençoado o seu lar grandemente desde o dia em que Lutero entrara em sua casa.

Entretanto os pais de Martinho alcançaram certa bastança. O pai alugou um forno para fundição de cobre e depois passou a possuir mais dois. Foi eleito vereador na sua cidade e começou a fazer planos para educar seus filhos. Contudo Martinho nunca se envergonhou dos dias da sua provação e miséria; antes reconhecia que era a mão de Deus dirigindo-o e qualificando-o para a Sua grande obra. Como poderia alguém, depois de homem feito, encarar fiel e destacadamente as vicissitudes da vida, se não aprendesse por experiência enquanto era jovem?

Aos dezoito anos, Martinho anseiava estudar numa universidade. Seu pai, reconhecendo a idoneidade do filho, enviou-o a Erfurt, o centro intelectual do país, onde cursavam mais de mil estudantes. O moço estudou com tanto afinco que, no fim do terceiro semestre, obteve o gráu de bacharel em filosofia. Com a

idade de vinte e um anos, alcançou o segundo gráu acadêmico, o de doutor em filosofia; os estudantes, professores e autoridades prestaram-lhe significativa homenagem.

Havia dentro dos muros de Erfurt, cem prédios que pertenciam à Igreja inclusive oito conventos. Havia, também uma importante biblioteca, que pertencia a universidade, e aí, Lutero passava todo o tempo de que podia dispor. Sempre suplicava fervorosamente a Deus que o abençoasse nos estudos. Dizia êle: "Orar bem é a melhor parte dos estudos." Dêle escreveu certo colega: "Cada manhã êle precede seus estudos com uma visita à igreja e uma prece a Deus."

Seu pai, desejoso que seu filho se formasse em direito e se tornasse célebre, comprou-lhe a caríssima obra "Corpus Juris."

Contudo, a alma de Lutero suspirava por Deus, acima de tôdas as coisas. Vários acontecimentos influciaram-no a entrar para a vida monástica, passo êsse que intristeceu profundamente seu pai e horrorizou seus companheiros de universidade.

Primeiro, na biblioteca achou o maravilhoso livro dos livros, a Bíblia completa, em latim. Até àquela ocasião suponha que as pequenas porções escolhidas pela Igreja para serem lidas aos Domingos, constituíssem o todo da Palavra de Deus. Depois de uma longa leitura, exclamou: "Oh! se a Providência me desse um livro como êste, só para mim!" Continuando a ler as Escrituras, o seu coração começou a perceber a luz e a sua alma a sentir ainda mais sêde de Deus.

A essa altura, quando se bacharelou, os estudos custaram-lhe uma doença que o levou às portas da morte. Assim a fome pela Palavra de Deus ficou ainda mais enraizada no coração de Lutero. Algum tempo depois da sua doença, em viagem para visitar sua família, sofreu um golpe de espada, e duas vêzes quase

morreu antes de um cirurgião conseguir pensar-lhe a ferida. Para Lutero a salvação da sua alma ultrapassava qualquer outro anelo.

Certo dia, um de seus íntimos amigos na universidade foi assassinado. "Ah," exclamou Lutero, horrorizado, "o que seria de mim se eu tivesse sido chamado desta para a outra vida tão inopinadamente!"

Mas, de todos êsses acontecimentos, o que mais o abalou em espírito, foi o que experimentou durante uma terrível trovoada quando voltava de visitar seus pais. Não havia abrigo próximo. Os céus estavam em braza, os raios rasgavam as nuvens a cada instante. De repente um raio caiu ao seu lado. Lutero, tomado de grande susto, e sentindo-se perto do inferno, prostrou-se gritando: "Sant'Ana, salva-me e tornar-me-ei monge!"

Lutero, chamava a êsse incidente "a minha estrada, caminho de Damasco" e não tardou em cumprir a sua promessa feita a Sant'Ana. Convidou então os seus colegas para cearem com êle. Depois da refeição, enquanto êles se divertiam com palestras e música, repentinamente anunciou-lhes que dali em diante poderiam considerá-lo como morto, que ia entrar para o convento. Debalde os seus companheiros procuraram dissuadí-lo do seu plano. Na escuridão da mesma noite, o moço, antes de completar vinte e dois anos, dirigiu-se ao convento dos agostinianos, bateu, a porta abriu-se, e Lutero entrou. O professor admirado e festejado, a glória da universidade, que passara os dias e as noites curvado sôbre os livros, tornara-se irmão agostiniano!

O mosteiro dos agostinianos era o melhor dos cláustros de Erfurt. Seus monges eram os pregadores da cidade, estimados por suas obras entre os pobres e oprimidos. Nunca houve um monge naquele convento mais submisso, mais devoto, mais piedoso, do que Martinho Lutero. Submetia-se aos serviços mais humildes, como o de porteiro, coveiro, varredor da igreja e das celas dos

monges. Não recusava mendigar o pão cotidiano para o convento, nas ruas de Erfurt.

Durante o ano de noviciado, antes de Lutero ser feito monge, os seus amigos fizeram tudo para dissuadí-lo de confirmar êsse passo. Os companheiros, que convidára para cearem com êle, quando anunciou a sua intenção de ser monge, ficaram no portão do convento dois dias, esperando que êle voltasse. Seu pai, vendo que seus rogos eram inúteis e que todos os seus anelantes planos acêrca do filho iam fracassar, quase enlouqueceu.

Assim se justificou Lutero: "Fiz a promessa a Sant'Ana, para salvar a minha alma. Entrei para o convento e aceitei êsse estado espiritual sòmente para servir a Deus e Lhe agradar durante a eternidade."

Quão grande, porém, era a sua ilusão. Depois de procurar crucificar a carne pelos jejuns prolongados, pelas privações mais severas, e com as vigílias sem conta, achou que, encarcerado na sua cela, ainda tinha de lutar contra os máus pensamentos. A sua alma clamava: "Dai-me santidade ou morro por tôda a eternidade; levai-me ao rio de água pura e não a êstes mananciais de águas poluídas; trazei-me às águas da vida que saem do trono de Deus."

Certo dia Lutero achou, na biblioteca do convento, uma velha Bíblia latina, prêsa à mesa por uma cadeia; achou, enfim, um tesouro infinitamente maior que todos os tesouros literários do convento. Ficou tão embevecido que, durante semanas inteiras, deixou de repetir as orações diurnas da ordem. Então, despertado pelas vozes da sua consciência, Lutero se arrependeu da sua negligência; era tanto o remorso que não podia dormir. Apressou-se a reparar o seu êrro; fê-lo com tanto anseio que não se lembrava de alimentar-se.

Então, enfraquecidíssimo por tantos jejuns e vigílias, sentiu-se oprimido pelas apreensões até perder os

sentidos e cair por terra. Aí os outros monges o acharam, admirados novamente de sua excepcional piedade! Lutero sòmente voltou a si depois de um grupo de coristas o haver rodeado, cantando. A suave harmonia penetrou-lhe o coração e despertou o seu espírito. Porém ainda assim lhe faltava a paz perpétua para a alma; ainda não havia ouvido cantar o côro celestial: "Glória a Deus nas maiores alturas, paz na terra, boa vontade para com os homens."

Nessa altura, o vigário geral da ordem agostiniana, Staupitz, visitou o convento. Era homem de grande discernimento, e devoção enraizada; compreendeu logo o problema do jovem monge; ofereceu-lhe uma Bíblia na qual leu que "o justo viverá da fé". Por quanto tempo Lutero tinha anelado: "Oh se Deus me desse um livro dêstes só para mim!" — e agora o possuia!

Na leitura da Bíblia achou grande consolação, mas a obra não podia completar-se em um dia. Ficou mais determinado do que nunca a alcançar paz para a sua alma, na vida monástica, jejuando e passando noites a fio sem dormir. Gravemente enfermo exclamou: "Os meus pecados! Meus pecados!" Apesar da sua vida ter sido livre de manchas, como èle afirmava e outros testificavam, sentia sua culpa perante Deus, até que um velho monge lhe lembrou uma palavra do Credo: "Creio na remissão dos pecados". Viu então que Deus não sòmente perdoara os pecados de Daniel e de Simão Pedro, mas também os seus.

Pouco tempo depois dêstes acontecimentos, Lutero foi ordenado padre. A primeira missa que celebrou foi um grande evento. O pai, irreconciliável, desde o dia em que o filho abandonou os estudos de advocacia até aquela ocasião, assistiu à primeira missa, vindo a cavalo de Mansfield, com uma boa oferta para o convento, acompanhado por vinte e cinco amigos.

Depois de completar vinte e cinco anos de idade, Lutero foi nomeado para a cadeira de filosofia em Witenburgo, para onde se mudou para viver no convento da sua ordem. Porém a sua alma anelava pela Palavra de Deus, e pelo conhecimento de Cristo. No meio das ocupações do professorado, dedicou-se ao estudo das Escrituras e no primeiro ano conquistou o grau de *baccalaureus ad biblia.* Sua alma ardia com o fogo dos céus; de tôdas as partes acorriam multidões para ouvir os seus discursos, os quais fluiam abundante e vivamente do seu coração, sôbre as maravilhosas verdades reveladas nas Escrituras. Um dos mais afamados professores de Leipzig, conhecido como a "Luz do Mundo", disse: "Êste frade há de envergonhar a todos os doutores; há de propalar uma doutrina nova e reformar tôda a Igreja, porque êle baseia-se na Palavra de Cristo. Palavra à qual ninguém no mundo pode resistir, e ninguém pode refutar, mesmo atacando-a com tôdas as armas da filosofia.

Um dos pontos iluminantes da biografia de Lutero é a sua visita a Roma. Surgiu uma disputa renhida entre sete conventos dos agostinianos e resolveram deixar os pontos de dessidência para o Papa, resolver. Lutero, sendo o homem mais hábil, mais eloquente e altamente apreciado e respeitado por todos que o conheciam, foi escolhido para representar o seu convento em Roma.

Fêz a viagem a pé, acompanhado de outro monge. Nêsse tempo Lutero ainda continuava a dedicar-se fiel e inteiramente à Igreja Católica. Quando, por fim, chegaram ao ponto da estrada onde se avistava a famosa cidade, Lutero caiu em terra e exclamou: "Saudo-te, santa cidade!"

Os dois monges passaram um mês em Roma, visitando os vários santuários e os lugares de peregrinação. Lutero celebrou missa dez vêzes. Lastimou, ao

mesmo tempo, que seus pais ainda não tivessem morrido a fim de poder resgatá-los do purgatório! Um dia, subindo a Santa Escada de joelhos, desejando a indulgência que o chefe da igreja prometia por êsse ato, ressoaram nos seus ouvidos como voz de trovão, as palavras de Deus: "O justo viverá da fé". Lutero ergueu-se e saiu envergonhado.

Depois da corrupção generalizada que viu em Roma, a sua alma aderiu à Bíblia mais que nunca. Ao chegar novamente ao seu convento, o vigário geral insistiu para que desse os passos necessários para obter o título de doutor, com o qual teria o direito de pregar. Lutero porém reconhecendo a grande responsabilidade perante Deus e não querendo ceder, disse: "Não é de pouca importância que o homem fale em lugar de Deus... Ah sr. doutor, fazendo isto, me tirais a vida; não resistirei mais que três meses." O vigário geral respondeu-lhe: "Embora! Seja assim, em nome de Deus, pois o Senhor Deus também necessita nos céus de homens dedicados e hábeis".

O coração de Lutero, elevado à dignidade de doutor em teologia, abrazava-se ainda mais do desejo de conhecer as Sagradas Escrituras e foi nomeado pregador da cidade de Witenburgo. Os livros que estudou, e as margens cheias de anotações que escreveu em letras miúdas, servem aos eruditos atuais como exemplo de como cuidadosa e minuciosamente estudava tudo em ordem.

Acêrca da grande transformação da sua vida, nesse tempo, êle mesmo escreve: "Desejando ardentemente compreender as palavras de Paulo, comecei o estudo da Epístola aos Romanos. Porém, logo no primeiro capítulo consta que a justiça de Deus se revela no Evangelho (vs. 16, 17). Eu detestava as palavras: *a justiça de Deus,* porque, conforme fui ensinado, eu a considerava como um atributo do Deus santo que o leva a cas-

tigar os pecadores. Apesar de viver irrepreensìvelmente, como monge, a consciência perturbada me mostrava que era pecador perante Deus. Assim odiava a um Deus justo, que castiga os pecadores... Sentia-me ferido de consciência, revoltado ìntimamente, contudo voltava sempre para o mesmo versículo, porque queria saber o que Paulo ensinava. Porém, depois de meditar sôbre êsse ponto durante muitos dias e noites, Deus na sua graça, me mostrou a palavra: "O justo viverá da fé." Vi então que a justiça de Deus, nesta passagem, é a justiça que o homem piedoso recebe de Deus pela fé, como dádiva".

A alma de Lutero dessa forma saiu da escravidão; êle mesmo assim escreveu: "Então me achei recem-nascido e no Paraíso. Tôdas as Escrituras tinham para mim outro aspecto; prescrutava-as para ver tudo quanto ensinam sôbre a "justiça de Deus". Antes, estas palavras eram-me detestáveis; agora as recebi com o mais intenso amor. A passagem me servia como a porta ao Paraíso."

Depois dessa experiência, pregava diàriamente; em certas ocasiões, pregava até três vêzes ao dia, conforme êle mesmo conta: "O que o pasto é para o rebanho, a casa para o homem, o ninho para o passarinho, a penha para a cabra montez, o arroio para o peixe, isso é a Bíblia para as almas fiéis." A luz do Evangelho, por fim, tomara o lugar das trevas e a alma de Lutero abrazava por conduzir os seus ouvintes ao Cordeiro de Deus, que tira todo o pecado.

Lutero levou o povo a considerar a verdadeira religião, não como uma mera profissão, ou sistema de doutrinas, mas como vida em Deus. A oração não era mais um exercício sem sentido, mas o contacto do coração com Deus, que cuida de nós com um amor indizível. Nos seus sermões, Deus revelou o Seu cora-

ção a milhares de ouvintes, por meio do coração de Lutero.

Convidados a pregar durante uma convenção dos agostinianos, não deu uma mensagem doutrinal de sabedoria humana, como se esperava, mas fêz um discurso ardente contra a língua maldizente dos monges. Os agostinianos, levados pela mensagem, elegeram-no diretor sôbre onze conventos!

Lutero não sòmente pregava a virtude, mas praticava-a, amando verdadeiramente o próximo. Nesse tempo a peste visitou Witenburgo, introduzida do oriente. Calcula-se que a quarta parte do povo da Europa, a metade da Alemanha, foi ceifada pela morte. Quando professores e estudantes fugiram da cidade, instaram que Lutero fugisse também; porém êle respondeu: "Para onde hei de fugir? O meu lugar é aqui; o dever não me permite ausentar-me do meu posto até quando Aquêle que me mandou para aqui me chamar. Não que eu deixe de temer a morte, mas espero que o Senhor me dê ânimo". Assim Lutero ministrava à alma e ao corpo do próximo durante um tempo de aflição e angústia universal.

A fama do jovem monge espalhou-se até longe. Entretanto, sem o reconhecer, enquanto trabalhava incansàvelmente para a Igreja, já havia deixado o rumo liberal que ela seguia em doutrina e prática.

Em Outubro de 1517, Lutero afixou à porta da Igreja do Castelo em Witenburgo, as suas 95 teses, o teor das quais é que Cristo requer o arrependimento e a tristeza pelo pecado e não a penitência. Lutero afixou as teses, ou proposições para um debate público, na porta da Igreja, como era costume nesse tempo. Mas as teses, escritas em latim, foram logo traduzidas em alemão, holandês e espanhol. Antes de decorrido um mês, para surprêsa de Lutero, já estavam na Itália, fazendo estremecer os alicerces do velho edifício de

Roma. Foi dêsse ato de afixar as 95 teses na Igreja de Witenburgo, que nasceu a Reforma, isto é, que tomou forma o grande movimento de almas que em todo o mundo anseiavam voltar para a fonte pura, a Palavra de Deus. Contudo Lutero não atacara a Igreja Católica, mas pensou, antes, fazer a defeza do Papa contra os vendedores de indulgências.

Em Agôsto de 1518, Lutero foi chamado a Roma para responder a denúncia de heresia. Contudo o eleitor, Frederico, não consentiu que fôsse arrastado para fora do país; assim, Lutero foi intimado a apresentar-se em Augsburgo. "Êles te queimarão vivo", insistiram seus amigos. Lutero, porém, respondeu resolutamente: "Se Deus sustenta a causa, será sustentada."

A ordem do núncio do Papa, em Augsburgo foi: "Retrate-se ou não voltará daqui." Contudo Lutero conseguiu fugir da cidade, passando por uma pequena cancela no muro da cidade, na escuridão da noite. Ao chegar de novo em Witenburgo, um ano depois de afixar as teses, era o homem mais popular em tôda a Alemanha. Não havia jornais nesse tempo, mas fluiam da pena de Lutero respostas a todos os seus críticos para serem publicadas em folhetos. O que escreveu dessa forma, hoje perfazem cem volumes.

O célebre Erasmo, da Holanda, assim escreveu a Lutero: "Seus livros estão despertando todo o país... Os mais eminentes da Inglaterra gostam de seus escritos..."

Quando a bula de excomunhão, enviada pelo Papa, chegou em Witenburgo, Lutero respondeu com um tratado dirigido ao Papa, Leão X, exortando-o, no nome do Senhor, a que se arrependesse. A bula do Papa foi queimada fora do muro da cidade de Witenburgo, perante grande ajuntamento de povo. Assim escreveu Lutero ao vigário geral: "No momento de queimar a bula, estava tremendo e orando, mas agora estou satis-

feito de ter praticado êste ato enérgico". Lutero não esperou até que o Papa o excomungasse, mas deu logo o pulo da Igreja de Roma para a Igreja de Deus vivo.

Porém, o imperador Carlos V, o qual ia convocar sua primeira dieta na cidade de Worms, queria que Lutero comparecesse para responder, pessoalmente, aos seus acusadores. Os amigos de Lutero insistiam em que recuasse ir — não foi João Hus entregue a Roma para ser queimado, apesar da garantia de vida da parte do imperador?! Mas em resposta a todos que se esforçavam em dissuadí-lo de comparecer perante seus terríveis inimigos, Lutero, fiel à chamada de Deus, respondeu: "Ainda que haja em Worms, tantos demônios quantos sejam as telhas nos telhados, confiando em Deus, eu aí entrarei." Depois de dar ordens acêrca do trabalho, no caso de êle não voltar, partiu.

Na sua viagem para Worms, o povo afluiu em massa para ver o grande homem que teve coragem de desafiar a autoridade do Papa. Em Mora pregou ao ar livre, porque as igrejas não mais comportavam as multidões que queriam ouvir seus sermões. Ao avistar as torres das igrejas de Worms, levantou-se na carroça em que viajava e cantou o seu hino, o mais famoso da Reforma: "Ein Feste Berg", isto é: "Castelo forte é nosso Deus". Ao entrar, por fim, na cidade, estava acompanhado de uma multidão de povo muito maior do que o que fôra ao encontro de Carlos V. No dia depois foi levado perante o imperador, ao lado de qual achavam o delegado do Papa, seis eleitores do império, vinte e cinco duques, oito margraves, trinta cardiais e bispos, sete embaixadores, os deputados de dez cidades e grande número de príncipes, condes e barões.

É fácil imaginar que o reformador era um homem de grande coragem e de físico forte para enfrentar tantas feras que anseiavam despedaçar-lhe o corpo. A verdade é que passara uma grande parte da vida afastado

dos homens e, mais ainda, achava-se fraco da viagem, na qual foi necessário que um médico o atendesse. Entretanto mostrou-se corajoso, não na sua própria força mas no poder de Deus.

Sabendo que tinha de comparecer perante uma das mais imponentes assembléias de autoridades religiosas e civis de todos os tempos, Lutero, passou a noite anterior de vigília. Prostrado com o rosto em terra lutou com Deus, chorando e suplicando. Um dos seus amigos ouviu-o orar assim: "Oh Deus Todo Poderoso! a carne é fraca, o Diabo é forte! Ah, Deus, meu Deus! que perto de mim estejas contra a razão e a sabedoria do mundo. Fá-lo, pois sòmente Tu o podes fazer. Não é minha causa, mas sim é Tua. Que tenho eu com os grandes da terra? É a Tua causa, Senhor, a Tua justa e eterna causa. Salva-me, oh Deus fiel! Sòmente em Ti confio, oh Deus! Meu Deus... vem, estou pronto a dar, como um cordeiro, a minha vida. O mundo não conseguirá prender a minha consciência, ainda que esteja cheio de demônios; e, se o meu corpo tem de ser destruído, a minha alma Te pertence, e estará contigo eternamente..."

Conta-se que, no dia seguinte, na ocasião de Lutero transpor a porta para comparecer perante a dieta, o veterano gal. Freudsburgo, colocou a mão no ombro do Reformador e disse-lhe: "Pequeno monge, vais a um encontro diferente, do qual eu, ou qualquer outro capitão jamais experimentamos, mesmo nas nossas conquistas mais ensanguentadas. Contudo, se a causa é justa, e sabes que o é, avança no nome de Deus, e não temas nada. Deus não te abandonará". — O grande general não sabia que Martinho Lutero vencera a batalha em oração e que entrava sòmente para declarar-lhes que a havia ganho de maiores inimigos.

Quando o núncio do Papa exigiu de Lutero, perante a augusta assembléia, que se retratasse, Lutero respon-

deu: "Se não me refutardes pelo testemunho das Escrituras ou por argumentos — desde que não creio sòmente nos papas e nos concílios, sendo evidente que já muitas vêzes se enganaram e se contradisseram uns aos outros — a minha consciência tem de ficar submissa à Palavra de Deus. Não posso retratar-me, nem me retratarei de qualquer coisa, desde que não é justo, nem seguro, agir contra a consciência. Deus me ajude. Amem."

De volta ao seu aposento, Lutero levantou as mãos ao céu e exclamou com o rosto todo iluminado: "Está cumprido! Está cumprido! Se eu tivesse mil cabeças, sofreria que tôdas fôssem decepadas antes de me retratar."

A cidade de Worms, ao receber as notíicias da ousada resposta de Lutero ao núncio do papa, alvoroçou-se. As palavras do reformador foram publicadas e espalhadas entre o povo, o qual afluiu para honrá-lo.

Apesar dos papistas não conseguirem influenciar o imperador a violar o salvo-conduto, para que queimasse numa fogueira, o assim chamado hereje, Lutero teve de enfrentar outro grave problema. O edito de excomunhão entrara imediatamente em vigor; Lutero, segundo a ex-comunhão era criminoso e, ao findar o prazo do seu salvo-conduto, devia ser entregue ao imperador; todos os seus livros deviam ser apreendidos e queimados; o ato de ajudá-lo em qualquer maneira era crime capital.

Mas para Deus é fácil cuidar dos Seus filhos. Lutero, regressando a Witenburgo, foi repentinamente rodeado num bosque por um bando de cavaleiros mascarados que, depois de despedirem as pessoas que o acompanhavam, conduziram-no, alta noite, ao castelo de Wartburgo, perto de Eisenach. Isto foi um estratagema do príncipe de Saxônia para salvar Lutero dos inimigos que planejavam assassiná-lo antes de chegar em casa.

No castelo, Lutero passou muitos meses disfarçado; tomou o nome de cavaleiro Jorge e o mundo o considerava morto. Fiéis servos de Deus oravam dia e noite. As palavras do pintor Alberto Durer, exprimem os sentimentos do povo: "Oh Deus! se Lutero fôsse morto, quem agora nos exporia o Evangelho?"

Contudo, no seu retiro, livre dos inimigos, foi-lhe concedida a liberdade de escrever, e o mundo logo, soube, pela grande quantidade de literatura, que essa obra saíra da sua pena e que, de fato, Lutero vivia. O Reformador conhecia bem o hebráico e o grego e em três meses tinha vertido todo o Novo Testamento para o alemão — em poucos meses mais a obra estava impressa e nas mãos do povo. Cem mil exemplares foram vendidos, em quarenta anos, além das cinquenta e duas edições impressas em outras cidades. Era circulação imensa para aquêle tempo, mas Lutero não aceitou um centavo de direitos.

A maior obra de tôda a sua vida, sem dúvida, fôra a de dar o povo alemão a Bíblia, na sua própria língua — depois de voltar a Witenburgo. Já havia outras traduções, mas escritas em uma forma de alemão latinizado que o povo não compreendia. A língua alemã dêsse tempo era um agregado de dialetos, mas Lutero, ao traduzir a Bíblia, deu ao povo a língua que serviu depois a homens como Gœthe e Schiler para escreverem as suas obras. O seu êxito em traduzir as Sagradas Escrituras para o uso dos mais humildes, verifica-se no fato de que, depois de quatro séculos, a sua tradução permanece como a principal.

Outra coisa que contribuiu para o êxito da tradução de Lutero, é que êle era erudito em hebráico e grego e traduziu direto das línguas originais. Contudo o valor da sua obra não se baseia tão sòmente sôbre seus indiscutíveis dotes literários. O que lhe deu valor é que êle conhecia a Bíblia, como ninguém podia co-

nhecê-la, sem primeiro sentir a angústia eterna e achar nas Escrituras a verdadeira e profunda consolação. Lutero conhecia ìntimamente e amava sinceramente o Autor do Livro. O resultado foi que o seu coração abrazou-se com o fogo e poder do Espírito Santo. Foi êsse o segrêdo traduzir tudo para o alemão em tão pouco tempo.

Como todo o mundo sabe, a fortaleza de Lutero e da Reforma foi a Bíblia. Escreveu de Wartburgo para seu povo em Witenburgo: "Jamais em todo o mundo se escreveu um livro mais fácil de compreender do que a Bíblia. Comparada aos outros livros, é como o sol em contraste com tôdas as demais luzes. Não vos deixeis levar a abandoná-la sob qualquer pretexto da parte dêles. Se vos afastardes dela por um momento, tudo estará perdido; podem levar-vos para onde quer que desejem. Se permanecerdes com as Escrituras, sereis vitoriosos."

Depois de abandonar o hábito de monge, Lutero resolveu deixar, por completo, a vida monástica, casando-se com Catarina de Bora, freira que também saíra do cláustro, porque viu que tal vida é contra a vontade de Deus. O vulto de Lutero sentado ao lume, com a espôsa e seis filhos que amava ternamente, inspira os homens mais que o grande herói ao apresentar-se perante o legado em Augsburgo.

Nos cultos domésticos a família rodeava um harmonium, com o qual louvavam a Deus juntos; o Reformador lia o Livro que traduzira para o povo e depois louvavam a Deus e oravam até sentirem a presença divina entre êles.

Havia entre Lutero e a sua espôsa profundo amor de um para com o outro. São de Lutero estas palavras: "Sou rico, Deus me deu a minha freira e três filhos; não me importo das dividas: Catarina paga tudo." Catarina von Bora era estimada por todos. Alguns, de fato,

censuram-na porque era demasiado econômica; mas que teria acontecido a Martinho Lutero e à família se ela tivesse feito como êle? Dizia-se que êle, aproveitando da doença dela, cedeu o seu prato de comida a certo estudante que estava com fome. Não aceitava um *kreuzer* dos seus alunos e recusava vender seus escritos, deixando todo o lucro para os tipógrafos.

Nas suas meditações sôbre as Escrituras, muitas vêzes se esquecia das refeições. Ao escrever o comentário sôbre o Salmo 23, passou três dias no quarto comendo sòmente pão e sal. Quando a espôsa chamou um serralheiro e quebraram a fechadura, acharam-no escrevendo, mergulhado em pensamentos e esquecido de tudo em redor.

É difícil concebermos a magnitude das coisas que devemos atualmente a Martinho Lutero. O grande passo que deu para que o povo ficasse livre para servir a Deus, como Êle ensina está além da nossa compreensão. Era grande músico e escreveu alguns dos hinos mais espirituais cantados atualmente. Compilou o primeiro hinário e inaugurou o costume de todos os assistentes aos cultos cantarem juntos. Insistiu que não sòmente o sexo masculino mas também os do sexo feminino fôssem instruídos, tornando-se assim o pai das escolas públicas. Antes dêle, o sermão, nos cultos, era de pouca importância. Mas Lutero fêz do sermão a parte principal do culto. Êle mesmo serviu de exemplo para acentuar êsse costume: era pregador de grande poder. Considerava-se como nada; a mensagem saía-lhe do íntimo do coração; o povo sentia a presença de Deus. Em Zwiekau pregou a um auditório de 25 mil pessoas na praça pública. Calcula-se que escreveu 180 volumes na língua materna e quase um número igual no latim. Apesar de sofrer de várias doenças, sempre se esforçava dizendo: "Se eu morrer na cama será uma vergonha para o Papa."

Os homens geralmente querem atribuir o grande êxito de Lutero à sua extraordinária inteligência e aos seus destacados dons. O fato é que Lutero tinha o costume de orar horas a fio. Dizia que se não passasse duas horas de manhã orando, receiaria que Satanás ganhasse a vitória sôbre êle, durante o dia. Certo biógrafo escreveu: "O tempo que êle passa em oração, produz o tempo para tudo que faz. O tempo que passa com a Palavra vivificante enche o coração até transbordar em sermões, correspondência e ensinamentos".

A sua espôsa disse que as orações de Lutero "eram, às vêzes, como os pedidos insistentes do seu filhinho, Hanschen, confiando na bondade de seu pai; outras vêzes, era como a luta de um gigante na angústia do combate".

Encontra-se o seguinte na História da Igreja Cristã, por Souer, Vol. 3, pág. 406: "Martinho Lutero profetizava, evangelizava, falava línguas e interpretava; revestido de todos os dons do Espirito".

Nos seus sessenta e dois anos pregou seu último sermão, sôbre o texto: "Ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos e as revelastes aos pequeninos". No mesmo dia escreveu para a sua querida Catarina: "Lança o teu cuidado sôbre o Senhor, e Êle te susterá. Amem". Isso foi na última carta que escreveu. Vivia sempre esperando que o Papa conseguisse a executar a repetida ameaça de queimá-lo vivo. Contudo não era a vontade de Deus, Cristo o chamou enquanto sofria dum ataque do coração, em Eisleben, cidade onde nascera.

São estas as últimas palavras de Lutero: "Vou render o espírito." Então louvou a Deus em alta voz: "Oh, meu Pai celeste! meu Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, no Qual creio, que preguei e confessei, amei e louvei... Oh, meu querido Senhor Jesus Cristo, Te encomendo a minha pobre alma. Oh, Meu Pai celeste! em breve tenho de deixar êste corpo, mas sei que ficarei

eternamente cortejo e que ninguém me pode arrebatar das Tuas mãos". Então, depois de recitar João 3:16, três vêzes, repetiu as palavras: "Pai, em Tuas mãos entrego o meu espírito, pois Tu me resgataste, Deus fiel"; assim fechou os olhos e adormeceu.

Um imenso cotejo de crentes que o amavam ardentemente, com cinqüenta cavaleiros à frente, saiu de Eisleben para Witenburgo; passando pela porta da cidade onde o Reformador queimara a bula de excomunhão, entrou pelas portas da igreja onde, fazia vinte e nove anos, afixara as 95 teses. No culto fúnebre Bugenhagen, o pastor, e Melancton, inseparável companheiro de Lutero, discursaram. Depois abriram a sepultura, preparada ao lado do púlpito, e ali depositaram o corpo.

Quatorze anos depois, o corpo de Melancton achou descanso do outro lado do púlpito. Em redor dos dois, jazem os restos mortais de mais de noventa mestres da universidade.

As portas da Igreja do Castelo foram destruidas pelo fogo, no bombardeio de Witenburgo em 1760, mas foram substituidas por portas de bronze em 1812, nas quais estão gravadas as 95 teses. Contudo, êste homem que perseverou em oração, deixou gravadas, não no metal que perece, mas em centenas de milhões de almas imortais, a Palavra de Deus que dará fruto para tôda a eternidade.



João Bunyan

JOÃO BUNYAN

SONHADOR IMORTAL

1628-1688

"Caminhando pelo deserto dêste mundo, parei num sítio onde havia uma caverna (a prisão de Bedford): ali deitei-me para descansar. Em breve adormeci e tive um sonho. Vi um homem coberto de andrajos, de pé, e com as costas voltadas para a sua habitação, tendo sôbre os ombros uma pesada carga e nas mãos um livro".

Faz três séculos que João Bunyan assim iniciou o seu livro, o *Peregrino*. Os que conhecem as suas obras literárias podem testificar de que êle é, de fato, "o Sonhador Imortal" — "estando êle morto, ainda fala." Contudo, enquanto miríades de crentes conhecem *O Peregrino*, muito poucos conhecem a história da vida de oração dêsse valente pregador.

Bunyan, na sua obra, *Graça Abundante ao Principal dos Pecadores*, nos informa que seus pais, apesar de viverem em extrema pobreza, conseguiram ensiná-lo a ler e escrever. Êle mesmo se intitulou a si próprio "o principal dos pecadores"; outros atestam que era "bem sucedido" até na impiedade. Contudo, casou-se com uma moça de família cujos membros eram crentes fervorosos. Bunyan era funileiro e, como acontecia com todos os funileiros, era paupérrimo; ela não possuia um prato nem uma colher — apenas dois livros: *O Caminho do Homem Simples para os Céus* e *A Prática*

da Piedade, obras que seu pai, ao falecer, lhe deixara. Apesar de Bunyan achar "algumas coisas que lhe interessava" nesses dois livros, sòmente nos cultos é que se sentiu convicto de estar no caminho para o inferno.

Descobre-se nos seguintes trechos, copiados de *Graça Abundante ao Principal dos Pecadores,* como êle lutava em oração no tempo da sua conversão:

"Veio-me às mãos uma obra dos "Ranters", livro estimado por alguns doutores. Não sabendo julgar os méritos dessas doutrinas, dediquei-me a orar desta maneira: "Ó Senhor, não sei julgar entre o êrro e a verdade: Senhor, não me abandones para aceitar ou rejeitar essa doutrina cegamente; se ela fôr de Deus, não me deixes desprezá-la; se fôr do Diabo, não me deixes abraçá-la" — e, louvado seja Deus, Êle que me dirigiu a clamar desconfiando na minha própria sabedoria, Êle mesmo me guardou do êrro dos "Ranters". A Bíblia era para mim muito preciosa nêsse tempo".

"Enquanto eu me sentia condenado às penas eternas, admirei-me de como o próximo se esforçava para ganhar bens terrestres, como se esperasse viver aqui eternamente... Se eu pudesse ter a certeza da salvação da minha alma, como me sentiria rico, mesmo que não tivesse mais para comer a não ser feijão".

"Busquei o Senhor, orando e chorando e do fundo da alma clamei: Ó Senhor, mostra-me, eu Te rogo, que me amas com amor eterno. Logo que clamei, voltaram para mim as palavras, como um éco: Eu te amo com amor eterno. Deitei-me para dormir em paz e, ao acordar, no dia seguinte, a mesma paz permanecia na minha alma. O Senhor me assegurou: Amei-te enquanto vivias no pecado, amei-te antes, amo-te depois e amar-te-ei por todo o sempre".

"Certa manhã, enquanto tremia na oração, porque pensava que não houvesse palavra de Deus para me

sossegar, Êle me deu esta frase: "A minha graça te basta".

"O meu entendimento foi tão iluminado como se o Senhor Jesus olhasse dos céus para mim, pelo telhado da casa, e me dirigisse essas palavras. Voltei para casa chorando, transbordando de gôzo e humilhado até o pó".

"Contudo, certo dia, enquanto andava no campo, a consciência inquieta, de repente estas palavras entraram na minha alma: Tua justiça está nos céus. E parecia que, com os olhos da alma, vi a Jesus Cristo à dextra de Deus, permanecendo ali como minha justiça... Vi, além disso, que não é o meu bom coração que torna a minha justiça melhor, nem o meu coração que a prejudica; porque a minha justiça é o próprio Cristo, o mesmo ontem, hoje e para sempre. As cadeias então cairam-me das pernas; fiquei livre das angústias; as tentações perderam a fôrça; o horror da severidade de Deus não mais me pertubava, e voltei para casa regozijando-me na graça e amor de Deus. Não achei na Bíblia a frase: Tua justiça está nos céus. Mas achei "o qual para nós foi feito por Deus sabedoria e justiça, e santificação, e redenção" (I Cor. 1:30) e vi que a outra frase era verdade".

"Enquanto eu assim meditava, o seguinte trecho das Escrituras penetrou no meu espírito com poder: "Não pelas obras de justiça que houvéssemos feito, mas segundo a sua misericórdia, nos salvou." Assim fui levantado para as alturas e me achava nos braços da graça e misericórdia. Antes temia a morte mas depois clamei: Quero morrer. A morte tornou-se para mim uma coisa desejável. Não se vive verdadeiramente antes de passar para a outra vida. Oh, pensava eu, esta vida é apenas um sonho em comparação à outra! Foi nessa ocasião que as palavras, "herdeiros de Deus", se tornaram tão cheias de sentido, que eu não posso explicar aqui neste mundo. "Herdeiros de Deus!" O próprio Deus é a

porção dos santos. Isso vi e disso me admirei, contudo não posso contar o que vi... Cristo era um Cristo precioso na minha alma, era o meu gôzo; paz e triunfo por Cristo eram tão grandes que tive dificuldade em conter-me e ficar deitado".

Bunyan, na sua luta para sair da escravidão do vício e pecado, não fechava a alma aos perdidos que ignoravam os horrores do inferno. Acêrca disto êle escreveu:

Percebi pelas Escrituras que o Espírito Santo não quer que os homens enterrem os seus talentos e dons na terra, mas antes que despertem êsses dons... Dou graças a Deus, por me haver concedido uma medida de entranhas e compaixão, pela alma do próximo, e me enviou a esforçar-me grandemente para falar uma palavra que Deus pudesse usar para apoderar-se da consciência e despertá-la. Nisso o bom Senhor respondeu ao anelo de Seu servo, e o povo começou a mostrar-se comovido e angustiado de espírito ao perceber o horror do seu pecado e a necessidade de aceitar a Jesus Cristo".

"De coração clamei a Deus com grande insistência que Êle tornasse a Palavra eficaz para a salvação da alma... De fato, disse repetidamente ao Senhor que, se o meu enforcamento perante os olhos dos ouvintes servisse para despertá-los e confirmá-los na verdade, eu o aceitaria alegremente".

"O maior anelo em cumprir meu ministério era o de entrar nos lugares mais escuros do pais... Na pregação, realmente, sentia dores de parto para que nascessem filhos para Deus. Sem fruto, não ligava importância a qualquer louvor aos meus esforços; com fruto, não me importava com qualquer oposição".

Os obstáculos que Bunyan tinha de encarar eram muitos e variados. Satanás, vendo-se grandemente prejudicado, pela obra dêsse servo de Deus, começou a levantar barreiras de tôdas as formas. Bunyan resitia

fielmente a tôdas as tentações de vangloriar-se sôbre o fruto de seu ministério e cair na condenação do Diabo. Quando, certa vez, um dos ouvintes lhe disse que pregara um bom sermão, êle respondeu: Não precisa dizer-me isso, o Diabo já cochichou a mesma coisa no meu ouvido antes de sair da tribuna.

Então o inimigo das almas suscitou os impios para caluniá-lo e espalhar boatos em todo o país, a fim de induzí-lo a abandonar seu ministério. Chamavam-no de feiticeiro, jesuita, cangaceiro e afirmavam que vivia amancebado, que tinha duas espôsas e que os seus filhos eram ilegítimos.

Quando o Maligno falhou em todos êsses planos de desviar Bunyan do seu ministério glorioso, os inimigos denunciaram-no de não observar os regulamentos dos cultos da igreja oficial. As autoridades civis o sentenciaram à prisão perpétua, recusando terminantemente a revogação da sentença, apesar de todos os esforços de seus amigos e os rogos da sua espôsa — tinha de ficar preso até se comprometer a não mais pregar.

Acêrca da sua prisão, êle diz: "Nunca tinha sentido a presença de Deus ao meu lado em tôdas as ocasiões como depois de ser encerrado... fortalecendo-me tão ternamente com esta ou aquela Escritura até me fazer desejar, se fôsse lícito, maiores provações para receber maiores consolações.

"Antes de ser preso, eu previa o que aconteceria, e duas coisas ardiam no coração, acêrca de como podia encarar a morte, se chegasse a tal ponto. Fui dirigido a orar pedindo a Deus que me fortalecesse com tôda a fôrça, segundo o poder da sua glória, em tôda a fortaleza e longanimidade, dando com alegria graças ao Pai. Quasi nunca orei, durante o ano antes de ser preso, sem que essa Escritura entrasse na mente e eu compreendesse que para sofrer com tôda a paciência

devia ter tôda a fortaleza, especialmente para sofrer com alegria".

"A segunda consideração foi na passagem que diz: "Mas nós temos tido dentro de nós mesmos a sentença de morte para que não confiássemos em nós mesmos, porém em Deus que ressuscita os mortos": Cheguei a ver, por essa Escritura, se eu chegasse ao ponto de sofrer como devia, que, primeiramente tinha de sentenciar à morte tôdas as coisas que pertencem à nossa vida, considerando-me a mim mesmo, minha espôsa, meus filhos, a saúde, os prazeres, tudo, enfim, como mortos para comigo e eu morto para com êles.

"Resolvi, como Paulo disse, a não olhar para as coisas que se vêem, mas sim para as que se não vêem; porque as coisas que se vêem, são temporais, mas as coisas que se não vêem são eternas. E compreendi que se eu fôsse prevenido apenas de ser preso, poderia, de improviso, ser chamado, também, para ser açoitado, ou amarrado ao pilorinho. Ainda, que esperasse apenas êsses castigos, não suportaria o castigo de destêrro. Mas a melhor maneira para passar os sofrimentos seria confiar em Deus, quanto ao mundo vindouro; quanto a êste mundo, devia considerar o sepulcro como minha morada, extender o meu leito nas trevas, dizer a corrupção; tu és meu pai, e aos vêrmes: Vós sois minha mãe e minha irmã. (Vêde Jó 17:13,14)".

"Contudo, apesar dêsse auxílio, senti-me um homem cercado de fraqueza. A separação da minha espôsa e de nossos filhos, aqui na prisão, torna-se, às vêzes, como se fôsse a separação da carne dos ossos. E isto não sòmente porque lembro-me das tribulações e misérias que meus queridos têm de sofrer, especialmente a filhinha cega. Minha pobre filha, quão triste é a tua porção neste mundo! Serás maltratada, pedirás esmolas; passarás fome, frio, nudez e outras calamidades!

Oh, os sofrimentos da minha ceguinha quebrar-me-iam o coração aos pedaços!"

"Eu meditava muito, também, sôbre o horror do inferno para os que temiam a cruz ao ponto de recusar a glorificar a Cristo, Suas palavras e leis perante os filhos dos homens. Pensava, ainda mais, sôbre a glória que Êle preparava para os que em amor, fé e pa - ciência testificavam dÊle. A lembrança destas coisas serviam para diminuir a mágoa que sentia ao lembrar-me de que eu e meus queridos sofriam pelo testemunho de Cristo".

Nem todos os horrores da prisão abalaram o espírito de João Bunyan. Quando lhe ofereciam a sua liberdade sob as condições de êle não pregar mais, respondia: "Se eu sair hoje da prisão, pregarei amanhã, com o auxílio de Deus".

Mas se alguém pensar que, afinal de contas, João Bunyan era apenas um fanático, êle deve ler e meditar sôbre as suas obras que nos deixou: *Graça Abundante ao Principal dos Pecadores; Chamado ao Ministério; O Peregrino; A Peregrina; A Conduta do Crente; A Glória do Templo; O Pecador de Jerusalém É salvo; As Guerras da Famosa Cidade de Almahumana; A Vida E Morte de Homemau; O Sermão do Monte; A Figueira Infrutífera; Discursos Sôbre Oração; O Viajante Celestial; Gemidos de Uma Alma No Inferno; A Justificação É Imputada;* etc..

Passou mais de doze anos encarcerado. É fácil dizer que foram doze longos anos, mas é difícil conceber o que isso significa — passou mais da quinta parte da sua vida na prisão, na idade de maior energia. Foi um Quaker, chamado Whitehead, que conseguiu a sua libertação. Depois de liberto, pregou em Bedford, Londres e muitas outras cidades. Era tão popular que foi alcunhado de "Bispo Bunyan". Continuou o seu ministério fielmente até à idade de sessenta anos, quando

foi atacado de febre e faleceu. O seu túmulo é visitado por dezenas de milhares de pessoas.

Como se explica o êxito de João Bunyan? O orador, o escritor, o pregador, o professor da Escola Dominical e o pai de família, cada um conforme o seu ofício, pode lucrar grandemente com um estudo do estilo e méritos de seus escritos, apesar de êle ser um humilde funileiro, sem instrução.

Mas como se pode explicar o maravilhoso sucesso de Bunyan? Como pode um iletrado pregar como êle pregava e escrever num estilo capaz de interessar a criança e o adulto, o pobre e o rei, o douto e o indouto? A única explicação do seu êxito é que *êle era um homem em constante comunhão com Deus".* Apesar de seu corpo estar preso no cárcere, a sua alma estava liberta. Porque foi ali, numa cela, que João Bunyan teve as visões descritas nos seus livros — visões muito mais reais do que os seus perseguidores e as paredes que o cercavam. Depois de desaparecerem os perseguidores da terra e as paredes cairem em pó, o que Bunyan escreveu continua a iluminar e alegrar a tôdas as terras e a tôdas as gerações.

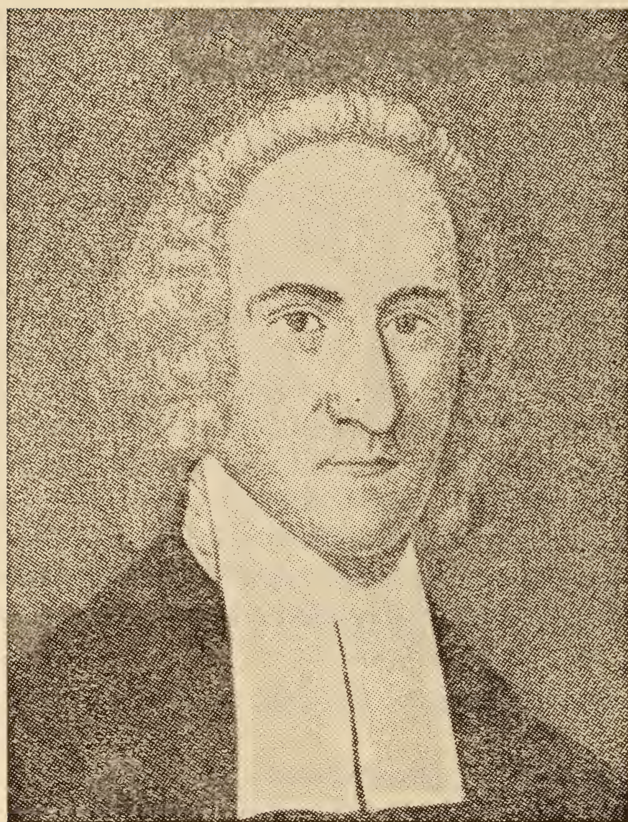
O que vamos citar mostra como Bunyan lutava com Deus em oração:

"Há, na oração, o ato de desvelar a própria pessoa, de abrir o coração perante Deus, de derramar afetuosamente a alma em pedidos, suspiros e gemidos. "Senhor", disse Daví, "diante de ti está todo o meu desejo e o meu gemido não te é oculto" (Sal. 38:9). E outra vez: "A minha alma tem sêde de Deus, do Deus vivo; quando entrarei e me apresentarei ante a face de Deus? Quando me lembro disto, dentro de mim derramo a minha alma!", (Sal. 42:2-4). Note: "Derramo a minha alma!" É um termo demonstrativo que em oração sai a própria vida e tôda a fôrça para Deus".

Em outra ocasião escreveu: "As melhores orações consistem, às vêzes, mais de gemidos do que de palavras e estas palavras não são mais que a mera representação do coração, vida e espírito de tais orações".

Como êle *insistia* e *importunava* em oração a Deus, é claro no trecho seguinte: "Eu te digo: Continua a bater, chorar, gemer e prantear; se Êle se não levantar para te dar, porque és Seu amigo, ao menos por causa da tua importunação, levantar-se-á para dar-te tudo que precisar".

Sem contestação, o grande fenômeno da vida de João Bunyan consistia no seu conhecimento íntimo das Escrituras, as quais amava, e na perseverança em oração ao Deus que adorava. Se alguém duvidar de que Bunyan seguia a vontade de Deus nos doze longos anos que passou na prisão de Bedford, deve lembrar-se de que êsse servo de Cristo, ao escrever *O Peregrino* na prisão de Bedford, pregou um sermão que já dura quasi três séculos e que hoje é lido em cento e quarenta línguas. É o livro de maior circulação depois da Bíblia. Sem tal dedicação a Deus não era possível conseguir o incalculável fruto eterno dêsse sermão pregado por um funileiro cheio da graça de Deus!



Jônatas Edwards

JÔNATAS EDWARDS

GRANDE DESPERTADOR

1703-1758

Há dois séculos que o mundo fala do famoso sermão, *Pecadores nas mãos de Deus irado* e dos ouvintes que se agarravam aos bancos pensando que iam cair no fogo eterno. Êsse fato foi, apenas, um dos muitos que aconteceram nas reuniões em que o Espírito Santo desvendava os olhos para os presentes contemplarem as glórias dos céus e a realidade do castigo que está bem perto daqueles que estão afastados de Deus.

Jônatas Edwards, entre os homens, era o vulto maior nesse avivamento, o qual se intitulava *O grande despertamento.* Sua vida é um exemplo destacado de consagração ao Senhor para o desenvolvimento maior do intelecto e, sem qualquer interêsse próprio, deixar o Espírito Santo usar o mesmo intelecto como instrumento nas Suas mãos. Amava a Deus, não sòmente de coração e alma, mas também de todo o *entendimento*. "Sua mente prodigiosa apoderava-se das verdades mais profundas". Contudo, "sua alma era, de fato um santuário do Espírito Santo". Sob aparente calma exterior, ardia o fogo divino, como um vulcão.

Os crentes atuais devem a êsse herói, graças a sua perseverança em orar e estudar sob a direção do Espírito, a volta às várias doutrinas e verdades da Igreja primitiva. Grande é o fruto da dedicação do lar em que

nasceu e se criou. Seu pai era o amado pastor de uma só igreja durante um período de sessenta e quatro anos. Sua piedosa mãe era filha de pregador que pastoreou uma igreja durante mais que cinqüenta anos.

Das dez irmãs de Jônatas, quatro eram mais velhas do que êle e seis mais novas. "Muitas foram as orações que os pais ofereceram a Deus, para que o único e amado filho fôsse cheio do Espírito Santo, e que se tornasse grande perante o Senhor. Não sòmente oravam assim, fervorosa e constantemente, mas mostravam-se igualmente zelosos em criá-lo para Deus. As orações, à volta da lareira, os incitaram a se esforçarem, e seus esforços redobrados os estimularam a orarem mais fervorosamente... O ensinamento religioso e permanente resultou em Jônatas conhecer ìntimamente a Deus, quando ainda criança".

Quando Jônatas tinha sete ou oito anos, houve um despertamento na igreja de seu pai, e Jônatas acostumou-se a orar sòzinho, cinco vêzes, todos os dias, e a chamar outros da sua idade para orarem com êle.

Citamos aqui as suas palavras sôbre êsse assunto: "A primeira experiência, de que me lembro, de sentir no íntimo a delícia de Deus e das coisas divinas, foi ao ler as palavras de I Tim. 1:7. *Ora ao Rei dos séculos, imortal invisível, ao único Deus seja honra e glória para todo o sempre. Amém*... Sentia a presença de Deus até arder o coração e abrazar a alma em uma maneira tal, que não sei descrevê-la... Gostava de passar o tempo olhando para a lua e, de dia, a contemplar as nuvens e os céus. Passava muito tempo observando a glória de Deus, revelada na natureza e cantando as minhas contemplações do Criador e Redentor... Antes me sentia demasiado assombrado ao ver os relâmpagos e ouvir o troar do trovão. Porém mais tarde eu me regozijava ao ouvir a majestosa e terrível voz de Deus na trovoada".

Antes de completar treze anos, iniciou seu curso em Yale College, onde, no segundo ano, leu atentamente a famosa obra de Locke: *Ensaio sôbre o entendimento humano.* Vê-se, nas suas próprias palavras acêrca dessa obra, o grande desenvolvimento intelectual do moço: "Achei mais gôzo nisso do que o mais ávido avarento, em ajuntar grandes quantidades de ouro e prata de tesouros recem adquiridos".

Edwards, antes de completar dezessete anos, diplomou-se em Yale College com as maiores honras. Sempre estudava com o maior esmero, mas também, conseguiu tempo para estudar a Bíblia, diàriamente. Depois de diplomar-se, continuou seus estudos em Yale, durante dois anos e foi então separado para o ministério.

Foi nessa altura que seu biógrafo escreveu acêrca de seu costume de dedicar certos dias para jejuar, orar e examinar-se a si mesmo.

Acêrca da sua consagração, com a idade de vinte anos, Edwards escreveu: "Dediquei-me solenemente a Deus e o fiz por escrito, entregando a mim mesmo e tudo que me pertencia ao Senhor para não ser mais meu em qualquer sentido, para não me comportar como quem tivesse direitos de forma alguma... travando, assim, uma batalha com o mundo, a carne e Satanás até ao fim da vida".

Alguém assim se referiu a Jonatas: "Sua constante e solene comunhão com Deus, em secreto, fazia com que o rosto dêle brilhasse perante o próximo, e a sua aparência, semblante, palavras e todo o seu comportamento eram acompanhados por seriedade, gravidade e solenidade".

Aos vinte quatro anos casou-se com Sara Pierrepont, filha de um pastor, e dêsse enlace nasceram, como na família do pai de Edwards, onze filhos.

Ao lado de Jônatas, Edwards, no Grande Despertamento, estava o nome de Sara Edwards, sua fiel espôsa e ajudadora em tudo. Como seu marido, ela nos serve como exemplo de rara intelectualidade profundamente estudiosa, inteiramente entregue ao serviço de Deus. Ela era conhecida por sua santa dedicação ao lar, em criar os filhos e pela economia que praticava, movida pelas palavras de Cristo: "Para que nada se perca". Mas, antes de tudo, tanto ela como seu marido, eram conhecidos por suas experiências em oração. Faz-se menção destacada especialmente num período de três anos, durante os quais, apesar de gozar de perfeita saúde, ficava repetidas vêzes, sem fôrças, por causa das revelações dos céus. A sua vida inteira era de intenso gôzo no Senhor.

Jônatas Edwards costumava passar treze horas, todos os dias, estudando e orando. Sua espôsa, também, diàriamente acompanhava-o na oração. Depois da última refeição, êle deixava tôda a lida a fim de passar uma hora com a família.

Mas, quais as doutrinas de que a Igreja havia esquecido e quais as que Edwards começou a ensinar e a observar de novo, com manifestações tão sublimes?

Basta uma leitura superficial para descobrir que a doutrina, à qual deu mais ênfase, foi a do novo nascimento, como sendo uma experiência certa e definida, em contraste a idéia da Igreja Romana e de várias denominações, de que é suficiente, aceitar uma doutrina. Grande número de crentes despertaram diante do perigo de passar a vida sem ter a certeza de estarem no caminho para o céu, enquanto, realmente, estavam ao ponto de cairem no inferno. Não se pode esperar outra coisa, a não ser que aqueles que foram despertados, fôssem tomados de grande espanto.

O evento que marcou o comêço do Grande Despertamento, foi uma série de sermões feitos por Edwards

sôbre a doutrina da Justificação pela Fé, que fêz os ouvintes sentirem a verdade das Escrituras, de que tôda a bôca ficará fechada no dia de juizo, e que "não há coisa alguma que, por um momento, evite que o pecador caia no inferno, senão o bel prazer de Deus".

É impossível avaliar o grau do poder de Deus, derramado para despertar milhares de almas, para a salvação, sem primeiro nos lembrarmos das condições das igrejas da Nova Inglaterra e do mundo inteiro, nessa época. Quem, até hoje, não se admira do heroísmo dos puritanos que colonizaram as florestas da Nova Inglaterra? Passara, porém, essa glória e a Igreja, indiferente e cheia de pecado se encontrava face a face com o maior desastre. Parecia que Deus não queria abençoar a obra dos puritanos, obra que existiu ùnicamente para Sua glória. Por isso, no mesmo grau que havia coragem e ardor entre os pioneiros, houve entre seus filhos, perplexidade e confusão. Se não pudessem alcançar, de novo, a espiritualidade da Igreja, só lhes restava esperar o juízo dos céus.

O famoso sermão de Edwards, "Pecadores nas mãos de um Deus irado", merece menção especial.

O povo, ao entrar para o culto, mostrava um espirito leviano, e mesmo de desrespeito, diante dos cinco pregadores que estavam presentes. Jônatas Edwards foi escolhido para pregar. Era homem de dois metros de altura; seu rosto tinha aspecto quasi feminino, e o corpo magro de jejuar e orar. Sem quaisquer gestos, encostado num braço sôbre a tribuna, segurando o manuscrito na outra mão, falava em voz monótona. Discursou sôbre o texto de Deuteronômio 32:35: "Ao tempo em que resvalar o seu pé".

Depois de explicar a passagem, acrescentou que nada evitava, por um momento que os pecadores caissem no inferno, a não ser a própria vontade de Deus; que Deus estava mais encolerizado com alguns

dos ouvintes do que com muitas pessoas que já estavam no inferno; que o pecado era como um fogo encerrado dentro do pecador e pronto, com a permissão, de Deus, a transformar-se em fornalhas de fogo e enxofre, e que sòmente a vontade do Deus indignado os guardava da morte instantânea.

Prosseguiu, então, aplicando o texto ao auditório: "Aí está o inferno com a bôca aberta. Não existe coisa alguma sôbre a qual vós vos possais firmar e segurar. Entre vós e o inferno existe apenas a atmosfera... há, atualmente, nuvens negras da ira de Deus pairando sôbre vossas cabeças, predizendo tempestades espantosas, com grandes trovões. Se não existisse a vontade soberana de Deus, que é a única coisa para evitar o ímpeto do vento até agora, serieis destruidos e vos tornarieis como a palha da eira... O Deus que vos segura na mão, sôbre o abismo do inferno, mais ou menos como o homem seguar uma aranha ou outro inseto nojento sôbre o fogo, durante um momento, para deixá-lo cair depois está sendo provocado em extremo... Não há que admirar, se alguns de vós com saúde e calmamente sentados aí nos bancos, passarem para lá antes de amanhã..."

O resultado do sermão foi como se Deus arrancasse um véu dos olhos da multidão para contemplar a realidade e o horror da posição em que estavam. Nessa altura o sermão foi interrompido pelos gemidos dos homens e os gritos das mulheres, que ficaram de pé, ou caídos no chão. Foi como se um furacão soprasse e destruísse uma floresta. Durante a noite inteira a cidade de Enfield ficou como uma fortaleza sitiada. Ouvia-se, em quasi tôdas as casas, o clamor das almas que, até àquela hora confiavam na sua própria justiça. Esperavam que, a qualquer momento, o Cristo descesse dos céus com os anjos e apóstolos ao lado, e que os túmulos entregassem os mortos que neles havia.

Tais vitórias, contra o reino das trevas, foram ganhas de joelhos. Edwards não abandonara, nem deixára de gozar os privilégios das orações, costume que vinha desde a meninice. Continuou a frequentar, também, os lugares solitários na floresta onde podia ter comunhão com Deus. Como um exemplo citamos a sua experiência com a idade de trinta e quatro anos, quando entrou na floresta, a cavalo. Lá, prostrado em terra, foi-lhe concedido ter uma visão tão preciosa da graça, amor e humilhação de Cristo como Mediador, que passou uma hora vencido por uma torrente de lágrimas e pranto.

Como era de esperar, o maligno tentou anular a obra gloriosa do Espírito Santo do "Granda Despertamento", atribuindo tudo ao fanatismo. Em sua defesa Edwards escreveu: "Deus, conforme as Escrituras, faz coisas extraordinárias. Há motivos para crer, pelas profecias da Bíblia, que Sua obra mais maravilhosa seria feita nas últimas épocas do mundo. Nada se pode opor às manifestações físicas, como as lágrimas, gemidos, gritos, convulsões, falta de fôrças... De fato é natural esperar, ao lembrarmo-nos da relação entre o corpo e o espírito, que tais coisas aconteçam. Assim falam as Escrituras, do carcereiro que caiu perante Paulo e Silas, angustiado e tremendo. O Salmista exclamou, sob a convicção do pecado: "Envelheceram os meus ossos pelo meu bramido durante o dia todo". (Sal. 32:3). Os discípulos, na tempestade do lago, clamaram de mêdo. A noiva, no Cântico dos Cânticos ficou vencida, pelo amor de Cristo, até desfalecer..."

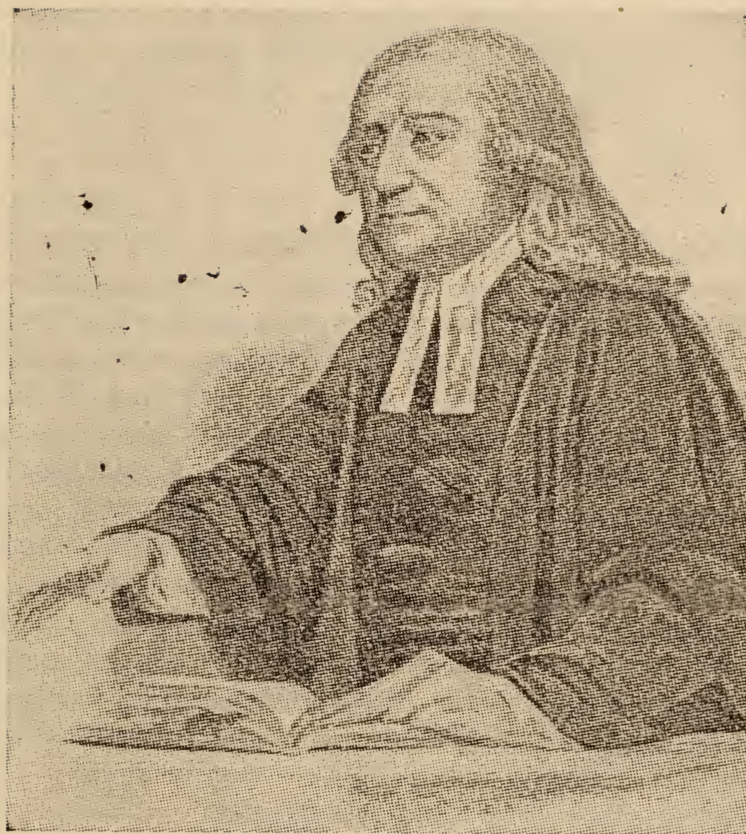
Certo é que na Nova Inglaterra começou, em 1740, um dos maiores avivamentos dos tempos modernos. É igualmente certo que êste movimento se iniciou, não com os sermões célebres de Edwards, mas com a firme convicção dêste, de que há uma "obra diréta que o Espírito Divino faz na alma humana". Note-se bem: Não

foram êsses sermões monótonos, nem a eloquência extraordinário de alguns como Jorge Whitefield, mas, sim, a obra do Espírito Santo no coração dos mortos espiritualmente, que, "começando em Northampton, se espalhou por tôda a Nova Inglaterra e pelas colônias da América do Norte, chegando até à Escócia e à Inglaterra". De uma época de maior decadência, a Igreja de Cristo, entre a população escassa da Nova Inglaterra, despertou e foram arrebatadas de trinta a cinqüenta mil almas do inferno durante um período de dois a três anos.

No meio das suas lutas, sem ninguém esperar, a vida de Jônatas Edwards foi tirada da terra. Apareceu a varíola em Princeton e um hábil médico foi chamado de Filadélfia para inocular os estudantes. O nosso pregador e duas de suas filhas foram também vacinados. Na febre que resultou, as fôrças de nosso herói diminuiram gradualmente até que, um mês depois, faleceu.

Assim diz um de seus biógrafos: "Em todo o mundo onde se falava o inglês, era considerado o maior erudito desde os dias do apóstolo Paulo ou de Agostinho".

Para nós, a vida de Jônatas Edwards é uma das muitas provas de que Deus não quer que desprezemos as faculdades intelectuais que Êle nos concede, mas que as desenvolvamos, sob a direção do Espírito Santo, e que as entreguemos desinteressadamente para o Seu uso.



João Wesley

JOÃO WESLEY

TOCHA TIRADA DO FOGO

1703-1791

O céu à meia noite era iluminado pelo reflexo sombrio das chamas que devoravam vorazmente a casa do pastor Samuel Wesley. Na rua ouviam-se os gritos: "Fogo! Fogo!" Contudo, a família do pastor continuava a dormir tranquilamente, até que os escombros ardentes caíram sôbre a cama de uma filha, Hetty. A menina acordou sobressaltada e correu para o quarto do pai. Sem poder salvar coisa alguma das chamas, a família foi obrigada a sair casa a fora, vestindo apenas as roupas de dormir, numa temperatura gélida.

A ama, ao ser despertada pelo alarme, arrebatou a criança menor, Carlos, do bêrço. Chamou os outros meninos, insistindo que a seguissem, desceu a escada; porém, João, que então contava cinco anos e meio, ficou dormindo.

Três vêzes a mãe, Susana Wesley, a qual se achava doente, tentou debalde subir a escada. Duas vêzes o pai tentou, em vão, passar pelo meio das chamas, correndo. Sentindo o perigo, ajuntou a família no jardim, onde todos caíram de joelhos e suplicaram a favor da criança prêsa pelo fogo.

Enquanto a família orava, João acordou e, depois de tentar descer pela escada, subiu numa mala que estava em frente a uma janela, onde um vizinho o viu

em pé. O vizinho chamou outras pessoas e conceberam o plano de um dêles subir nos seus ombros, enquanto um terceiro subia nos ombros do segundo, até alcançar a criança. Dessa maneira, João foi salvo da casa em chamas, apenas instantes antes do této cair com grande fragor.

O menino foi levado pelos intrépidos homens que o salvaram, para os braços do pai. "Cheguem, amigos", clamou Samuel Wesley, ao receber o filhinho, "ajoelhemo-nos e agradecemos a Deus! Êle me restituiu todos os meus oito filhos; deixem a casa arder; os meus recursos são suficientes." Quinze minutos depois, a casa, os livros, documentos e mobiliário, não existiam mais.

Anos depois, em certa publicação, apareceu o retrato de João Wesley e em baixo a representação de uma casa ardendo, com as palavras: *Não é êste um tição tirado do fogo?* Zac. 3:2.

Encontra-se nos escritos de Wesley, a seguinte referência interessante, dêsse histórico sinistro: "Em 9 de Fevereiro de 1750, durante um culto de vigília, cêrca das onze horas da noite, lembrei-me de que era êsse o dia e a hora, havia quarenta anos, em que me tiraram das chamas. Aproveitei-me do ensejo para relatar a maravilhosa providência. Os louvores e as ações de graças subiram às alturas e grande foi o regozijo perante o Senhor." Tanto o povo, como João Wesley, já sabiam naquele tempo porque o Senhor o poupara do incêndio.

O historiador, Lecky, nomeia o Grande Avivamento como sendo a influência que salvou a Inglaterra de uma revolução, igual à que, na mesma época, deixou a França em ruínas. Dos quatro vultos que se destacaram no Grande Avivamento, João Wesley era o maior. Jônatas Edwards, que nasceu no mesmo ano de Wesley, faleceu trinta e três anos antes dêle; Jorge Whitefield, nascido onze anos depois de Wesley, faleceu vinte anos antes dêle e Carlos Wesley continuou o seu itinerário efetivo

sòmente dezoito anos, enquanto João continuou durante meio século.

Mas a biografia dêste célebre pregador, para ser completa, deve incluir a história de sua mãe, Susana. De fato, é como certo biógrafo escreveu: "Não se pode traçar a história do Grande Avivamento do século passado (1700), na Inglaterra, sem dar uma grande parte da honra merecida à mãe de João e Carlos Wesley; isso não sòmente por causa da instrução que inculcou profundamente aos filhos, mas por causa da direção que deu ao avivamento."

A mãe de Susana era filha de um pregador. Esforçada na obra de Deus, casou-se com o eminente ministro, Samuel Annesley. Dos vinte e cinco filhos dêsse enlace, Susana era a vigésima quarta. Durante a vida, seguiu o exemplo da sua mãe, passando uma hora de madrugada e outra à noite, orando e meditando sôbre as Escrituras. Pelo que ela escreveu certo dia, vê-se como se dedicava à oração: "Que Deus seja louvado por todo o dia que nos comportamos bem. Mas estou ainda descontente, porque não desfruto muito de Deus; sei que me conservo demasiado longe dÊle; anseio ter a alma mais ìntimamente ligada a Êle pela fé e amor".

João era o décimo-quinto filho dos dezenove filhos de Samuel e Susana Wesley. O que vamos transcrever, escrito pela mãe de João, mostra como ela era fiel em "ordenar a seus filhos e a sua casa depois" dela (Gên. 18:19): "Para formar a mente da criança, a primeira coisa é vencer-lhe a vontade. A obra de instruir o intelecto leva tempo e deve ser gradual, conforme a capacidade da criança. Mas o subjugar-lhe a vontade deve ser feito de uma vez, e quanto mais cedo tanto melhor... Depois, pode-se governar a criança pela razão e piedade dos pais, até chegar o tempo da criança poder, também, exercer o raciocínio."

Acêrca de Samuel e Susana Wesley e seus filhos, o célebre comentador da Bíblia; Adão Clark, escreveu: "Nunca li nem ouvi falar duma família; não conheço e nem existe outra, desde os dias de Abraão e Sara, de José e Maria de Nazaré, à qual a raça humana deva tanto."

Susana Wesley acreditava que "aquêle que poupa a vara, aborrece a seu filho" (Prov. 13:24), e não consentia que seus filhos chorassem em voz alta. Assim, apesar da casa estar repleta de crianças, nunca havia tempos tristonhos nem balbúrdia no lar do pastor. Um filho jamais ganhou coisa alguma chorando, na casa de Susana Wesley.

Susana marcava o quinto aniversário de cada filho como o dia em que deviam aprender o alfabeto; e todos, a não ser dois, cumpriram a tarefa no tempo marcado. No dia seguinte a criança que completava cinco anos e aprendia o alfabeto, começava o estudo da leitura, iniciando-o com o primeiro versículo da Bíblia.

"Os meninos no lar de Samuel Wesley aprenderam o valor que há em observar fielmente os cultos. Não há em outras histórias fatos tão profundos e atraentes como o que consta acêrca dos filhos de Samuel e Susana Wesley, pois antes de saberem ajoelhar-se ou falar, eram instruidos a dar graças pelo alimento, por meio de acenos apropriados. Logo que aprendiam a falar, repetiam a Oração Dominical de manhã e à noite: e eram ensinados, também a acrescentar outros pedidos, conforme o seu desejo... Ao chegarem a idade própria, um dia da semana era designado a cada filho, para conversar sôbre as "dúvidas e dificuldades". Na lista aparecem os nomes de João, para quarta-feira e o de Carlos, para o sábado. E para os filhos, o dia de cada um tornou-se precioso e memorável... É comovente ler o que João Wesley, vinte anos depois de sair da casa paterna disse à sua mãe: "Em muitas coisas a senhora

tem intercedido por mim e tem prevalecido. Quem sabe se agora também, na intercessão para que eu renuncie inteiramente o mundo, terá bom êxito?... Sem dúvida será eficaz para corrigir o meu coração, como era então para formar o meu caráter."

Depois do espetacular salvamento de João do incêndio, a sua mãe, profundamente convencida de que Deus tinha grandes planos para seu filho, resolveu firmemente criá-lo para servir e ser útil na obra de Cristo. Susana escreveu estas palavras nas suas meditações particulares: " Senhor, esforçar-me-ei mais definidamente em prol desta criança, a qual salvaste tão misericordiosamente. Procurarei transmitir-lhe fielmente ao coração os princípios da Tua religião e virtude. Senhor, dá-me a graça necessária para fazê-lo sincera e sàbiamente e abençôa os meus esforços com grande êxito."

Ela era tão fiel, em cumprir sua resolução, que João foi admitido a participar da Ceia do Senhor, com a idade de oito anos.

Nunca se omitia o culto doméstico do programa do dia, no lar de Samuel Wesley. Fosse que fosse a ocupação dos membros da família, ou dos criados, todos se reuniam para adorar a Deus. Na ausência do marido, Susana, com o coração aceso pelo fogo dos céus, dirigia os cultos. Conta-se que, certa vez, quando êle prolongou a ausência mais do que de costume, trinta a quarenta pessoas assistiram os cultos no lar dos Wesley e a fome pela Palavra de Deus aumentou, a ponto da casa ficar repleta das pessoas da visinhança que assistiam os cultos.

A família do pastor Samuel Wesley, vivia rodeada de pobreza; mas pela influência do Duque de Buckingham, conseguiram um lugar para João, na Charterhouse em Londres. Assim, o menino, antes de completar onze anos, deixou a atmosfera fragrante de oração ar-

dente, para enfrentar as porfias de uma escola pública. Contudo não cedeu ao ambiente de pecado de que estava rodeado. Conservava, também, as suas fôrças físicas, obedecendo fielmente o conselho de seu pai, que corresse três vêzes, de madrugada, em redor do grande jardim da Charterhouse. Tomou como regra da sua vida, dali em diante, manter o vigor do corpo. Aos 80 anos, apesar de seu físico franzino, considerava coisa insignificante andar de pé uma légua e meia, para pregar.

Conta-se um exemplo da influência que João exercia sôbre seus colegas da Charterhouse. Certo dia o porteiro sentiu falta dos meninos no terraço de recreio e foi achá-los em uma das salas, congregados em redor de João. Êste contava-lhes histórias instrutivas, as quais os atraiam mais do que o recreio.

Acêrca dêste tempo, João Wesley escreveu: "Eu participava de várias coisas que reconhecia como sendo pecado, embora não fossem escandalosas aos olhos do mundo. Contudo, continuei a ler as Escrituras e a orar de manhã e a noite. Baseava a minha salvação sôbre os seguintes pontos: (1) Não me considerava tão perverso como o próximo. (2) Conservava a inclinação de ser religioso. (3) Lia a Bíblia, assistia os cultos e fazia oração."

Depois de estudar seis anos na Charterhouse, Wesley cursou em Oxford, tornando-se proficiente no latim, grego, hebráico e francês. Mas seu interêsse principal não era o intelecto. Sôbre êsse assunto ele escreveu:"Comecei a reconhecer que a religião verdadeira tem a sua fonte no coração... reservei duas horas, todos os dias, para ficar sòzinho com Deus. Participava da Ceia do Senhor de oito em oito dias. Guardei-me de todo o pecado, quer de palavras, quer de atos. Assim, na base das boas obras que praticava, eu considerava-me um bom crente".

João se esforçava para levantar-se todos os dias às quatro horas. Por meio de anotações que escrevia, diàriamente, de tudo, que fazia durante o dia, conseguia dar conta de seu tempo para não desperdiçar um momento. Continuou a observar êsse costume até quase ao último dia da sua vida.

Certo dia, quando ainda jovem, assistiu um enterro em companhia de um moço, e conseguiu levá-lo a Cristo, ganhando, assim, a primeira alma para seu Salvador. Alguns meses depois, com a idade de 24 anos, e depois de um período de oração, foi separado para o diaconato.

Enquanto estudava em Oxford, ajuntava-se ali um pequeno grupo dos estudantes para orar, estudar as Escrituras, juntos, diàriamente, jejuar as quartas e sextas-feiras, visitar os doentes e encarcerados e confortar os criminosos na hora da execução. Tôdas as manhãs e tôdas as noites passavam uma hora, cada um, orando sòzinho em oculto. Nas orações paravam de vez em quando para observar se oravam com devido fervor. Sempre oravam ao entrar e ao sair dos cultos na igreja. Três dos membros dêsse grupo, mais tarde tornaram-se famosos entre os crentes: (1) João Wesley, o qual fêz mais que qualquer outra pessoa, talvez, para aprofundar a vida espiritual, não sòmente de então, mas também de nosso tempo; (2) Carlos Wesley, que chegou a ser um dos mais espirituais e famosos escritores de hinos evangélicos; e (3) Jorge Whitefield, que se tornou o comovente pregador ao ar livre.

Naquele tempo sentia-se a influência de João Wesley em tôda a parte das Américas, e hoje ainda é sentida. Contudo passou menos que dois anos nesse continente, e isto durante o período da sua vida, quando se achava perturbado por causa de dúvidas. Aceitou a chamada para pregar o Evangelho aos selvícolas na colônia de Georgia, desejoso de ganhar sua salvação por meio de

boas obras. Pensou que a vaidade e ostentação do mundo não se encontrariam nas matas da América.

Como era característico em sua vida, a bordo do navio em viagem à América do Norte, observava, com outros de seu grupo, um programa para não desperdiçar um momento durante o dia; levantava-se às quatro horas e deitava-se depois das vinte e uma. As primeiras três horas do dia eram dedicadas à oração e estudo das Escrituras. Depois de cumprir tudo que estava indicado no programa do dia, o cansaço era tanto que, não obstante o bramido do mar e o balanço do navio, dormiam sem perturbação, deitados sôbre um cobertor estendido no convés.

Na Georgia, a população inteira afluia à igreja para ouvir a sua pregação. A influência de seus sermões foi tal que, depois de dez dias, uma sala de baile ficou quase inteiramente abandonada, enquanto a igreja se enchia de pessoas que oravam e eram salvas.

Whitefield, que desembarcou na Georgia alguns meses depois de Wesley voltar à Inglaterra, assim, descreveu, o que viu: "O êxito de João Wesley na América é indizível. Seu nome é precioso entre o povo, onde lançou os alicerces que nem os homens, nem os demônios podem abalar. Ó que eu possa seguí-lo como êle seguiu a Cristo!" Contudo a Wesley faltava uma coisa muito importante, conforme se vê pelos acontecimentos que o levaram a sair da Georgia, conforme êle mesmo escreveu:

"Faz dois anos e quase quatro meses que deixei a minha terra natal para pregar Cristo aos índios da Georgia; entretanto o que cheguei eu a saber? Ora, vim a saber o que eu menos esperava; eu que fui à América para converter outros, nunca fui convertido a Deus:"

Depois de voltar à Inglaterra João Wesley começou a servir a Deus com a fé de um filho e não mais com

a fé dum simples servo. Acêrca dêsse assunto, eis o que êle escreveu: "Não reconhecia que esta fé era dada instantâneamente, que o homem podia sair das trevas para a luz imediatamente, do pecado e a miseria para a justiça e gôzo do Espírito Santo. Examinei de novo as Escrituras sôbre êste ponto, especialmente os Atos dos Apóstolos. Fiquei grandemente surpreendido ao ver quase sòmente conversões instantâneas; quase nenhuma tão demorada como a de Saulo de Tarso." Desde então começou a sentir mais e mais fome e sêde de justiça, a justiça de Deus pela fé.

Fracassara na sua primeira tentativa de pregar o Evangelho na América porque, apesar de seu zêlo e bondade de caráter, o cristianismo que possuia era uma coisa que recebera por instrução. Mas a segunda etapa de seu ministério destacou-se por um êxito fenomenal. Por que? O fogo de Deus ardia na sua alma; chegara a ter contacto direto com Deus por uma experiência pessoal.

Relatamos aqui, com suas próprias palavras, a sua experiência em que o Espírito testificou ao seu espírito que era filho de Deus — experiência que transformou completamente a sua vida:

"Eram quase cinco horas, hoje, quando abri o Testamento e encontrei estas palavras: "Êle nos tem dado grandíssimas e preciosas promessas para que por elas fiqueis participantes da natureza divina." II Pedro 1:4. Antes de sair abri o Testamento para ler estas palavras: "Não estais longe do reino de Deus"... À noite senti-me impelido a assistir em Aldersgate... Senti o coração abrazado; confiei em Cristo, sòmente em Cristo, para a salvação; foi-me dada a certeza de que Êle levara os *meus* pecados e de que *me* salvou da lei do pecado e da morte. Comecei a orar com tôdas as minhas fôrças... e testifiquei a todos os presentes do que sentia no coração."

Depois dessa experiência em Aldersgate, Wesley aspirava bençãos ainda maiores do Senhor, conforme êle mesmo escreveu: "Eu suplicava a Deus que cumprisse tôdas as Suas promessas na minha alma:" O Senhor honrou êste anelo, em parte não muito depois, enquanto eu orava com Carlos, Whitefield e cêrca de sessenta outros crentes em Fetter Lane. São de João Wesley também estas palavras: "Cerca das três horas da madrugada, enquanto perseverávamos em oração (Rom. 12:12), o poder de Deus nos sobreveio de tal maneira, que bradamos impulsionados de grande gôzo e muitos caíram ao chão. A seguir, ao passar um pouco o temor e a surpresa que sentimos na presença da Sua majestade, rompemos em uma só voz: Louvamos-te, ó Deus, aceitamos-te como Senhor."

Essa unção do Espírito Santo dilatou grandemente os horizontes espirituais de Wesley; o seu ministério tornou-se excepcionalmente frutuoso e êle trabalhou ininterruptamente durante 53 anos, com o coração abrazado pelo amor divino.

Um pastor prega, na média, cem vêzes por ano, mas João Wesley pregou na média de 780 vêzes por ano, durante 54 anos. Êsse homenzinho, com a altura de apenas um metro e sessenta e seis centímetros e pesando menos de sessenta quilos, dirigia-se a grandes multidões e sob as maiores provações. Quando as igrejas lhe fecharam as portas, levantou-se para pregar ao ar livre.

Apesar de enfrentar a apatia espiritual quase geral nos crentes, e uma onda de devassidão e crimes no país inteiro, multidões de 5 a 20 mil afluiam para ouvir seus sermões. Tornou-se comum nesses cultos, os pecadores acharem-se tão angustiados que gritavam e gemiam. Se célebres materialistas, tais como Voltaire e Tomaz Paine gritaram de convicção ao encontraremse com Deus no leito de morte, não é de admirar que

centenas de pecadores gemessem, gritassem e caíssem ao chão, como mortos, quando o Espírito Santo os levava a sentir a presença de Deus. Multidões de perdidos, assim tornavam-se novas criaturas em Cristo Jesus, nos cultos de João Wesley. Muitas vêzes os ouvintes eram levados às alturas de amor, gôzo e admiração; recebiam também visões da perfeição divina e das excelências de Cristo, até ficarem algumas horas como mortos. Vêde Apocalipse 1:17.

Como todos que invadem o território de Satanás, os irmãos Carlos e João Wesley, tinham de sofrer terríveis perseguições. Em Moorfield os inimigos do Evangelho acabaram com o culto, destruindo a mesa em que João subira para pregar e o insultaram e maltrataram. Em Sheffield, a casa foi demolida sôbre a cabeça dos crentes. Em Wednesbury destruiram as casas, roupa e móveis dos crentes, deixando-os desabrigados, expostos à neve e ao temporal. Diversas vêzes João Wesley foi apedrejado e arrastado como morto, na rua. Certa vez foi espancado na bôca, no rosto e na cabeça até ficar coberto de sangue.

Mas a perseguição da parte da igreja decadente era a sua maior cruz. Foram denunciados como "falsos profetas," "paroleiros," impostores arrogantes", "homens destros na astúcia espiritual," "fanáticos," etc., etc. Ao voltar para visitar Epworth, onde nascera e se criara, João assistiu, no domingo, o culto de manhã e o culto da tarde, na igreja onde seu pai fora fiel pastor durante muitos anos, mas não lhe foi concedida a oportunidade de falar ao povo. As dezoito horas, João, em pé, sôbre o monumento, que marcava o lugar em que enterraram seu pai, ao lado da igreja, pregou ao maior auditório jamais visto em Epworth — e Deus salvou muitas almas.

Qual a causa de tão grande oposição? Entre os crentes da igreja dormente, alegavam que eram as

suas pregações sôbre a justificação pela fé e a santificação. Os descrentes não gostavam dêle porque "levou o povo a se levantar para cantar hinos às cinco da madrugada."

João Wesley não sòmente pregava mais que os outros pregadores, mas os excedia como pastor, exortando e confortando os crentes, indo de casa em casa.

Nas suas viagens andava tanto a cavalo, como a pé, ora em dias ensolerados, ora sob chuvas, ora em temporais de neve, quando a maioria dos pregadores agora andam de navio e de trem. Durante os 54 anos do seu ministério, andou na média de mais que 7 mil quilômetros por ano, para alcançar os pontos de pregação.

Êsse homenzinho que andava 7 mil quilômetros por ano, ainda tinha tempo para a vida literária. Leu não menos de 1.200 tomos, a maior parte enquanto andava a cavalo. Escreveu uma gramática hebraica, outra de latim, e ainda outras do francês e inglês. Servia durante muitos anos como redator dum jornal de 56 páginas. O dicionário completo que compilou da língua inglêsa era muito popular, e seu comentário sôbre o Novo Testamento ainda tem grande circulação. Escolheu uma biblioteca de cinqüenta volumes, a qual revisou e republicou em uma obra de trinta volumes. O livro que escreveu sôbre a filosofia natural teve grande aceitação entre o ministério. Compilou uma obra de quatro volumes sôbre a história da Igreja. Escreveu e publicou um livro sôbre a história de Roma e outro sôbre a Inglaterra. Preparou e publicou três volumes sôbre a medicina e seis de música para os cultos. Depois da sua experiência em Fetter Lane, êle e seu irmão Carlos, escreveram e publicaram 54 hinários. Diz-se que ao todo escreveu mais que 230 livros.

Êsse homem de físico franzino, ao completar 88 anos, escreveu: "Durante mais de 86 anos não experimentei qualquer debilidade de velhice; os olhos nunca escureceram, nem perdi o meu vigor". Com a idade de 70 anos, pregou a um auditório de 30 mil pessoas, ao ar livre, e foi ouvido por todos. Aos 86 anos fêz uma viagem à Irlanda, na qual, além de pregar seis vêzes ao ar livre, pregou cem vêzes em sessenta cidades. Certo ouvinte assim se referiu a Wesley: "Seu espírito era tão vivo como aos 53 anos, quando o encontrei pela primeira vez".

Atribuiu a sua saúde às seguintes regras: "(1) Ao exercício constante e ar fresco. (2) Ao fato de nunca, mesmo doente ou com saúde, em terra ou no mar, haver perdido uma noite de sono desde o seu nascimento. (3) À habilidade de dormir, de dia ou de noite, ao sentir-se cansado. (4) Ao observar a regra por mais que sessenta anos de se levantar às 4 horas da manhã. (5) Ao costume de sempre pregar às 5 da manhã durante mais que cinqüenta anos. (6) Ao fato de quasi nunca sofrer de dor, desânimo ou cuidado durante a vida inteira".

Não nos devemos esquecer da fonte dêsse vigor que João Wesley manifestava. Passava duas horas diàriamente em oração, e muitas vêzes mais. Iniciava o dia às quatro horas. Certo crente que o conhecia ìntimamente, assim escreveu acêrca dêle: "Considerava a oração a coisa mais importante da sua vida e tenho-o visto sair do quarto com a serenidade de alma visível no rosto até quase brilhar".

A qualquer história da vida de João Wesley falta o ponto principal se não se fizer menção dos cultos de vigília que se realizavam uma vez por mês entre os crentes. Êsses cultos se iniciavam às 20 horas e continuavam até depois da meia-noite — ou até cair o

Espírito Santo sôbre êles. Baseiavam tais cultos sôbre as referências no Novo Testamento, de noites inteiras passadas em oração. Foi assim que alguém se referiu ao sucesso: "Explica-se o poder de Wesley pelo fato de êle ser *homo unius libri,* isto é, um homem de um livro, e êsse Livro é a Bíblia".

Pouco antes da sua morte, escreveu: "Hoje passamos o dia em jejum e oração para que Deus alargasse a Sua obra. Só encerramos depois de uma noite de vigília, na qual o coração de muitos irmãos foi grandemente confortado".

No seu diário João Wesley escreveu, entre outras coisas, sôbre oração e jejum, o seguinte: "Enquanto cursava em Oxford... jejuávamos às quartas-feiras e às sextas-feiras, como faziam os crentes primitivos em todos os lugares. Escreveu Epifânio (310-403); "Quem não sabe que o jejum das quartas e das sextas-feiras é observado pelos crentes do mundo inteiro?" Wesley continuou: "Não sei porque êles guardavam êsses dois dias, mas é boa a regra; se lhes servia, também me serve. Contudo não quero dar entender que o único meio ou tempo de jejuar sejam êsses dois dias da semana, porque muitas vêzes é necessário jejuar mais do que os dois dias. É necessário permanecer sòzinho e na presença de Deus, enquanto jejuamos e oramos, para que Deus possa mostrar-nos a Sua vontade e darnos direção. Nos dias de jejum devemos afastar-nos, o mais possível, de todo o serviço, de fazer visitas e das diversões, apesar dessas coisas serem lícitas em outras ocasiões".

Seu gôzo em pregar ao ar livre não diminuiu na velhice; em 7 de Outubro de 1790 pregou pela última vêz fora de casa, sôbre o texto: "O reino de Deus está próximo, arrependei-vos, e crede no Evangelho". "A

palavra manifestou-se com grande poder e as lágrimas do povo corriam em torrentes".

Um por um, seus fiéis companheiros de luta, inclusive a sua espôsa, foram chamados para o descanso, mas João Wesley continuava a trabalhar. Com a idade de 85 anos, seu irmão, Carlos, foi chamado e João sentou-se perante a multidão, cobrindo o rosto com as mãos, para esconder as lágrimas que lhe corriam pelas faces. Seu irmão a quem amava tanto, durante longo tempo, partira e êle, agora, tinha de trabalhar sòzinho.

Em 2 de Março de 1791, com a idade de quasi 88 anos, completou a sua carreira terrestre. Durante tôda a noite anterior, não cessaram em seus lábios os acentos de louvor e adoração, pronunciando estas palavras: "As nuvens distilam a gordura". Sua alma saltou de alegria com a antecipação das glórias do lar eterno e exclamou: "O melhor de tudo é que Deus está conosco". Então, levantando a mão, como se fôsse o sinal da vitória, novamente repetiu: "O melhor de tudo é que Deus está conosco". Às 10 horas da manhã, enquanto os crentes rodeavam o leito, em oração, êle disse: "Adeus", e assim passou para a presença do Senhor.

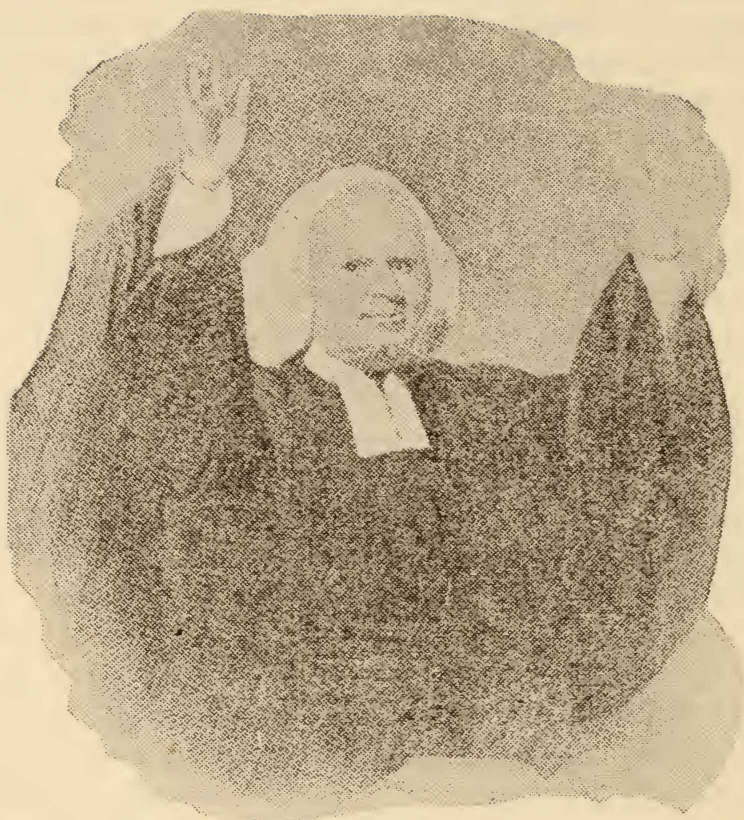
Um crente que assistiu a sua morte, assim relatou o ato: "A presença divina pairava sôbre todos nós; não existem palavras para descrever o que vimos no seu semblante! Quanto mais o fitávamos, tanto mais víamos parte dos indizíveis céus".

Calcula-se que dez mil pessoas em desfile passaram diante do ataúde para ver o rosto que ainda retinha um sorriso celestial. Por causa das grandes massas que afluíram para honrá-lo, foi necessário enterrá-lo às cinco horas da manhã.

João Wesley nasceu e criou-se em um lar onde não havia abundância de pão. Com a venda dos livros da

sua autoria ganhou uma fortuna, com a qual contribuia para a causa de Cristo; ao falecer, deixou no mundo "duas colheres, uma chaleira de prata, um casaco velho" e dezenas de milhares de almas, salvas em época de tristonha decadência espiritual.

A tocha, em Epworth foi arrebatada do fogo; em Aldersgate e Fetter Lane começou a arder intensamente, e continua a iluminar milhões de almas no mundo inteiro.



Jorge Whitefield

JORGE WHITEFIELD

PREGADOR AO AR LIVRE

1714-1770

Mais de 100 mil homens e mulheres rodeavam o pregador, há duzentos anos passados, em Cambuslang, Escócia. As palavras do sermão, vivificadas pelo Espírito Santo, ouviam-se distintamente em tôdas as partes que formavam êsse mar humano. É-nos difícil fazer uma idéia do vulto da multidão de *10 mil penitentes* que responderam ao apêlo para se entregarem ao Salvador. Estes acontecimentos servem-nos como um dos poucos exemplos do cumprimento das palavras de Jesus: "Na verdade vos digo que *aquêle que crê em mim* também fará as obras que eu faço, e as fará maiores do que estas; porque vou para meu Pai". João 14:12.

Havia "como um fogo ardente encerrado nos ossos" dêste pregador, que era Jorge Whitefield. Ardia nêle um zêlo santo de ver tôdas as pessoas libertas da escravidão do pecado. Durante um período de vinte e oito dias fêz a incrível façanha de pregar a 10 mil pessoas diariamente. Sua voz se ouvia perfeitamente a mais que um quilômetro de distância, apesar de fraco de físico e sofrer dos pulmões. Não havia prédio no qual coubessem os auditórios e, nos países onde pregou, armava seu púlpito nos campos, fora das cidades. Whitefield merece o título de *príncipe dos pregadores ao ar livre,* porque pregou na média de dez vêzes por semana, du-

rante um período de trinta e quatro anos, uma grande parte do tempo sob o teto construído por Deus, os céus.

A vida de Jorge Whitefield era um milagre. Nasceu em uma taberna de bebidas alcoólicas. Antes de completar três anos, seu pai faleceu. Sua mãe casou-se novamente; mas a Jorge foi permitido continuar os estudos na escola. Na pensão de sua mãe, fazia a limpeza dos quartos, lavava roupa e vendia bebidas no bar. Estranho que pareça apesar de não ser salvo, interessava-se grandemente pela leitura das Escrituras, lendo a Bíblia até a alta noite e *preparando sermões*. Na escola era conhecido como orador. Sua eloquência era natural e espontânea, um dom extraordinário de Deus, dom que possuia sem tal reconhecer.

Custeou os próprios estudos em Pembroke College, Oxford, servindo como garção em um hotel. Depois de estar algum tempo em Oxford, ajuntou-se ao grupo de estudantes a que pertenciam João e Carlos Wesley. Passou muito tempo, como os demais do grupo, jejuando e esforçando-se para modificar a carne a fim de alcançar a salvação, sem compreender que "a verdadeira religião é a união da alma com Deus e a formação de Cristo em nós".

Acêrca da sua salvação, escreveu algum tempo antes da sua morte: "Sei o lugar onde... Tôdas as vêzes que vou a Oxford, sinto-me impelido ir primeiro a êste lugar onde Jesus se revelou a mim, pela primeira vez, e me deu o novo nascimento".

Com a saúde abalada, talvez pelo excesso dos estudos, Jorge voltou à casa para recuperá-la. Resolvido não cair no indiferentismo, inaugurou uma classe bíblica para jovens, os quais, como êle, desejavam orar e crescer na graça de Deus. Visitavam diàriamente os doentes e os pobres e, frequentemente, os prisioneiros

nas cadeias, para orarem com êles e prestarem-lhes qualquer serviço manual que pudessem.

Jorge tinha no coração um plano que consistia em preparar cem sermões e apresentar-se para ser separado para o ministério. Porém quando havia preparado apenas um sermão, seu zêlo era tanto, que a igreja insistia em ordená-lo, tendo apenas vinte e um anos, apesar de ser regra não aceitar qualquer pessoa para tal cargo, com menos de 23 anos.

O dia antes da sua separação para o ministério, passou-o em jejum e oração. Acêrca dêsse fato, êle escreveu: "À tarde, retirei-me para um alto, perto da cidade, onde orei com instância durante duas horas, pedindo a meu favor e também por aquêles que estavam para ser separados comigo. No domingo levantei-me de madrugada e orei sôbre o assunto da Epístola de São Paulo a Timóteo, especialmente sôbre o preceito: *Ninguém despreze a tua mocidade.* Quando o ancião me impoz suas mãos, se meu vil coração não me engana, ofereci todo o meu espírito alma e corpo para o servico do santuário de Deus... Posso testificar, perante os céus e a terra, que dei-me a mim mesmo, quando o ancião me impoz as mãos, para ser um mártir por Aquêle que foi pregado na cruz em meu lugar".

Os lábios de Whitefield foram tocados pelo fogo divino do Espírito Santo na ocasião da sua separação para o ministério. No dimingo seguinte, naquela época de gêlo espiritual, pregou pela primeira vez. Alguns se queixaram de que quinze dos ouvintes enlouqueceram, ao ouvirem o sermão. O ancião, porém compreendendo o que se passava, respondeu que seria muito bom, se os quinze não se esquecessem da sua "loucura" antes de chegar outro domingo.

Whitefield nunca se esqueceu nem deixou de aplicar as seguintes palavras do dr. Delaney: "Desejo, tôdas as vêzes que subir ao púlpito, considerar essa

oportunidade como a última que me é dada de prègar, e a ultima dada ao povo ouvir". Alguém assim descreveu uma de suas pregações: "Quasi nunca pregava sem chorar e sei que suas lágrimas eram sinceras. Ouvi-o dizer: Vós me censurais porque choro. Mas, como posso conter-me, quando não chorais por vós mesmos, apesar das vossas almas mortais estarem à beira da destruição? Não sabeis se estais ouvindo o último sermão, ou não, ou jamais tereis outra oportunidade de chegar a Cristo". Chorava, às vêzes, até parecer que estava morto e custava a recuperar as fôrças. Diz-se que os corações da maioria dos ouvintes eram derretidos pelo calor intenso de seu espírito, como prata na fornalha do refinador.

Quando estudante no colégio de Oxford, seu coração ardia de zêlo e pequenos grupos de alunos se reuniam no seu quarto, diariàmente; êles eram movidos como os discípulos logo depois do derramamento do Espírito Santo, no Pentecostes. O Espírito continuou a operar poderosamente nele e por êle durante o resto da sua vida, porque nunca abandonou o costume de buscar a presença de Deus. Dividia o dia em três partes: oito horas sòzinho com Deus e em estudos, oito horas para dormir e as refeições, e oito horas para o trabalho entre o povo. De joelhos, lia e orava sôbre a leitura das Escrituras e recebia luz, vida e poder. Lemos que numa das suas visitas aos Estados Unidos, "passou a maior parte da viagem a bordo, sòzinho em oração". Alguém escreveu sôbre êle: "Seu coração encheu-se tanto dos céus que anelava por um lugar onde pudesse agradecer a Deus; e sòzinho, durante horas, chorava comovido pelo amor consumidor do seu Senhor". Suas experiências no seu ministério confirmavam a sua fé na doutrina do Espírito Santo, como o Consolador ainda vivo, o Poder de Deus operando atualmente entre nós.

A pregação de Jorge Whitefield era feita de forma tão vívida que parecia quasi sobrenatural. Conta-se que, certa vez pregando a alguns marinheiros, descreveu um navio perdido num furacão. Tudo foi apresentado em manifestações tão reais que, quando chegou ao ponto de descrever o barco afundando, alguns marinheiros pularam dos assentos, gritando: Às baleeiras! Às baleeiras!" Em outro sermão falou dum cego andando na direção dum precipício desconhecido. A cena foi tão natural que, quando o pregador chegou ao ponto de descrever a chegada do cego à beira do profundo abismo, o camareiro-mór, Chesterfield, que assistia, deu um pulo, gritando: "Meu Deus! Êle desapareceu!"

O segrêdo, porém, da grande colheita de almas salvas não era a sua maravilhosa voz nem a sua grande eloquência. Não era também porque o povo tivesse o corção aberto para receber o Evangelho, porque era tempo de grande decadência espiritual entre os crentes

Também não foi porque lhe faltasse oposição. Repetidas vêzes Whitefield pregou nos campos, porque as igrejas fecharam-lhe as portas. Às vêzes nem os hoteis queriam aceitá-lo como hóspede. Em Basingstoke foi agredido a pauladas. Em Staffordshire atiraram-lhe torrões de terra. Em Moorfield destruiram a mesa que lhe servia de púlpito e arremessaram contra êle o lixo da feira. Em Evesham as autoridades, antes de seu sermão, ameaçaram prendê-lo, se pregasse. Em Exeter, enquanto pregava a dez mil pessoas, foi apedrejado de tal forma que pensou haver chegado para êle a hora, como o ensanguentado Estevão, de ser imediatamente chamado a presença do Mestre. Em outro lugar apedrejaram-no novamente, até ficar coberto de sangue. Verdadeiramente levava no corpo, até à morte, as marcas de Jesus.

O segrêdo de tais frutos na sua pregação era o seu amor para com Deus. Quando ainda muito novo, pas-

sava noites inteiras lendo a Bíblia, que muito amava. Depois de se converter, teve a primeira daquelas experiências de sentir-se arrebatado, ficando a sua alma inteiramente aberta, cheia, purificada, iluminada da glória e levada a sacrificar-se, inteiramente, ao seu Salvador. Desde então nunca mais foi indiferente em servir a Deus, mas regozijava-se no alvo de trabalhar de tôda a sua alma, e de tôdas as suas fôrças, e de todo o entendimento. Só achava interêsse nos cultos e escreveu para sua mãe que nunca mais voltaria ao seu emprêgo. Consagrou a vida completamente a Cristo. *E a manifestação exterior daquela vida nunca excedia a sua realidade interior*, portanto, nunca mostrou cansaço nem diminuiu a marcha durante o resto da sua vida.

Apesar de tudo, êle escreveu: "A minha alma era sêca como o deserto. Sentia-me como encerrado dentro duma armadura de ferro. Não podia ajoelhar-me sem estar tomado de grandes soluços e orava até ficar molhado de suor... Só Deus sabe quantas noites fiquei prostrado, de cama, gemendo, por causa do que sentia, e ordenado, em nome de Jesus, que Satanás, se apartasse de mim. Outras vêzes passei dias e semanas inteiras prostrado em terra suplicando para ser liberto dos pensamentos diabólicos que me distraiam. O interêsse próprio, rebelião, orgulho e inveja me atormentavam, um após o outro, até eu resolver, vence-los ou morrer. Lutava até Deus me conceder a vitória sôbre êles".

Jorge Whitefield considerava-se um *peregrino* errante no mundo, procurando almas. Nasceu, criou-se e diplomou-se na Inglaterra. Atravessou o Atlântico trêze vèzes. Visitou a Escócia quatorze vêzes. Foi ao País de Gales várias vêzes. Visitou uma vez a Holanda. Passou quatro meses em Portugal. Nas Bermudas ganhou muitas almas para Cristo, como nos demais lugares onde trabalhou.

Acêrca do que sentiu em uma das viagens à colônia de Geórgia, Whitefield escreveu: "Foram-me concedidas manifestações extraordinárias do alto. Cedo de manhã, ao meio dia, ao anoitecer e à meia noite, de fato, durante o dia inteiro, o amado Jesus me visitava para renovar o coração. Se certas árvores perto de Stonehourse pudessem falar, contariam acêrca da doce comunhão, que eu e algumas almas amadas gozamos ali com o Deus, sempre bendito. Às vêzes, quando de passeio, a minha alma fazia tais incursões pelas regiões celestes, que parecia pronta a abandonar o corpo. Outras vêzes sentia-me tão vencido pela grandeza da majestade infinita de Deus, que me prostava em terra e entregava-Lhe a alma, como um papel em branco, para Êle escrever nela o que desejasse. De uma noite nunca me esquecerei. Relampejava excessivamente. Eu pregara a muitas pessoas e algumas ficaram receiosas de voltar à casa. Sentia-me dirigido a acompanhá-las e aproveitar do ensejo para as animar a prepararem-se para a vinda do Filho do homem. Ó quanto gôzo senti na minha alma! Depois de voltar, enquanto alguns se levantavam das suas camas, assombrados pelos relâmpagos que andavam pelo chão e brilhavam duma parte do céu até outra, eu com mais um irmão ficamos no campo adorando, orando, exultando ao nosso Deus e desejando a revelação de Jesus dos céus, numa chama de fogo!"

Como se pode esperar outra coisa a não ser que as multidões, a quem Whitefield pregava, fôssem levadas a buscarem a mesma Presença? Na sua biografia há um grande número de exemplos como os seguintes: "Ó quantas lágrimas foram derramadas, com forte clamor, pelo amor do querido Senhor Jesus! Alguns desmaiavam e quando recobravam as fôrças, ouviam e desmaiavam de novo. Outros gritavam como quem sente a ânsia da morte. E depois de eu findar o último discurso, eu mesmo senti-me tão vencido pelo amor de

Deus que quasi fiquei sem vida. Contudo, por fim revivi e, depois de me alimentar um pouco, estava fortalecido bastante para viajar cêrca de trinta quilômetros, até Nottingham. No caminho a alma alegrou-se cantando hinos. Chegamos quasi à meia noite; depois de nos entregarmos a Deus em oração, deitamo-nos e descansamos na proteção do querido Senhor Jesus. Ó Senhor, jamais existiu amor como o Teu?"

Então Whitefield continuou, sem cansar: "No dia seguinte em Fog's Manor, a concorrência aos cultos foi tão grande como em Nottingham. O povo ficou tão quebrantado que, por todos os lados, vi pessoas banhadas em lágrimas. A palavra era mais cortante que espada de dois gumes e os gritos e gemidos alcançavam o coração mais endurecido. Alguns tinham semblantes pálidos como a palidez de morte; outros torciam as mãos, cheios de angústia; ainda outros foram prostrados no chão, ao passo que outros caiam e eram aparados nos braços de amigos. A maior parte do povo levantava os olhos para os céus, clamando e pedindo misericórdia de Deus. Eu, enquanto os contemplava, só podia pensar em uma coisa, o grande dia. Pareciam pessoas acordadas pela última trombeta, saindo dos seus túmulos para o juizo".

"O poder da Presença divina nos acompanhou até Baskinridge, onde os arrependidos choravam e os salvos oravam, lado a lado. O indiferentismo de muitos transformou-se em assombro, e o assombro, depois em grande gôzo. Alcançou tôdas as classes, idades e caractéres. A embriaguez foi abandonada por aquêles que eram dominados por êsse vício. Os que praticaram qualquer ato de injustiça foram tomados de remorso. Os que furtaram foram constrangidos a fazer restituição. Os vingativos pediram perdão. Os pastôres ficaram ligados ao seu povo por um vínculo mais forte de compaixão. O culto doméstico foi iniciado nos lares. Os homens

foram levados a estudar a palavra de Deus e a terem comunhão com o seu Pai nos céus".

Mas não foi sòmente nos países populosos que o povo afluiu para o ouvir. Nos Estados Unidos, quando eram ainda país novo, ajuntaram-se grandes multidões dos que moravam longe um do outro, nas florestas. O famoso Benjamim Franklin, no seu jornal, assim noticiou essas reuniões: "Quinta-feira o rev. Whitefield partiu de nossa cidade, acompanhado por cento e cinqüenta pessoas a cavalo com destino a Chester, onde pregou a sete mil ouvintes, mais ou menos. Sexta-feira pregou duas vêzes em Willings Town a quasi cinco mil; no sábado, em Newcastle, pregou a cêrca de duas mil e quinhentas, e na tarde, do mesmo dia, em Cristiana Bridge, pregou a quasi três mil; no domingo, em White Clay Creek, pregou duas vêzes, descansando uma meia hora entre os sermões, a oito mil pessôas, das quais, cêrca de três mil tinham vindo a cavalo. Choveu a maior parte do tempo, porém, todos se conservaram em pé, ao ar livre".

Como Deus extendeu a Sua mão para operar prodigios por meio de Seu servo, vê-se no seguinte: Num estrado perante a multidão, depois de alguns momentos de oração em silêncio, Whitefield anunciou de maneira solene o texto: "É ordenado aos homens que morram uma só vez, e depois disto vem o juizo". Depois de curto silêncio, ouviu-se um grito de horror, vindo dum lugar entre a multidão. Um pregador presente foi até ao local da ocorrência, para saber o que tinha acontecido. Logo voltou, disse: "Irmão Whitefield, estamos entre os mortos e os que estão morrendo. Uma alma imortal foi chamada à eternidade. O anjo da destruição está passando sôbre o auditório. Clama em alta voz e não cesses". Então foi anunciado ao povo que um dentre a multidão havia morrido. Mas Whitefield leu a segunda vez o mesmo texto: "É

ordenado aos homens que morram uma só vez". Do local onde a Senhora Huntington estava em pé, veiu outro grito agudo. De novo, um tremor de horror passou por tôda a multidão quando anunciaram que outra pessoa havia morrido. Whitefield, porém, em vez de ficar tomado de pânico, como os demais, suplicou graça ao Ajudador invisível e começou, com eloqüência tremenda, a prevenir os impenitentes do perigo. Não devemos concluir, contudo, que êle era ou sempre solene ou sempre veemente. Nunca houve quem experimentasse mais formas de pregar do que êle.

Apesar da sua grande obra, não se pode acusar Whitefield de procurar fama ou riquezas terrestres. Sentia fome e sêde da simplicidade e sinceridade divinas. Dominava todos os seus interêsses e os transformava para glória do reino do seu Senhor. Não ajuntou em redor de si os seus convertidos para formar outra denominação, como alguns esperavam. Não apenas dava todo o seu ser, mas queria "mais línguas, mais corpos, mais almas a usar para o Senhor Jesus".

A maior parte das suas viagens à América do Norte foram feitas a favor do orfanato que fundara na colônia da Geórgia. Vivia na pobreza e esforçava-se para grangear o necessário para o orfanato. Amava os órfãos ternamente, escrevendo-lhes cartas e dirigindo-se a cada um pelo nome. Para muitas dessas crianças, êle era o único pai, o único meio de elas terem o sustento. Fêz uma grande parte da sua obra evangelística entre os órfãos e quasi todos permaneceram crentes fiéis, sendo que um bom número tornaram-se ministros do Evangelho.

Whitefield não era de físico robusto; desde a mocidade sofria quasi constantemente, anelando, muitas vêzes, partir e estar com Cristo. A maior parte dos pregadores acham impossível pregar quando estão enfermos como êle.

Assim, foi que, aos 65 anos de idade, durante sua sétima viagem à América do norte, findou a sua carreira na terra, uma vida escondida com Cristo em Deus e derramada num sacrifício de amor pelos homens. O dia antes de falecer teve de esforçar-se para ficar em pé. Porém, ao levantar-se, em Exter, perante um auditório demasiado grande para caber em qualquer prédio, o poder de Deus veiu sôbre êle e pregou, como de costume, durante duas horas. Um dos que assistiram disse que "seu rosto brilhava como o sol". O fogo acendido no coração no dia de oração e jejum, da sua separação para o ministério, ardeu até dentro dos seus ossos e nunca se apagou. (Jer. 20:7).

Certo homem eminente dissera a Whitefield: "Não espero que Deus chame o irmão, breve, para o lar eterno, mas quando isso acontecer, regozijar-me-ei ao ouvir o seu testemunho". O pregador respondeu: "Então ficará desapontado; morrerei calado. A vontade de Deus é dar-me tantos ensejos para testificar dÊle durante a minha vida, que não me serão dados outros na hora da morte". E a sua morte foi como predissera.

Depois do sermão em Exeter, foi a Newburyport para passar a noite na casa do pastor. Ao subir para o quarto de dormir, virou-se na escada, e com a vela na mão, proferiu uma curta mensagem aos amigos que ali estavam e insistiam que pregasse.

Às duas horas da madrugada acordou. Faltava-lhe o fôlego, e pronunciou para o seu companheiro, as suas últimas palavras na terra: "Estou morrendo".

No seu entêrro, os sinos das igrejas de Newburyport dobraram e as bandeiras ficaram a meia-haste. Ministros de tôda a parte vieram assistir os funerais; milhares de pessoas não conseguiram chegar perto da porta da igreja, por causa da imensa multidão. Conforme seu pedido, foi enterrado sob o púlpito da igreja.

Se quisermos os mesmos frutos de ver milhares salvos, como Jorge Whitefield os teve, temos de seguir o seu exemplo de oração e dedicação.

Alguém pensa que é tarefa demais? Que diria Jorge Whitefield, junto, agora, com os que levou a Cristo, se lhes fizessemos essa pergunta?



Por gentileza de OSWALDO J. SMITH

"...sinto-me mais alegre hoje acêrca dos peles vermelhas. Oxalá que Deus atraia grandes números dêles a Jesús Cristo..." — DAVÍ BRAINERD.

DAVÍ BRAINERD

ARAUTO AOS PELES VERMELHAS

1718-1747

Certo jovem, franzino de corpo, mas tendo na alma o fogo do amor, aceso por Deus, encontrou-se na floresta, por êle desconhecida. Era tarde e o sol já declinava até quase desaperecer no horizonte, quando o viajante, enfadado da longa viagem, avistou a fumaça das fogueiras dos índios "peles vermelhas". Depois de apear e amarrar seu cavalo, deitou-se no chão para passar a noite, agonizando em oração.

Sem êle o saber, alguns dos selvícolas, seguiram-no, silenciosamente como serpentes, durante a tarde. Agora estacionavam atrás dos troncos das árvores para contemplar a cena misteriosa de um vulto de "rosto pálido", sòzinho, prostrado no chão, clamando a Deus.

Os guerreiros da vila resolveram matá-lo, sem demora, pois, diziam, os brancos davam "água ardente" aos "peles vermelhas", para, enquanto bêbados, levar-lhes as cestas e peles de animais, e roubar-lhes as terras. Mas depois de cercarem furtivamente o missionário, que orava, prostrado, e ouvirem como clamava ao "Grande Espírito", insistindo que lhes salvasse a alma, êles partiram, tão secretamente como chegaram.

No dia seguinte, o moço, não sabendo o que acontecera em redor, enquanto orava no ermo, foi recebido na vila numa maneira como não esperava. No espaço

aberto entre as "wigwams" (barracas de peles) os índios o cercaram e o moço, com o amor de Deus ardendo na alma, leu o capítulo 53 de Isaías. Enquanto pregava, Deus respondeu a sua oração da noite anterior e os selvícolas ouviram o sermão, com lágrimas nos olhos.

Êsse jovem "rosto pálido" chamava-se Daví Brainerd. Nasceu em 20 de Abril de 1718. Seu pai faleceu quando Daví tinha 9 anos de idade, e sua mãe, filha dum pregador, faleceu quando êle tinha 14 anos.

Acêrca da sua luta com Deus, no tempo da sua conversão, na idade de vinte anos, êle escreveu: "Designei um dia para jejuar e orar, e passei o dia clamando quase incessantemente a Deus, pedindo misericórdia e que Êle abrisse os meus olhos para a enormidade do pecado e o caminho para a vida em Jesus Cristo... Contudo continuei a confiar nas boas obras... Então, uma noite andando na roça, foi-me dada uma visão da grandeza do meu pecado, parecendo-me que a terra se abrira por baixo dos pés para me sepultar e que a alma iria ao inferno antes de eu chegar em casa... Certo dia, estando longe do colégio, no campou, sòzinho em oração, senti tanto gôzo e doçura em Deus, que, se eu devesse ficar neste mundo vil, queria permanecer contemplando a glória de Deus. Senti na alma um profundo amor ardente para com todos os homens e anelava que êles gozassem do que eu gozava."

"No mês de Agôsto, depois, senti-me tão fraco e doente, como resultado de aplicar-me demais aos estudos, que o diretor do colégio me aconselhou a voltar para casa. Estava tão fraco que tive algumas hemorragias. Senti-me perto da morte, mas Deus renovou em mim o reconhecimento e o gôsto das coisas divinas. Anelava tanto a presença de Deus e ficar livre do pecado que, ao melhorar, preferia morrer a voltar ao colégio, e me afastar de Deus... *Oh! uma hora com Deus excede infinitamente todos os prazeres do mundo.*"

De fato, depois de voltar ao colégio, Brainerd esfriou em espírito, mas o *Grande Avivamento,* dessa época, alcançou a cidade de New Haven, o colégio de Yale e o coração de Daví Brainerd. Êle tinha o costume de escrever diàriamente uma relação dos acontecimentos mais importantes da sua vida, passados durante o dia. É por êsses diários escritos para si próprio e não para o mundo ler, que sabemos da sua vida íntima de comunhão profunda com Deus. Os seguintes poucos trechos servem como amostras do que êle escreveu em muitas páginas de seu diário e descobrem algo de sua luta com Deus, enquanto estudava para o ministério:

"Fui tomado repentinamente pelo horror da minha miséria. Então clamei a Deus, pedindo que me purificasse da minha extrema imundícia. Depois a oração se tornou mui preciosa para mim. Ofereci-me, com gôzo, para passar os maiores sofrimentos pela causa de Cristo, mesmo que fôsse para ser desterrado entre os pagãos, desde que pudesse ganhar suas almas. Então Deus me deu o espírito de lutar em oração pelo reino de Cristo no mundo."

* * *

"Retirei-me cedo de manhã para a floresta, e foi-me concedido fervor em rogar pelo avanço do reino de Cristo no mundo. Ao meio dia ainda combatia, em oração a Deus, e sentia o poder do divino amor na intercessão."

* * *

"Passei o dia em jejum e oração, implorando que Deus me preparasse para o ministério, e me concedesse auxílio divino e direção e que Êle me enviasse para a seára no dia que Êle designasse. Pela manhã, senti poder na intercessão pelas almas imortais e pelo progresso do reino do querido Senhor e Salvador no

mundo... À tarde, Deus estava comigo de verdade. Quão bendita a sua companhia !Êle me concedeu agonizar em oração até ficar com a roupa encharcada de suor, apesar de eu me achar na sombra, e de soprar um vento fresco. Sentia a minha alma extenuada grandemente pela condição do mundo: esforçava-me para arrebatar multidões de almas. Sentia-me mais dilatado pelos pecadores do que pelos filhos de Deus, contudo anelava gastar a minha vida clamando por ambos."

* * *

"Passei duas horas agonizando pelas almas imortais. Apesar de ser ainda muito cedo, meu corpo estava molhado de suor... Se eu tivesse mil vidas, a minha alma as teria dado tôdas pelo gôzo de estar com Cristo..."

* * *

"Dediquei o dia para jejuar e orar, implorando a Deus que me dirigisse e me abençoasse na grande obra que tenho perante mim, a de pregar o Evangelho. Ao anoitecer, o Senhor me visitou maravilhosamente na oração; senti a minha alma angustiada como nunca... Senti tanta agonia que me achava ensopado de suor. Ó como Jesus suou sangue pelas pobres almas! Eu anelava mostrar mais e mais compaixão para com elas."

* * *

Cheguei a saber que as autoridades esperam a oportunidade de me prender e encarcerar por ter pregado em New Haven. Fiquei mais sóbrio e abandonei tôda a esperança de travar amizade com o mundo. Retireime para um lugar oculto na floresta e "extendi" o caso perante Deus."

* * *

Completados os seus estudos para o ministério, êle escereveu:

"Preguei o sermão de despedida ontem de noite. Hoje, pela manhã, orei em quase todos os lugares por onde andei, e, depois de me despedir dos amigos, iniciei viagem para o habitat dos índios".

Essas notas do diário revelam, em parte, a sua luta com Deus enquanto estudava para o ministério. Um dos maiores pregadores atuais, referindo-se a êsse diário, declarou. "Foi Brainerd quem me ensinou a jejuar e orar. Cheguei a saber que se fazem maiores coisas por meio de contacto cotidiano com Deus do que por pregações."

No início da história da vida de Brainerd, já relatamos como Deus lhe concedeu entrada entre os selvícolas violentos, em resposta a uma noite de oração, prostrado em terra, nas profundezas da floresta. Mas, apesar dos índios lhe darem tôda a hospitalidade, concedendo-lhe um lugar para dormir sôbre um pouco de palha, e ouvirem o sermão comovidos, Brainerd não estava satisfeito e continuava a lutar em oração, como o revela o seu diário:

"Continuo a sentir-me angustiado. À tarde preguei ao povo, mas fiquei mais desanimado acêrca do trabalho do que antes; receio que seja impossível alcançar as almas. Retirei-me e derramei a minha alma pedindo misericórdia, mas sem sentir alívio."

* * *

"Completei vinte e cinco anos de idade hoje. Doia-me a alma ao pensar que vivi tão pouco para a glória de Deus. Passei o dia na floresta sózinho, derramando a minha queixa perante o Senhor."

* * *

"Cerca das nove horas, sai para orar na mata. Depois de meio dia, percebi que os índios estavam se preparando para uma festa e uma dansa... Em oração senti o poder de Deus e a minha alma estenuada como nunca antes da minha vida. Senti tanta agonia e insisti com tanta veemência que, ao levantar-me, só consegui andar com dificuldade. O suor corria-me pelo rosto e pelo corpo. Reconheci que os pobres índios se reuniam para adorar demônios e não a Deus; êsse foi o motivo de eu clamar a Deus, que apressasse em frustar a reunião idólatra. Assim passei a tarde, orando, incessantemente, pedindo auxílio divino para que eu não confiasse em mim mesmo. O que experimentei, enquanto orava, foi maravilhoso. *Parecia-me que não havia nada de importância em mim, a não ser santidade de coração e vida, e o anelo pela conversão dos pagãos a Deus.* Desapareceram todos os cuidados, receios e anelos; todos juntos pareciam-me de menor importância que o sopro do vento. Anelava que Deus adquirisse para Si um nome entre os pagãos e lhe fiz o meu apêlo com a maior ousadia, insistindo que Êle reconhecesse que "O preferia à minha maior alegria." De fato não me importava onde ou como morava, nem da fadiga que tinha de suportar, se pudesse ganhar almas para Cristo. Continuei assim tôda a tarde e tôda a noite."

Assim revestido, Brainerd de manhã voltou da mata para enfrentar os índios, certo de que Deus estava com êle, como estivera com Elias no monte Carmelo. Ao insistir com os índios para que abandonassem a dansa, em vez de matá-lo, desistiram da orgia e ouviram a sua pregação, de manhã e à tarde.

Depois de sofrer como poucos sofrem, depois de se esforçar de noite e de dia, depois de passar horas inúmeráveis em jejum e oração, depois de pregar a Palavra "a tempo e fora de tempo", por fim, abriram-se os céus

e caiu o fogo. Os seguintes excertos do seu diário descrevem algumas dessas experiências gloriosas:

"Passei a maior parte do dia em oração, pedindo que o Espírito fôsse derramado sôbre o meu povo... Orei e louvei com grande ousadia, sentindo grande pêso pela salvação das preciosas almas."

* * *

:Discursei à multidão extemporâneamente sôbre Isaias 53:10: "Todavia, ao Senhor agradou moê-lo". Muitos dos ouvintes entre a multidão de três a quatro mil, ficaram comovidos ao ponto de haver um "grande pranto, como o pranto de Hadade-Rimom."

* * *

"Enquanto eu andava a cavalo, antes de chegar ao lugar para pregar, senti o meu espírito restaurado e a minha alma revestida com poder para clamar a Deus, quase sem cessar, por muitos quilômetros a fio".

"De manhã discursei aos índios onde nos hospedamos. Muitos ficaram comovidos e, ao falar-lhes acêrca da salvação da sua alma, as lágrimas correram abundantemente e êles começaram a soluçar e gemer. À tarde, voltei ao lugar onde lhes costumava pregar; êles ouviram com a maior atenção até quase ao fim. Nem a décima parte dos ouvintes pôde conter-se de derramar lágrimas e clamar amargamente. Quanto mais eu falava do amor e compaixão de Deus, ao enviar Seu Filho para sofrer pelos pecados dos homens, tanto mais se aumentava a angústia dos ouvintes. Foi para mim uma surprêsa notar como seus corações pareciam traspassados pelo terno e comovente convite do Evangelho, antes de eu proferir uma única palavra de terror."

* * *

"Preguei aos índios sôbre Isaias 53:3-10. Muito poder acompanhava a Palavra e houve grande convicção entre os ouvintes; contudo, não tão geral como no dia antes. Mas a maioria ficou comovida e em grande angústia de alma; alguns não podiam caminhar, nem ficar em pé, caíam no chão como se tivessem o coração traspassado e clamavam sem cessar, pedindo misericórdia... Os que vieram de lugares distantes foram levados logo à convicção, pelo Espírito de Deus."

* * *

"À tarde preguei sôbre Lucas 15:16-23. Havia muita convicção visível entre os ouvintes, enquanto discursava; mas ao falar particularmente depois a alguns que se mostravam comovidos, o poder de Deus desceu sôbre o auditório "como um vento veemente e impetuoso" e varreu tudo em uma maneira espetacular."

"Fiquei em pé, admirado da influência que se apoderou do auditório quase que totalmente. Parecia, mais que qualquer outra coisa, a fôrça irresistível de uma grande correnteza, ou dilúvio crescente, a qual derrubava e varria tudo que encontrava na sua frente."

"Quase todos oravam e clamavam, pedindo misericórdia, e muitos não podiam ficar em pé. A convicção que cada um sentiu foi tão grande que pareciam ignorar por completo os outros em redor, mas cada um continuava a orar para si mesmo."

"Lembrei-me de Zacarias 12:10-12, porque havia grande pranto como o pranto de Hadade-Rimom", parecendo que cada um pranteava "àparte".

"Parecia-me um dia muito semelhante ao dia em que Deus mostrou seu poder a Josué (Jos. 10:14), porque era um dia diferente que qualquer dia que tinha presenciado antes, um dia em que Deus fez muito para destruir o reino das trevas entre êsse povo".

É difícil reconhecer a magnitude da obra de Daví Brainerd entre as diversas tribos de índios, nas profundezas das florestas; êle não entendia os seus idiomas. Se lhes transmitia a mensagem de Deus ao coração, deveria achar alguém que pudesse servir de intérprete. Passava dias inteiros simplesmente orando que viesse sôbre êle o poder do Espírito Santo com tanto poder que êsse povo não podia resistir à mensagem. Certa vez teve que pregar por meio de um intérprete tão bêbado que quase não podia ficar em pé; contudo, vintenas de almas foram convertidas por êsse sermão.

Êle andava, às vêzes, perdido de noite no ermo, apanhando chuva e atravessando montanhas e pântanos. Franzino de corpo, cansava-se nas viagens. Tinha de suportar o calor do verão e o intenso frio do inverno. Dias a fio passava-os com fome. Já começava a sentir a saúde abalada e estava ao ponto de casar-se (sua noiva era Jerusha Edwards, filha de Jônatas Edwards) e estabelecer um lar entre os índios convertidos ou voltar e aceitar o pastorado de uma das igrejas que o convidava. Contudo reconhecia que não podia viver, por causa da sua doença, mais que um ou dois anos e resolveu então "arder até o fim".

Assim, depois de ganhar a vitória em oração, clamou: "Eis-me aqui, Senhor, envia-me a mim até os confins da terra; envia-me aos selvagens do ermo; envia-me de tudo que se chama confôrto na terra; envia-me mesmo para a morte; se fôr no Teu serviço e para promover o teu reino..."

Então acrescentou: "Adeus amigos e confortos terrestres, mesmo os mais anelados de todos, se o Senhor quiser. Gastarei a minha vida, até os últimos momentos, em cavernas e covas da terra, se isso servir para o progresso do Reino de Cristo."

Foi nessa ocasião que escreveu: "Continuei lutando com Deus em oração pelo rebanho aqui e, espe-

cialmente, pelos índios em outros lugares, até a hora de deitar-me. Ó como senti ser obrigado a gastar o tempo dormindo!! Anelava ser uma chama de fogo, constantemente ardendo no serviço divino e edificando o reino de Deus, até o último momento, o momento de morrer."

Por fim, depois de cinco anos de viagens àrduas no êrmo, de aflições inumeráveis e de sofrer dores incessantes no corpo, Daví Brainerd, tuberculoso e com as fôrças físicas quase inteiramente esgotadas, conseguiu chegar à casa de Jônatas Edwards.

O peregrino já completára a sua carreira terrestre e esperava o carro de Deus para levá-lo à gloria. Quando, no seu leito de sofrimento, viu alguém entrar no quarto com a Bíblia, exclamou: "Oh, o querido Livro! Breve vê-lo-ei aberto. Os seus mistérios me serão então desvendados!"

Minguando sua fôrça física e aumentando sua percepção espiritual, falava com mais e mais dificuldade: "Fui feito para a eternidade." "Como anelo estar com Deus e prostrar-me perante Êle." "Oh, que o Redentor pudesse ver o fruto do trabalho da Sua alma e ficar satisfeito!" "Oh, vem, Senhor Jesus! Vem depressa! Amém!" — e dormiu no Senhor.

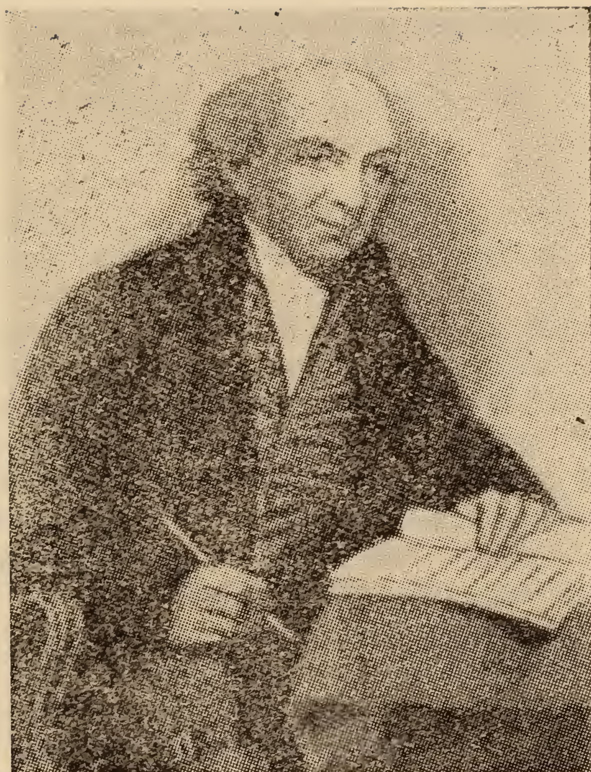
Depois dêste acontecimento, a noiva de Brainerd, Jerusha Edwards, começou a murchar como uma flor e, quatro meses depois também foi morar na cidade celeste. Dum lado do seu túmulo, está o túmulo de Daví Brainerd e do outro lado está o túmulo de seu pai, Jônatas Edwards.

O desejo veemente da vida de Daví Brainerd era o de arder como uma chama, por Deus, até ao último momento, como êle mesmo dizia: "Anelo ser uma chama de fogo, constantemente ardendo no serviço divino, até ao último momento, o momento de falecer."

Brainerd findou a sua carreira terrestre aos vinte e nove anos. Contudo, apesar de sua grande fraqueza física, fêz mais que a maioria dos homens fazem em setenta anos.

Sua biografia, escrita por Jônatas Edwards e revisada por João Wesley, teve mais influência sôbre a vida de A. J. Gordon do que qualquer outro livro, exceto a Bíblia. Guilherme Carey leu a história da sua obra e consagrou a sua vida ao serviço de Cristo, nas trevas da Índia. Roberto McCheyne leu o seu diário e gastou a sua vida entre os judeus. Henrique Martyn leu a sua biografia e se entregou para consumir-se dentro de um período de seis anos e meio no serviço de seu Mestre, na Pérsia.

O que Daví Brainerd escreveu a seu irmão, Israel Brainerd, é para nós um desafio à obra missionária: "Digo, agora morrendo, não teria gasto a minha vida de outra forma, nem por tudo que há no mundo."



Guilherme Carey

GUILHERME CAREY

PAI DAS MISSÕES MODERNAS

1761-1834

O menino Guilherme Carey, era apaixonado pelo estudo da natureza. Enchia seu quarto de coleções de insetos, flores, pássaros, ovos, ninhos, etc. Certo dia, ao tentar alcançar um ninho de passarinho, caiu de uma árvore alta. Ao experimentar subir a segunda vez, caiu novamente. Insistiu a terceira vez, caiu e quebrou uma perna. Algumas semanas depois, antes de a perna sarar, Guilherme entrou em casa com o ninho na mão. "Subiste à árvore novamente?!" exclamou sua mãe. "Não pude evitar, tinha que possuir o ninho, mamãe", respondeu o menino.

Diz-se que Guilherme Carey, fundador das missões atuais, não era dotado de inteligência superior e nem de qualquer dom que deslumbrasse os homens. Entretanto foi êsse característico de persistir, com espírito indômito e inconquistável, até completar tudo quanto iniciára, que fizera o segrêdo do maravilhoso êxito da sua vida.

Quando Deus o chamava a iniciar qualquer tarefa, permanecia firme, dia após dia, mês após mês e ano apó ano até acabá-la. Deixou o Senhor utilizar-se de sua vida, não sòmente para evangelizar, durante um período de quarenta e um anos no estrangeiro, mas para executar a façanha, por incrível que pareça, de

traduzir as Sagradas Escrituras em mais que trinta línguas.

O avô e o pai do pequeno Guilherme eram sucessivamente professor e sacristão (Igreja Anglicana) da paróquia. Assim o filho aprendeu o pouco que o pai podia ensinar-lhe. Mas não satisfeito com isso, Guilherme continuou seus estudos sem mestre.

Aos doze anos adquiriu um exemplar do *Vocabulário Latino, por Dycne,* o qual decorou. Aos quatorze anos iniciou a carreira como aprendiz de sapateiro. Na loja encontrou alguns livros, dos quais se aproveitou para estudar. Assim iniciou o estudo do grego. Foi nesse tempo que chegou a reconhecer que era um pecador perdido, e começou a examinar cuidadosamente as Escrituras.

Não muito depois da sua conversão, com 18 anos de idade, pregou o seu primeiro sermão. Ao reconhecer que o batismo por imersão é bíblico e apostólico, deixou a denominação a que pertencia. Tomava emprestados livros para estudar e, apesar de viver em pobreza, adquiria alguns livros usados. Um de seus métodos para aumentar o conhecimento de outras línguas, consistia em ler diàriamente a Biblia em latim, em grego e em hebráico.

Com a idade de vinte anos, casou-se. Porém, os membros da igreja onde pregava eram pobres e Carey teve de continuar seu ofício de sapateiro para ganhar o pão cotidiano. O fato de o sr. Old, seu patrão, exibir na loja um par de sapatos fabricados por Guilherme, como amostra, era prova da habilidade do rapaz.

Foi durante o tempo que ensinava geografia em Moulton que Carey leu o livro *As Viagens do Capitão Cook* e Deus falou a sua alma acêrca do estado abjeto dos pagãos sem o Evangelho. Na sua tenda de sapateiro afixou na parede um grande mapa-mundi, que êle mesmo desenhara cuidadosamente. Incluira neste

mapa todos os dizeres disponíveis; o número exato da população, a flora e fauna, os característicos dos indígenas, etc., de todos os países. Enquanto concertava sapatos, levantava os olhos, de vez em quando, para o mapa e meditava sôbre as condições dos vários povos e a maneira de os evangelizar. Foi assim que sentiu mais e mais a chamada de Deus a preparar a Bíblia para os muitos milhões de indús, na própria lingua dêles.

A denominação a que Guilherme pertencia, depois de aceitar o batismo por imersão, achava-se em grande decadência espiritual. Isto foi reconhecido por alguns dos ministros, os quais concordaram em passar "uma hora em oração na primeira segunda-feira de todos os meses" pedindo de Deus um grande avivamento da denominação. De fato esperava um despertamento, mas, como acontece muitas vêzes, não pensaram na maneira em que Deus lhes responderia.

As igrejas de então não aceitavam a idéia, que consideravam absurda, de levar o Evangelho aos pagãos. Certa vez, numa reunião do ministério, Carey levantou-se e sugeriu que ventilassem êste assunto: *O dever dos crentes em promulgar o Evangelho às nações pagãs.* O venerável presidente da reunião, surpreendido pozse em pé e gritou: "Jovem, sente-se! Quando agradar a Deus converter os pagãos, êle o fará sem o seu auxílio, nem o meu."

Porém o fogo continuou a arder na alma de Guilherme Carey. Durante os anos que se seguiram esforçou-se ininterruptamente, orando, escrevendo e falando sôbre o assunto de levar Cristo a tôdas as nações. Em Maio de 1792 pregou seu memorável sermão sôbre Isaias 54:2,3: "Amplia o lugar da tua tenda, e as cortinas das tuas habitações se estendam; não o impeças; alonga as tuas cordas, e firma bem as tuas estacas. Porque trasbordarás à mão direita e à

esquerda; e a tua posteridade possuirá as nações e fará que sejam habitadas as cidades assoladas."

Discursou sôbre a importância de esperar grandes coisas de Deus e, em seguida, enfatizou a necessidade de tentar grandes coisas para Deus.

O auditório sentiu-se culpado de negar o Evangelho aos paises pagãos, ao ponto de "levantar as vozes em chôro." Foi então organizada a primeira sociedade missionária na história das igrejas de Cristo para a pregação do Evangelho entre os povos nunca evangelizados. Alguns como Brainerd, Eliot e Schwartz já tinham ido pregar em lugares distantes, mas sem que as igrejas se unissem para sustentá-los.

Apesar da sociedade ser o resultado da persistência e esforços de Carey, êle mesmo não tomou parte na sua formação. O seguinte, porém, foi escrito acêrca dêle nesse tempo:

"Aí está Carey, de estatura pequena, humilde de espírito quieto e constante; tem transmitido o espírito missionário aos corações dos irmãos, e agora quer que saibam da sua prontidão em ir onde quer que êles desejem, e está bem contente que formulem todos os planos".

Nem mesmo com esta vitória, porém, foi fácil para Guilherme Carey concretizar o sonho de levar Cristo aos países que jaziam nas trevas. Dedicava o seu espírito indômito a alcançar o alvo que Deus lhe marcara.

A igreja onde pregava não consentia que deixasse o pastorado; sòmente com a visita dos membros da sociedade à mesma, é que êste problema foi resolvido. No relatório da igreja escreveram. "Apesar de concordar com êle, não achamos bom que nos deixe aquêle quem amamos mais que a nossa própria alma."

Entretanto, o que mais sentira foi quando a sua espôsa recusou terminantemente deixar a Inglaterra com os filhos. Carey estava tão certo de que Deus o

chamava para trabalhar na Índia que nem por isso vacilou.

Havia outro problema que parecia insolúvel: Era proibida a entrada de qualquer missionário na Índia. Sob tais circunstâncias era inútil pedir licença para entrar; nestas condições conseguiram a embarcar sem êsse documento. Infelizmente o navio demorou algumas semanas e, pouco antes de partir, os missionários receberam ordem de desembarcar.

A sociedade missionária, apesar de tantos contratempos, continuou a confiar em Deus; conseguiram grangear dinheiro e compraram passagem para a Índia em um navio dinamarquês. Uma vez mais Carey rogou à sua querida espôsa que o acompanhasse. Ela ainda persistia na recusa e nosso herói, ao despedir-se dela disse: "Se eu possuisse o mundo inteiro, daria alegremente tudo pelo privilégio de levar-te e os nossos queridos filhos comigo; mas o sentido do meu dever sobrepuja tôdas as outras considerações. Não posso voltar para trás sem incorrer em culpa a minha alma."

Porém, antes do navio partir, um dos misisonários foi à casa de Carey. Grande foi a surprêsa e o regozijo de todos ao saberem que êsse missionário conseguira induzir a espôsa de Carey a acompanhar o seu marido. Deus comoveu o coração do comandante do navio a levá-la em companhia dos filhos, sem pagar passagem.

Certamente a viagem a vela não era tão cômoda como nos vapores modernos. Apesar dos temporais, Carey aproveitou-se do ensejo para estudar o bengalí e ajudar um dos missionários na obra de verter o livro de Gênesis para a lingua bengaleza.

Guilherme Carey aprendeu suficiente o bengalí, durante a viagem, para conversar com o povo. Pouco depois de desembarcar começou a pregar e os ouvintes vinham para ouvir em número sempre crescente.

Carey percebeu a necessidade imperiosa de o povo possuir a Bíblia na própria língua e, sem demora, entregou-se à tarefa de traduzí-la. A rapidez com que aprendeu as línguas da Índia é uma admiração para os maiores linguistas.

Ninguém sabe quantas vêzes o nosso herói se mostrou desanimadíssimo na Índia? A espôsa não tinha interêsse nos esforços de seu marido e enloqueceu. A maior parte dos ingleses com quem Carey teve contacto, o tinham como louco; durante quase dois anos nenhuma carta da Inglaterra lhe chegou às mãos. Muitas vêzes faltava à família dinheiro e alimento. Para sustentar a família, o missionário tornou-se lavrador da terra e empregou-se em uma fábrica de anil.

Durante mais de trinta anos Carey foi professor de línguas orientais no Colégio de Fort Williams. Fundou também, o Serampore College para ensinar os obreiros. Sob a sua direção o colégio prosperou, preenchendo grande parte na evangelização do país.

Ao chegar à Índia, Carey continuou os estudos que começara quando menino. Não sòmente fundou a Sociedade de Agricultura e Horticultura, mas criou um dos melhores jardins botânicos, redigiu e publicou o "Hortus Bengalensis". O livro "Flora Indica", outra de suas obras, foi considerada obra prima por muitos anos.

Não se deve concluir, contudo que, para Guilherme Carey, a horticultura fôsse mais do que um passatempo. Passou, também muito tempo ensinando nas escolas de crianças pobres. Mas acima de tudo sempre ardia no coração o desejo de se esforçar na obra de ganhar almas.

Quando um de seus filhos começou a pregar, Carey escreveu: "Meu filho, Felix, respondeu à chamada de pregar o Evangelho." Anos depois, quando êsse filho aceitou o cargo de embaixador da Grã Bretanha no

Sião, o pai, desapontado e angustiado, escreveu para um amigo: "Felix encolheu-se até tornar-se um embaixador!"

Durante o período de quarenta e um anos, que passou na Índia, não visitou a Inglaterra. Falava com volubilidade mais de trinta línguas da Índia, dirigia a tradução das Escrituras em tôdas elas e foi apontado ao serviço àrduo de tradutor oficial do govêrno. Escreveu várias gramáticas indianas e compilou notáveis dicionários do idioma bengalí, maratí e sanscrito. O dicionário bengalí consta de três volumes e inclue tôdas as palavras da língua, traçadas até a sua origem e definidas em todos os seus sentidos.

Tudo isto era possível porque sempre economizava o tempo, segundo se deduz do que escreveu seu biógrafo:

"Desempenhava estas tarefas hercúleas sem por em risco a sua saúde, aplicando-se metódica e rigorosamente ao seu programa de trabalhos, ano após ano. Divertia-se, passando de uma tarefa para outra. Dizia que se perde mais tempo, trabalhando inconstante e indolentemente do que nas interrupções de visitas. Observava, portanto, a norma de entrar, sem vacilar, na obra marcada e de não deixar coisa alguma desviar a sua atenção para qualquer outra coisa durante aquêle período."

O seguinte, escrito pedindo desculpas de um amigo, pela demora em responder-lhe a carta, mostra como muitas das suas obras avançavam juntas:

"Levantei-me hoje às seis, li um capítulo da Bíblia hebráica; passei o resto do tempo, até as sete, em oração. Então assisti o culto doméstico em bangalí, com os criados. Enquanto esperava o chá, li um pouco em persa com um munchi que me esperava; li também, antes de comer, uma porção das Escrituras em industani. Logo depois de comer sentei-me, com um pundite

que me esperava, para continuar a tradução do sanscrito para o ramayuma. Trabalhamos até as dez horas, quando então fui ao colégio par ensinar até quase às duas horas. Ao voltar para casa li as provas da tradução de Jeremias em bengalí, só findando em tempo para jantar. Depois do jantar, traduzi, ajudado pelo pundite chefe do colégio, a maior parte do capítulo oito de Mateus em sanscrito. Nisto fiquei ocupado até as seis. Depois das seis assentei-me com um pundite de Telinga, para traduzir do Sanscrito para a língua dêle. Às sete comecei a meditar sôbre a mensagem para um sermão e preguei em inglês, às sete e meia. Cêrca de quarenta pessoas assistiram o culto, entre as quais, um juiz do Sudder Dewany 'dawlut. Depois do culto o juiz contribuiu com 500 rupias para a construção de um novo templo. Todos os que assistiram o culto tinham saído às nove horas; sentei-me para traduzir o capítulo onze de Ezequiel para o bengalí. Findei às onze, e agora estou escrevendo esta carta. Depois, encerrei o dia com oração. Não há dia em que disponha de mais tempo do que isto, mas o programa varia."

Com o avançar da idade, seus amigos insistiam em que diminuisse os seus esforços, mas a sua aversão à inatividade era tal, que continuava trabalhando mesmo quando a fôrça física não dava para a necessária energia mental. Por fim, viu-se obrigado a ficar de cama, onde continuava a corrigir as provas das traduções.

Finalmente em 9 de Junho de 1834, com a idade de 73 anos, Guilherme Carey dormiu em Cristo.

A humildade era um dos característicos mais destacados da sua vida. Conta-se que, no zenite da fama, ouviu certo oficial inglês perguntar cìnicamente: "O grande dr. Carey não era sapateiro?" Carey, ao ouvir

casualmente a pergunta, respondeu: "Não, meu amigo, era apenas um remendão."

Quando Guilherme Carey chegou à Índia, os ingleses negaram-lhe permissão para desembarcar. Ao morrer, porém, o govêrno mandou içar as bandeiras a meia haste em honra de um herói que fizera mais para a Índia do que todos os generais britânicos.

Calcula-se que traduziu a Bíblia para a terça parte dos habitantes do mundo. Assim escreveu um de seus sucessores, o Missionário Wenger: "Não sei como Carey conseguiu fazer nem a quarta parte das suas traduções. Faz cêrca de vinte anos (em 1855), que alguns misisonários, ao apresentarem o Evengelho no Afeganistão (país de Ásia central), acharam que a única versão que êsse povo entendia era a Pushtoo feita em Sarampore por Carey."

O corpo de Guilherme Carey descansa, mas a sua obra continua a servir de benção a uma grande parte do mundo.



Christmas Evans

CHRISTMAS EVANS

O «JOÃO BUNYAN DE GALES»

1766-1838

Seus pais deram-lhe o nome de Christmas porque nasceu no dia de "Christmas" (Natal), em 1766. O povo deu-lhe a alcunha de "Pregador Caolho" porque era cego de um ôlho. Alguém assim se referiu a Christmas Evans: "Era o mais alto dos homens, de maior força física e o mais corpulento que jamais vi. Tinha um ôlho só; se há razão para dizer que era ôlho, mais pròpriamente pode dizer que era uma estrêla luzente, brilhando como o planêta Venus". Foi chamado, também, "O João Bunyan de Gales", porque era o pregador que, na história dêsse país, desfrutava mais do poder do Espírito Santo. Em todo o lugar onde pregava, havia grande número de conversões. Seu dom de pregar era tão extraordinário que, com tôda a facilidade, podia levar um auditório de 15 a 20 mil pessoas, de temperamento e sentimentos vários, a ouvi-lo com a mais profunda atenção. Nas igrejas não cabiam as multidões que iam ouví-lo durante o dia; de noite sempre pregava ao ar livre sob o brilhar das estrêlas.

Durante a sua mocidade viveu entregue à devassidão e embriaguês. Numa luta foi gravemente esfaqueado; outra vez foi tirado das águas como morto e, ainda outra vez, caiu de uma árvore sôbre uma faca.

Nas contendas era sempre o campeão, até que, por fim, num combate, seus companheiros cegaram-lhe um ôlho. Deus, contudo, fôra misericordioso durante êsse período guardando-o com vida para, mais tarde, fazê-lo útil no Seu serviço.

Com a idade de 17 anos foi salvo: aprendeu a ler e, não muito depois, foi chamado a pregar e separado para o ministério. Seus sermões eram sêcos e sem fruto até que, um dia, em viagem para Maentworg, segurou seu cavalo e entrou na mata onde derramou a sua alma em oração a Deus. Como Jacó em Peniel, de lá não saiu antes de receber a benção divina. Depois daquele dia reconheceu a grande responsabilidade de sua obra; regozijava-se sempre no espírito de oração e surpreendeu-se grandemente com os frutos gloriosos que Deus começou a conceder-lhe. Antes destas coisas possuia dons e corpo de gigante; porém, depois foi-lhe acrescentado o espírito de gigante. Era corajoso como leão e humilde como cordeiro; não vivia para si, mas para Cristo. Além de ter, por natureza, uma mente ativa e maneira tocante de falar, tinha um coração que transbordava de amor para com Deus e o próximo. Verdadeiramente era uma luz que ardia e brilhava.

No sul de Gales andava a pé, pregando às vêzes cinco sermões num só dia. Apesar de não andar bem vestido e possuir maneiras desastrosas, afluiam grandes multidões para o ouvir. Vivificado com o fogo celestial, subia em espírito como se tivesse asas de anjo e quase sempre levava o auditório consigo. Muitas vêzes os ouvintes rompiam em chôro e outras manifestações, coisas que não podiam evitar. Por isso eram conhecidos por "Saltadores Galêzes".

Era convicção de Evans que seria melhor evitar os dois extremos: o excesso de ardor e a frieza demasiada. Porém Deus é um Ser soberano, operando em várias maneiras. A alguns Êle atrai pelo amor, enquan-

to a outros Êle espanta com os trovões de Sinaí para acharem preciosa paz em Cristo. Os vacilantes, às vêzes, são por Deus sacudidos sôbre o abismo da angústia eterna até clamarem pedindo misericórdia e acharem gôzo indizível. O cálice dêsses transborda até que alguns, não compreendendo, perguntam: "Por que tanto excesso?"

Acêrca da censura que se fazia dos cultos. Evans escreveu: "Admiro-me de que o gênio mau, chamando-se "o anjo de ordem", queira experimentar tornar tudo na adoração a Deus, em coisa tão sêca como o monte Gilboa. Êsses homens de ordem desejam que o orvalho caia e o sol brilhe sôbre tôdas as suas flores, em todos os lugares, menos nos cultos do Deus Todo Poderso. Nos teatros, nos bars e nas reuniões políticas os homens comovem-se, entusiasmam-se e são tocados de fogo como qualquer "Saltador Galez". Mas segundo êles desejam não deve haver coisa alguma que dê vida e entusiasmo à religião! Irmãos,, meditai nisto! Tendes razão, ou estais errados?"

Conta-se que, em certo lugar, havia três pregadores para falar, sendo Evans o último. Era um dia de muito calor; os primeiros dois sermões foram muito longos, de forma que todos os ouvintes ficaram indiferentes e quase exaustos. Porém depois, de Evans haver pregado cêrca de quinze minutos, sôbre a misericórdia de Deus, tal qual se vê na parábola do Filho Prodigo, centenas dos que estavam sentados na relva, repentinamente, ficaram em pé. Alguns choravam e outros oravam sob grande angústia. Foi impossível continuar o sermão; o povo continuou a chorar e orar durante o dia inteiro e à noite até amanhecer.

Na ilha de Anglesea, porém, Evans teve de enfrentar uma doutrina, chefiada por um orador eloquente e instruído, Na luta contra o êrro dessa seita, começou

a esfriar espiritualmente. Depois de alguns anos, não possuia o espírito de oração nem o gôzo da vida cristã. Êle mesmo assim descreveu como o buscou e recebeu de novo a unção do poder divino que fez a sua alma abrasar-se ainda mais do que antes.

"Não podia continuar com o meu coração frio para com Cristo, Sua expiação e a obra de Seu Espírito. Não suportava o coração frio no púlpito, na oração oculta e no estudo, especialmente quando me lembrava de que durante quinze anos o meu coração se abrazava como se eu andasse com Jesus no caminho a Emaús. Chegou o dia, por fim, que nunca mais esquecerei: Na estrada de Dolgelly, senti-me obrigado a orar, apesar de ter o coração endurecido e o espírito carnal. Depois de começar a suplicar, senti como que pesados grilhões me caissem e como que montanhas de gêlo se derretessem dentro de mim. Com esta manifestação aumentou em mim a certeza de haver recebido a promessa do Espírito Santo. Parecia-me que meu espírito inteiro fôra sôlto de uma prisão prolongada, ou como se estivesse saindo do túmulo dum inverno muitíssimo frio. Correram-me abundantemente as lágrimas e fui constrangido a clamar e pedir a Deus, o gôzo de Sua salvação, e que Êle visitasse, de novo, as igrejas de Anglesea que estavam sob meus cuidados. Supliquei por tôdas as igrejas mencionando o nome de quase todos os pregadores de Gales. Lutei em oração durante mais de três horas. O espírito de intercessão começou a passar sôbre mim, como ondas, uma após outra, impelidas por vento forte,, até que as minhas fôrças físicas enfraqueceram de tanto chorar. Foi assim que me entreguei inteiramente a Cristo, corpo e alma, talentos e obras, a vida inteira, todos os dias e tôdas as horas que ainda me restavam, inclusive todos os meus cuidados. Tudo entreguei nas mãos de Cristo... No primeiro culto depois, senti-me como que removido da região esteril e frigida

de gêlo espiritual, para as terras agradáveis das promessas de Deus. Comecei, então, de novo os primeiros combates em oração, sentindo fortes anelos pela conversão de pecadores, tal como tinha sentido em Leyn. Apoderei-me da promessa de Deus. O resultado foi, que vi, ao voltar à casa, o Espírito operar nos irmãos da Anglesea, dando-lhes o espírito de oração com importunação".

Passou então um grande avivamento do pregador ao povo em todos os lugares da ilha da Anglesea e em todo o Gales. A convicção de pecado como grandes enchentes passava sôbre os auditórios. O poder do Espírito Santo operava até o povo chorar e dansar de gôzo. Um dos que assistiram seu famoso sermão sôbre o Endomoninhado Gadareno, conta como Evans retratou tão fielmente a cena do livramento do pobre endemoninhado, a admiração do povo ao vê-lo liberto, o gôzo da espôsa e dos filhos quando voltou à casa, curado, que o auditório rompeu em grande riso e chôro. Outro assim se expressou. "O lugar tornou-se em um verdadeiro "Boquim" de chôro. (Juizes 2:1-5). Outro ainda disse que o povo do auditório ficou como os habitantes duma cidade abalada por um terremoto, correndo para fora, prostrando-se em terra e clamando a Deus.

Não semeava pouco, portanto colhia abundantemente; ao ver a abundância da colheita, sentia seu zêlo arder de novo, seu amor aumentar e foi levado a trabalhar ainda mais. A sua firme convicção era de que nem a melhor pessoa pode salvar-se sem a operação do Espírito Santo, nem o coração mais rebelde pode resistir ao poder do mesmo Espírito. Evens sempre tinha um alvo quando lutava, em oração; firmava-se nas promessas de Deus, suplicando com tanta importunação como quem não podia desistir antes de receber. Dizia que a parte mais gloriosa do ministério

do pregador era o fato de agradecer a Deus pela operação do Espírito Santo na conversão dos pecadores.

Como vigia fiel, não podia pensar em dormir enquanto a cidade se incendiava. Humilhava-se perante Deus, agonizando pela salvação de pecadores e de bôa vontade gastou suas fôrças e saúde por êles. Trabalhava sem se cansar, sem temer a censura dos religiosos frios, o desprezo dos perdidos, a ira e a fúria dos demônios.

Com a idade de setenta e três anos, sem mostrar diminuição em suas fôrças físicas, ou mentais, pregou o último sermão, sob o poder de Deus, como de costume. Ao findar disse: "Êste é meu último sermão". Os irmãos entenderem que se referira ao último sermão naquele lugar. Caiu doente, porém, na mesma noite. Na hora da sua morte, três dias depois, dirigiu-se ao pastor, seu hóspedeiro, com estas palavras: "O meu gozo e consolação é que, depois de me ocupar na obra do santuário durante cinqüenta e três anos, nunca me faltou sangue na bacia. Prega Cristo ao povo". Então, depois de cantar um hino, disse: "Adeus! Adeus!" e faleceu.

A morte de Christmas Evans foi um dos eventos mais solenes em tôda a história do principado de Gales. Houve chôro e pranto no país inteiro.

O fogo do Espírito Santo fêz os sermões dêste servo de Deus abrasar de tal forma os corações, que o povo da sua geração não podia ouvir pronunciar o nome de Christmas Evans sem ter lembrança vivida do Filho de Maria na mangedoura em Belem, Seu batismo no Jordão; o jardim de Getsêmane, o tribunal de Pilatos, a coroa de espinhos, o monte Calvário, o Filho de Deus imolado no altar e o fogo santo que consumia todos os holocaustos desde os dias de Abel até o dia memorável em que foi apagado pelo sangue do Cordeiro de Deus.

HENRIQUE MARTYN

LUZ INTEIRAMENTE GASTA POR DEUS

1781-1812

Ajoelhado na praia da Índia, Henrique Martyn derramava a alma perante o Mestre e orava: "Amado Senhor, eu também andava no país longínquo; minha vida ardia no pecado... desejaste que eu me tornasse, não mais um tição para espalhar a destruição, mas uma tocha brilhando por Ti. Zac. 3:2). Eis-me aqui nas trevas mais densas, selvagens e opressivas do paganismo. Agora, Senhor, quero arder até me consumir inteiramente por ti!"

O intenso ardor daquêle dia sempre motivou a vida dêsse moço. Diz-se que seu é "o nome mais heróico, que adorna a história da Igreja da Inglaterra, desde os tempos da rainha Elisabete". Contudo, até entre seus patricios, êle não é bem conhecido.

Seu pai era de físico franzino. Depois do seu progenitor falecer, os quatro filhos, inclusive Henrique, não tardaram a contrair a mesma enfermidade, a tuberculose.

Com a morte do pai, Henrique perdeu seu intenso interêsse pela matemática e se interessou grandemente na leitura da Bíblia. Diplomou-se com as maiores honras de todos de sua classe. 0 Espírito Santo, porém, falou à sua alma: "Buscas grandes coisas para ti, não as busques." Acêca dos seus estudos testificou: Alcan-

cei o maior que desejara, mas fiquei desapontado ao ver como, apenas, tinha agarrado uma sombra."

Tinha por costume se levantar cedo de madrugada e andar sòzinho, pelos campos para gozar da comunhão íntima com Deus. O resultado foi que abandonou, para sempre, o plano de ser advogado, um plano que ainda seguia porque "não podia consentir em ser pobre pelo amor de Cristo."

Ao ouvir um sermão sôbre "O Estado Perdido dos Pagãos" resolveu dar a sua vida como missionário. Ao conhecer a vida abnegada do missionário, Guilherme Carey, na sua grande obra na Índia, sentiu-se dirigido a trabalhar no mesmo país.

O desejo de levar a mensagem de salvação aos povos que não conheciam a Cristo, tornou-se com um fogo inextinguível na sua alma, pela leitura da biografia de Daví Brainerd, o qual morrera quando ainda muito jovem, com a idade de vinte e nove anos; sua vida gasta inteiramente no serviço de amor intenso aos selvícolas da América do Norte. Henrique Martyn reconhecia que, como fôram poucos anos da obra de Daví Brainerd, havia também para êle pouco tempo, e se acendeu nêle a mesma paixão de gastar-se, inteiramente, por Cristo no breve espaço de tempo que lhe restava. Seus sermões não consistiam em palavras de sabedoria humana, mas sempre se dirigia ao povo como "um moribundo, pregando aos moribundos."

Havia um grande embaraço para Henrique Martyn: a mãe da sua noiva, Lidia Grenfel, não consentiria que êles se casassem, se êle insistisse em levá-la para o estrangeiro. Henrique amava a Lídia e o seu maior desejo terrestre era estabelecer um lar e trabalhar junto com ela na seára do Senhor. Acêrca disto êle escreveu no seu diário: "Continuei uma hora e meia em oração, lutando contra o que me ligava... Cada vez que estava perto de ganhar a vitória, o coração voltava para

o seu idolo e, finalmente, detei-me sentindo grande mágoa."

Então se lembrou de Daví Brainerd, o qual negava a si mesmo todos os confortos da civilização, andava grandes distâncias sòzinho na floresta, passava dias com fome e depois de assim se esforçar por cinco anos voltou para falecer tuberculoso nos braços da sua noiva, Jerusha, filha de Jônatas Edwards.

Por fim Henrique Martyn, também ganhou a vitória, obedecendo à chamada a sacrificar-se para a salvação dos perdidos. Ao embarcar, em 1805, para a Índia, escreveu: "Se eu viver ou morrer, que Cristo seja magnificado pela colheita de multidões para Êle."

A bordo do navio, ao afastar-se da sua pátria, Henrique Martyn chorou como uma criança. Contudo nada podia desviá-lo da sua firme resolução de seguir a direção divina. Êle era um tição arrebatado do fogo e repetidamente disse: "Que eu seja uma chama de fogo no serviço divino."

Depois de nove longos meses a bordo, e quando se achava perto do seu destino, passou um dia inteiro em jejum e oração. Sentia quão grande era o sacrifício da cruz e como era, igualmente, grande a sua responsabilidade para com os perdidos na idolatria da Índia. Continuava a repetir: "Tenho posto vigias sôbre os teus muros, ó Jerusalém; êles não se calarão jamais em todo o dia nem em tôda a noite: não descanseis vós os que fazeis lembrar a Jeová, e não lhe deis a Êle descanso, até que estabeleça, e até que ponha a Jerusalém por objeto de louvor na terra." (Isa. 62:6).

A chegada de Henrique Martyn à Índia, no mês de Abril de 1806, foi, também, em resposta à oração de outros. A necessidade era tão grande nesse país, que os poucos obreiros concordaram em reunirem-se em Calcutá, de oito em oito dias, para pedirem a Deus que enviasse um homem cheio do Espírito Santo e poder

à Índia. Martyn, logo ao desembarcar, foi recebido alegremente por êles como a resposta às suas orações.

É difícil imaginar o horror das trevas em que vivia êsse povo, entre o qual Martyn se achava. Um dia, perto do lugar onde se hospedara, ouviu a música e viu a fumaça de uma das piras fúnebres de que ouvira falar antes de sair da Inglaterra. As chamas já começavam a subir do lugar onde uma viúva se achava sentada ao lado do cadáver de seu marido morto. Martyn, indignado, esforçou-se, mas não pôde conseguir salvar a pobre vítima.

Em outra ocasião foi atraído, pelo ruído de címbalos, a um lugar onde o povo fazia culto aos demônios. Os adoradores se prostravam perante um ídolo, obra das suas próprias mãos, a quem adoravam e temiam! Martyn sentia-se "mesmo na visinhança do inferno".

Cercado de tais cenas, êle se aplicava mais e mais e sem cansar, dia após dia, a aprender a língua. Não se desanimava com a falta de fruto da sua pregação, reconhecendo ser de maior importância traduzir as Escrituras e colocá-las nas mãos do povo. Com êsse alvo perseverava na obra de tradução, cuidadosamente aperfeiçoando a obra, pouco a pouco, e parando de vez em quando para pedir o auxílio de Deus.

Como a sua alma ardia no firme propósito de dar a Bíblia ao povo, vê-se no seguinte, em um dos seus sermões conservado no Museu Britânico:

"Pensai na situação triste do moribundo, que apenas conhece bastante da eternidade para temer a morte, mas não conhece bastante do Salvador para olhar o futuro com esperança. Não pode pedir uma Bíblia para saber algo sôbre o qual se firmar, nem pode pedir a esposa ou ao filho que lhe leiam um capítulo para o confortar. A Bíblia, ah, é um tesouro que êles nunca possuiam! Vós que tendes um coração para sentir a miséria do próximo, vós que sabeis como a agonia de

espírito é mais que qualquer sofrimento do corpo, vós que sabeis que vem o dia em que tendes de morrer, ó dai-lhes aquilo que será um confôrto na hora da morte!"

Para alcançar êsse alvo, de dar as Escrituras aos povos da Índia e da Pérsia, Martyn se aplicou à obra de tradução de dia e de noite, quando descansava e quando em viagem. Não diminuia a sua marcha quando o termômetro registrava o intenso calor de 70º nem quando sofria da febre intermitente, nem com o avanço da peste branca que ardia no seu peito.

Como Daví Brainerd, cuja biografia sempre serviu para inspirá-lo, Henrique Martyn passou dias inteiros em intercessão e comunhão com o seu "Amado", seu "Querido Jesus". "Parece," escreveu êle, "que posso orar para sempre e nunca cansar. Quão doce é andar com Jesus e morrer por Êle..." Para êle a oração não era uma formalidade, mas o meio de alcançar a paz e o poder dos céus, o meio certo de quebrantar os endurecidos e vencer os adversários.

Seis anos e meio depois de ter desembarcado na Índia, com a idade de 31 anos, enquanto empreendia longa viagem, faleceu. Separado dos irmãos, do resto da família, cercado de perseguidores, e a noiva esperando-o na Inglaterra foi enterrado em lugar desconhecido.

Era grande o ânimo, a perseverança, o amor, a dedicação com que trabalhava na seára do seu Senhor! O zêlo ardeu até êle se consumir neste curto espaço de seis anos e meio. É-nos impossível apreciar quão grande foi a sua obra feita em tão poucos anos. Além de pregar, conseguiu traduzir porções das Sagradas Escrituras para as línguas de uma quarta parte de todos os habitantes do mundo. O Novo Testamento no hindú, hindustão e persa e os Evangelhos em judáico-persa são apenas uma parte das suas obras.

Quatro anos depois da sua morte nasceu Fidélia Fiske no sossêgo da Nova Inglaterra. Quando ainda aluna na escola, leu a biografia de Henrique Martyn. Andou quarenta e cinco quilômetros de noite, sob violenta tempestade de neve, para pedir a sua mãe que a deixasse ir pregar o Evangelho às mulheres da Pérsia. Ao chegar à Pérsia reuniu as mulheres e lhes contou o amor de Jesus até que o avivamento em Oroomiah se tornou em outro Pentecostes.

Se Henrique Martyn, que entregou tudo para o serviço do Rei dos reis, pudesse visitar a Índia, e a Pérsia, hoje, quão grande seria a obra que encontraria, obra feita por tão grande número de fiéis filhos de Deus nos quais ardeu o mesmo fogo pela leitura da biografia dêsse pioneiro.



Ana e Adoniram Judson

ADONIRAM JUDSON

MISSIONARIO, PIONEIRO A BIRMANIA

1788-1850

O missionário, magro e enfraquecido pelos sofrimentos e privações, foi conduzido entre os mais endurecidos criminosos, como gado a chicotadas e sôbre a areia ardente para a prisão. Sua espôsa conseguiu entregar-lhe um travesseiro para que pudesse dormir melhor no duro solo da prisão. Porém êle descansava ainda melhor porque sabia que dentro do travesseiro, que tinha abaixo da cabeça, estava escondida a preciosa porção da Bíblia que traduzira com grandes esforços para a língua do povo que o perseguia.

Aconteceu que o carcereiro requisitou o travesseiro para o seu próprio uso! Que podia fazer o pobre missionário para readquirir seu tesouro? A espôsa então preparou, com grandes sacrifícios, um travesseiro melhor e conseguiu trocá-lo com o do carcereiro. Dessa forma a tradução da Bíblia foi conservada na prisão por quase dois anos; a Bíblia inteira, depois de completada por êle, foi dada, pela primeira vez, aos milhões de habitantes da Birmânia.

Em tôda a história, desde o tempo dos apóstolos, são poucos os nomes que nos inspirem tanto a esforçarmo-nos pela obra missionária como os nomes dêsse casal, Ana e Adoniram Judson. Em certa igreja em

Malden, subúrbio de Boston, encontra-se uma placa de mármore com a seguinte inscrição:

Memorial
Rev. Adoniram Judson
Nasceu 9-Agôsto-1788;
Morreu 12-Abril-1850
Lugar de seu nascimento, Malden.
Lugar de seu sepultamento, o mar.
Seu monumento, Os SALVOS DA BIRMÂNIA E A BÍBLIA BIMANIANA
Seu histórico, nas alturas.

Adoniram fôra uma criança precoce; sua mãe ensinou-o a ler um capítulo inteiro da Bíblia, antes de êle completar quatro anos de idade.

Seu pai inculcou-lhe o desejo ardente, em tudo quanto fazia, de sempre se aproximar da perfeição, sobrepondo-se a qualquer de seus companheiros. Esta fôra a norma de tôda a sua vida.

Os anos que passou nos estudos foram os anos em que o ateismo, que tinha sua origem na França, se infiltrou no país. O gôzo de seus pais, ao saberem que o filho ganhara o primeiro lugar na sua classe, transformou-se em tristeza, quando êle os informou que não mais acreditava na existência de Deus. O recem-diplomado sabia enfrentar os argumentos de seu pai, que era pastor instruído, e jamais sofrera de tais dúvidas. Contudo as lágrimas e admoestações de sua mãe, depois de sair da casa paterna, estava sempre perante êle.

Não muito depois de "ganhar o mundo", na casa dum tio, encontrou-se com um jovem pregador. Êste conversou com êle tão sèriamente acêrca da sua alma, que Judson ficou muito impressionado. Passou o dia

seguinte sòzinho, em viagem a cavalo. Ao anoitecer, chegou a uma vila onde passou a noite numa pensão. No quarto contiguo ao que êle ocupou estava um moço moribundo, e Judson não conseguiu reconciliar o sono, durante a noite. O moribundo seria crente? Estaria preparado para morrer? Talvez fôsse "livre pensador", filho de pais piedosos que oravam por êle! O que, também, o perturbava era a lembrança dos seus companheiros, os alunos agnósticos do colégio de Providence. Como se envergonharia, se os antigos colegas, especialmente o sagaz compadre, Ernesto, soubessem o que agora sentia em seu coração.

Ao amanhecer o dia, disseram-lhe que o moço morrera. Em resposta à sua pergunta, foi informado de que o falecido era um dos melhores alunos do colégio de Providence, cujo nome era Ernesto!

Judson, ao saber da morte de seu companheiro ateu, ficou estupefato. Sem saber como, estava em viagem de volta à casa. Desde então desapareceram tôdas as suas dúvidas acêrca de Deus e a Bíblia. Soavam-lhe constantemente aos ouvidos as palavras: "Morto! Perdido! Perdido!"

Não muito depois dêste acontecimento, dedicou-se solenemente a Deus e começou a pregar. Que a sua consagração era profunda e completa ficou provado pela maneira como se aplicou à obra de Deus.

Nesse tempo, Judson escreveu à noiva: "Em tudo que faço, pergunto a mim mesmo: Isto agradará ao Senhor?... Hoje alcancei maior grau do gôzo de Deus, tenho sentido grande alegria perante o Seu trono".

É assim que Judson nos conta, nas seguintes palavras, a sua chamada para o serviço de missionário: "Foi quando andava num lugar solitário na floresta, meditando e orando sôbre o assunto e quasi resolvido a abandonar a idéia, que me foi dada a ordem: "Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a tôda a criatura".

Êste assunto foi-me apresentado tão claramente e com tanta fôrça que resolvi obedecer, apesar dos obstáculos que se apresentaram diante de mim".

Judson, com quatro dos seus colegas, reuniram-se abaixo de um montão de feno, para orarem e ali solenemente dedicaram, perante Deus, suas vidas, para levar o Evangelho "aos confins da terra". Não havia qualquer junta de missões para os enviar. Contudo, Deus honrou a dedicação dos moços, tocando nos corações dos crentes, para suprirem o dinheiro.

Judson foi chamado, então, a ocupar um lugar no corpo docente na universidade de Brown, mas recusou o convite. Depois foi chamado a pastorear uma das maiores igrejas da América do Norte. Êste convite, também, foi rejeitado. Foi grande o descontentamento de seu pai e o chôro de sua mãe e irmã ao saberem que Judson se oferecera para a obra de Deus no estrangeiro, onde nunca fôra proclamado o Evangelho.

A espôsa de Judson mostrou ainda mais heroismo porque era a primeira mulher a sair dos Estados Unidos , como missionária. Com a idade de dezesseis anos teve a sua primeira experiência religiosa. Vivia tão entregue a vaidade que seus conhecidos receavam o castigo repentino de Deus sôbre ela. Então, em certo domingo, enquanto se preparava para o culto, ficou profundamente comovida pelas palavras: "Aquela que vive nos prazeres, apesar de viver, está morta". Acêrca da sua vida transformada, escreveu-lhe ela mais tarde: "Eu gozava dia após dia, doce comunhão com o bendito Deus; no coração sentia o amor que me ligava aos crentes de tôdas as denominações; achei as sagradas Escrituras doce ao paladar, senti tão grande sêde de conhecer as coisas religiosas que, freqüentemente, passava quasi noites inteiras lendo". Todo o ardor que mostrara na vida mundana agora o sentia na obra de Cristo. Por alguns anos, antes de aceitar a chamada

missionária, era professora e se esforçava em ganhar os alunos para Cristo.

Adoniram, depois de despedir-se de seus pais para iniciar sua viagem à Índia, foi acompanhado até Boston por seu irmão, Elnatã, moço ainda não salvo. No caminho os dois se apearam dos seus cavalos, entraram na floresta e lá, de joelhos, Adoniram rogou a Deus que salvasse seu irmão. Quatro dias depois os dois se separaram para não se unirem mais neste mundo. Alguns anos depois, porém, Adoniram recebeu notícias de que seu irmão recebeu também a herança no reino de Deus.

Judson e sua espôsa embarcaram para a Índia em 1812, passando quasi quatro mêses a bordo do navio. Aproveitando essa oportunidade para estudar, os dois chegaram a compreender que o batismo bíblico é imersão e não aspersão, como a sua denominação o praticava. Não considerando a oposição de seus muitos conhecidos, nem o seu sustento, não vacilaram em informar àqueles que os tinham enviado. Foram batizados no pôrto de desembarque, Calcutá.

Expulsos logo dessa cidade, por causa da situação política, fugiram de país em país. Por fim, dezessete longos meses depois de partirem da América, chegaram a Rangom, na Birmânia. Judson estava quasi exausto por causa dos horrores que sofrera a bordo; sua espôsa, estava tão perto da morte que não mais podia caminhar, sendo levada para terra em uma padiola.

O império da Birmânia de então, era mais bárbaro e de língua e costumes mais estranhos do que qualquer outro país que os Judson tinham visto. Ao desembarcarem, os dois, em resposta às orações durante as longas vigílias da noite, foram sustentados por uma fé invencível e o amor divino que os levava a sacrificar

tudo, para que a gloriosa luz do Evangelho raiasse também nas almas dos habitantes dêsse país.

Agora, um século depois, podemos ver como o Mestre dirigia Seus servos, fechando as portas durante a prolongada viagem, para que não fôssem aos lugares que esperavam e desejavam ir. Hoje pode-se ver claramente que Rangom, o porto principal da Birmânia, era justamente o ponto mais estratégico para iniciar a ofensiva da Igreja de Cristo contra o paganismo no continente da Ásia.

No estudo difícil do idioma birmanês foi necessário fazer o seu próprio dicionário e gramática. Passaram-se cinco anos e meio antes de fazerem o primeiro culto para o povo. No mesmo ano batizaram o primeiro convertido apesar de cientes da ordem do rei de que ninguém podia mudar de crença sem ser condenado à morte.

Ao sair da sua terra para ser missionário, Judson levava uma soma considerável de dinheiro. Essa quantia êle a ganhara de seu emprêgo e parte recebeu-a de ofertas de parentes e amigos. Não só colocou tudo isto aos pés daqueles que dirigiam a obra missionária mas, também, cinco mil e duzentos rúpias (cêrca de Cr$ 50.000,00) que o Governador-Geral da Índia lhe pagou por seus serviços prestados por ocasião do armistício de Yandabo.

Recusou o emprêgo de intérprete do govêrno, com salário elevado, escolhendo antes sofrer as maiores privações e apróbio, para ganhar as almas dos pobres birmanianos para Cristo.

Durante onze mêzes, esteve em cadeias preso em Ava, naquele tempo a capital da Birmânia. Passou alguns dias com mais sessenta outros sentenciados à morte, encerrado em um edifício sem janelas, escuro e quente, abafado e imundo em extremo. Passava o dia com os pés e mãos no tronco. Para passar a noite, o

carcereiro enfiava-lhe um bambú entre os pés acorrentados, juntando-o com outros prisioneiros e, por meio de cordas, arribou-os até apenas os hombros descansarem no chão. Além dêste sofrimento, tinha de ouvir constantemente os gemidos misturados com o falar torpe dos mais endurecidos criminosos da Birmânia. Vendo os outros prisioneiros arrastados para fora para morrer às mãos do carrasco, Judson podia dizer: "Cada dia morro". As cinco cadeias de ferro pesavam tanto, que levou as marcas das algemas, no corpo até à morte. Certamente êle não teria resistido, se a sua fiel espôsa não tivesse conseguido permissão do carcereiro para, no escuro da noite, levar-lhe comida e consolá-la com palavras de esperança.

Um dia porém, ela não apareceu; essa ausência durou vinte longos dias. Ao reaparecer, trazia nos braços uma criancinha recém-nascida.

Judson, uma vez liberto da prisão, apressou-se o mais possível para chegar a casa, mas tinha as pernas estropeadas pelo longo tempo que passra no cárcere. Fazia muitos dias que não recebia notícias de sua querida Ana! Ela ainda vivia? Por fim, encontrou-a, ainda viva, mas com febre, e próxima à morte.

Dessa vez ela ainda se levantou, mas antes de completar 14 anos na Birmânia, faleceu. Comove a alma ao ler a dedicação de Ana Judson ao marido, e a parte que desempenhou na obra de Deus, e em casa até o dia da sua morte.

Alguns mêses depois da morte da espôsa de Judson, a sua filha também morreu. Durante os seis longos anos que seguiram, êle trabalhou sòzinho, casando-se, então com a viuva de outro missionário. A nova espôsa, gozando os frutos dos esforços incessantes na Birmânia, mostrou-se tão dedicada ao marido como sua primeira.

Judson perseverou durante vinte anos para completar a maior contribuição que se podia fazer à Birmânia, a tradução da Bíblia inteira na própria língua do povo.

Depois de trabalhar constantemente no campo estrangeiro durante trinta e dois anos, para salvar a vida da espôsa, embarcou com ela e três dos filhos, de volta à América, sua terra natal. Porém, em vez de ela melhorar da doença de que sofria, como se esperava, morreu durante a viagem, sendo enterrada em Sta. Helena, onde o navio aportou. Quem poderá descrever o que Judson sentiu ao desembarcar nos Estados Unidos, quarenta e cinco dias depois da morte da sua querida esposa?!

Judson, que estivera ausente durante tantos anos da sua terra, sentia-se agora perturbado acêrca da hospedagem nas cidades de seu país. Surpreendeu-se, depois de desembarcar, ao verificar que tôdas as casas se abriam para recebê-lo. Seu nome tornara-se conhecido de todos. Grandes multidões afluiam para ouvi-lo pregar. Porém, depois de passar trinta e dois anos ausente na Birmânia, naturalmente, sentiu-se como se estivesse entre estrangeiros, e não queria levantar-se diante do público para falar na língua materna. Também, sofria dos pulmões e era necessário que outrem repetisse para o povo o que êle apenas podia dizer balbuciando.

Conta-se que, certo dia num trem, entrou o vendedor de jornais. Judson aceitou um e, distraído começou a lê-lo; o pasageiro ao lado chamou-o a atenção, dizendo que o rapaz ainda esperava o niquel pelo jornal. Olhando para o vendedor, pediu desculpas, dizendo que pensára que oferecessem o jornal de graça, pois êle estava acostumado a distribuir muita literatura na Birmânia sem cobrar um centavo, durante muitos anos.

Passara apenas oito mêses entre seus patrícios, quando se casou de novo e embarcou pela segunda vez para a Birmânia. Continuou a sua obra naquele país, sem cansar, até alcançar a idade de sessenta e um anos. Judson foi chamado a estar com Seu Mestre enqunto viajava longe da família. Conforme o seu desejo, foi sepultado em alto mar.

Adoniram Judson costumava passar muito tempo orando de madrugada e de noite. Diz-se que gozava da mais íntima comunhão com Deus enquanto caminava apressadamente. Os filhos, ao ouvirem seus passos firmes e resolutos dentro do quarto, sabiam que seu pai estava levando suas preces ao trono da graça. Seu conselho era: *"Planeja os teus negócios, se fôr possível, para passar duas a três horas, todos os dias, não só em adorar a Deus, mas em orar em secreto".*

Sua espôsa conta que, durante a sua última doença, antes de falecer, ela leu para êle a notícia de certo jornal, acêrca da conversão de alguns judeus na Palestina, justamente onde Judson queria trabalhar antes de ir à Birmânia. Êsses judeus, depois de lerem a história dos sofrimentos de Judson na prisão de Ava, foram inspirados a pedir, também, um missionário e assim iniciou-se uma grande obra entre êles.

Ao ouvir isto, os olhos de Judson se encheram de lágrimas; tendo o semblante solene e a glória dos céus estampada no rosto, tomou a mão de sua espôsa dizendo: Querida, isto me espanta. Não o compreendo. Refiro-me à notícia que lêste. Nunca orei sinceramente por uma coisa sem a receber; recebi-a apesar de demorada, em alguma maneira, talvez numa forma que não esperva, mas a recebi sempre. Contudo sôbre êste assunto eu tinha tão pouca fé! Que Deus me perdôe e, enquanto na sua graça quiser me usar, como Seu instrumento, limpe tôda a incredulidade de meu coração.

Nesta história, nota-se outro fato glorioso: Deus não só concede frutos pelos esforços dos Seus servos, mas, também pelos seus sofrimentos. Por muitos anos, até pouco antes da sua morte, Judson considerava os vinte e dois longos mêses de horrores de prisão em Ava, como inteiramente perdidos à obra missionária.

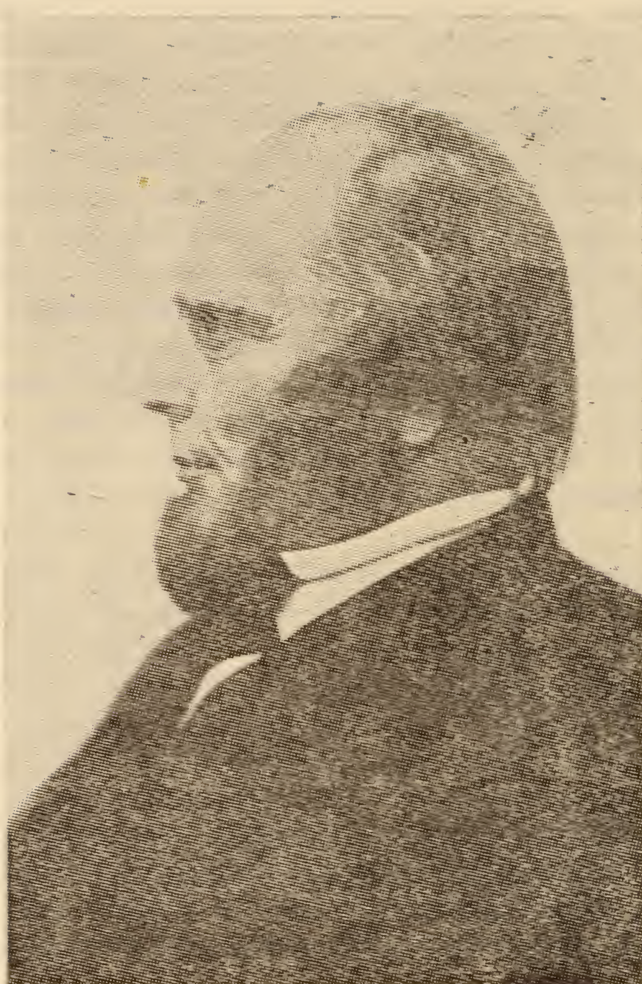
No comêço do trabalho na Birmânia, Judson concebeu a idéia de evangelizar, por fim, todo o país. A sua maior esperança era ver durante a sua vida, uma igreja de cem birmanianos salvos e a Bíblia impressa na língua dêsse país. No ano da sua morte, porém, havia sessenta e três igrejas e mais de sete mil batizados, os quais eram dirigidos por um número total de cento e sessenta e três missionários, pastores e auxiliares. As horas que passou diàriamente suplicando a Deus, o qual dá mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos, não foram perdidas.

Durante os últimos dias da sua vida fazia menção, muitas vêzes, do *amor de Cristo.* Com os olhos iluminados e as lágrimas correndo-lhe pelas faces, exclamava: "Oh, o amor de Cristo! O maravilhoso amor de Cristo, a bendita obra do amor de Cristo!" Certa ocasião êle disse: "Tive tais visões do amor condescendente de Cristo e as glórias dos céus, creio, como quasi nunca são concedidas aos homens. Oh, o amor de Cristo! É o mistério da inspiração da vida e a fonte da felicidade nos céus. Oh, o amor de Jesus! Não o podemos compreender agora, mas quão grande ensaio será para tôda a eternidade!"

Acrescentamos o último parágrafo da biografia de Adoniram Judson escrita por um dos seus filhos. Quem pode lê-lo sem sentir o Espírito Santo o animar para uma parte ativa e definida de levar o Evangelho a um dos muitos lugares sem o Evangelho?

Diz-se que o coração do herói escocês, Bruce foi embalsamado depois da sua morte e guardado num

cofrezinho de prata. Quando seus descendentes lutavam numa batalha, que parecia perdida, o general jogou êsse coração entre o exército inimigo. Ao verem isto, as tropas escocezas lutaram renhida e invencivelmente para recobrar a relíquia. Certamente o cristianismo nunca se retirará dos túmulos dos seus mortos nos países pagãos. Até àquele dia, quando todo o joelho se dobrará perante o Senhor Jesus, os corações crentes serão movidos aos maiores esforços, pela lembrança de Ana Judson, enterrada debaixo do *hopiá* (uma árvore) na Birmânia; de Sára Judson, cujo corpo descansa na ilha pedregosa de Sta. Helena e de Adoniram Judson, sepultado nas águas do oceano Índico.



Carlos Finney

CARLOS FINNEY

APÓSTOLO DE AVIVAMENTOS

1792-1875

Perto da aldeia de New York Mills, no século décimo nono, havia uma fábrica de tecidos, movida pela fôrça das águas do rio Oriskany. Certa manhã os operários se achavam comovidos, conversando sôbre o poderoso culto da noite anterior, no prédio da escola pública.

Não muito depois de começar o ruido das máquinas, o pregador, um rapaz alto e atlético, entrou na fábrica. O poder do Espírito Santo ainda permanecia sôbre êle; os operários, ao vê-lo, sentiram a culpa de seus pecados ao ponto de terem de se esforçar para poderem continuar a trabalhar. Ao passar perto de duas moças que trabalhavam juntas, uma delas, no ato de emendar um fio, foi tomada de tão forte convicção que caiu em terra, chorando. Segundos depois, quasi todos em redor tinham lágrimas nos olhos e, em poucos minutos, o avivamento passou para tôdas as dependências da fábrica.

O diretor, vendo que os operários não podiam trabalhar, achou que seria melhor cuidassem da salvação da alma, e mandou que parassem as máquinas. A comporta das águas foi fechada e os operários se ajuntaram em um salão do edifício. O Espirito Santo operou com grande poder e dentro de poucos dias quasi todos se converteram.

Diz-se acêrca dêste pregador, o qual se chamava Carlos Finney, que depois de êle pregar em Governeur, no Estado de Nova York, não houve baile e nem representação de teatro na cidade durante seis anos. Calcula-se que, durante os dois anos de 1857 e 1858, mais de 100 mil pessoas foram ganhas para Cristo pela obra direta e indireta de Finney. A sua autobiografia é um dos mais maravilhosos relatos de manifestações do Espírito Santo, exceptuando o livro de Atos dos Apóstolos; alguns consideram o seu livro, "Teologia Sistemática", uma das maiores obras sôbre teologia, a não ser mesmo as Sagradas Escrituras.

Como se explica o seu êxito tão destacado nos anais dos servos da Igreja de Cristo? Sem dúvida era, antes de tudo, o resultado da sua profunda conversão.

Nasceu de uma família descrente e se criou em um lugar onde os membros da igreja conheciam, apenas, a formalidade fria dos cultos. Finney era advogado; ao encontrar, nos seus livros de jurisprudência, muitas citações da Bíblia, comprou um exemplar com a intenção de conhecer as Escrituras. O resultado foi que, após a leitura achou mais e mais interêsse nos cultos dos crentes. Acêrca da sua conversão êle relata, na sua autobiografia, o seguinte:

"Ao ler a Bíblia, assistir as reuniões de oração, e ouvir os sermões de sr. Gale, percebi que não me achava pronto a entrar nos céus... Fiquei impressionado especialmente com o fato de as orações dos crentes, semana após semana, não serem respondidas. Li na Bíblia: "Pedi e dar-se-vos-á; buscai, e encontrareis; batei, e abrir-se-vos-á". Li, também que Deus é mais pronto a dar o Espírito Santo aos que Lho pedirem, do que os pais terrestres a darem boas coisas aos filhos. Ouvia os crentes pedirem um derramamento do Espírito Santo e confessarem, depois, que não o receberam".

"Exhortavam uns aos outros a se despertarem para pedir, em oração, um derramamento do Espírito de Deus e afirmavam que assim haveria um avivamento com a conversão de pecadores... Mas ao ler mais a Biblia vi que as orações dos crentes não eram respondidas porque não tinham fé, isto é, não esperavam que Deus lhes daria o que pediam... Entretanto, com isso, senti um alívio, acêrca da veracidade do Evangelho... e convicto de que a Bíblia, apesar de tudo, é a verdadeira Palavra de Deus".

"Foi em um domingo de 1821 que assentei no coração resolver o problema sôbre a salvação da minha alma e ter paz para com Deus. Reconheci as minhas grandes preocupações, como advogado, e resolvi seguir rigorosamente a determinação de ser salvo. Pela providência de Deus, não me achei muito ocupado segunda-feira, nem terça-feira, e consegui passar a maior parte do tempo lendo a Bíblia e orando".

"Mas ao encarar a situação resolutamente, achei-me sem coragem para orar sem tapar o buraco da fechadura. Antes deixava a Bíblia aberta na mesa com os outros livros e não me envergonhava de lê-la diante do próximo. Mas então, se entrasse alguém, eu colocaria um livro aberto sôbre a Bíblia para escondê-la".

"Durante a segunda e terça-feira a minha convicção aumentava, mas parecia que o coração se endurecia. Não podia chorar, nem orar... Terça-feira à noite, senti-me muito nervoso e parecia-me estar perto da morte. Reconhecia que, se eu morresse, por certo iria para o inferno".

"Cedo de manhã fui para o gabinete... Parecia que uma voz me perguntava: Por que esperas? Não prometeste dar o coração a Deus? E que experimentas fazer, alcançar a justificação pelas obras? Foi então que vi tão claramente, como qualquer vez depois, a realidade e plenitude da propiciação de Cristo. Vi que

Sua obra era completa e, em vez de eu necessitar duma justiça própria para Deus me aceitar, tinha que sujeitar-me à justiça de Deus por intermédio de Cristo... Sem o saber fiquei imóvel, não sei por quanto tempo, no meio da rua, no lugar onde a voz de dentro se dirigiu a mim. Então me veio a pergunta: Aceitá-Lo-ás, agora, hoje? Repliquei: Aceita-Lo-ei hoje ou me esforçarei até morrer... Em vez de ir ao gabinete, voltei para entrar na floresta, onde podia derramar a alma sem alguém me ver nem me ouvir".

"Porém, o meu orgulho continuava a se manifestar; passei por cima dum alto e andei furtivamente atrás duma cêrca, para que ninguém me visse, e pensasse que ia orar. Penetrei dentro da mata cêrca de meio quilômetro, onde achei um lugar mais escondido entre algumas árvores caídas. Ao entrar disse a mim mesmo: Entregarei o coração a Deus, ou então não sairei daqui".

"Mas ao tentar orar, o coração não o queria. Pensara que, uma vez sòzinho, onde ninguém pudesse ouvir-me, podia orar livremente. Porém ao experimentar fazê-lo, achei-me sem coisa alguma a dizer a Deus. Tôda a vez que tentava orar, parecia-me ouvir alguém chegando".

"Por fim, achei-me quasi no desespêro. O coração estava morto para com Deus e não queria orar. Então reprovei-me a mim mesmo por ter-me comprometido a entregar o coração a Deus antes de sair da mata. Comecei a pensar que Deus já me tivesse abandonado... Achei-me tomado de uma fraqueza demasiado grande para ficar de joelhos".

"Foi justamente nessa altura que pensei novamente que ouvia alguém se aproximando e abri os olhos para ver. Logo foi-me revelado que o orgulho do meu coração era a barreira entre mim e a minha salvação. Fui vencido, pela convicção do grande pecado de eu envergonhar-me se alguém me encontrasse de joelhos peran-

te Deus, e bradei em alta voz que não abandonaria o lugar, nem que todos os homens da terra e todos os demônios do inferno me cercassem. Gritei: Ora, um vil pecador como eu, de joelhos perante o grande e santo Deus, confessando-Lhe os pecados, e me envergonho dÊle perante o próximo, pecador também, porque me encontro de joelhos para achar paz com meu Deus ofendido! O pecado parecia-me horrendo, infinito. Fiquei quebrantado até o pó, perante o Senhor".

Nessa altura a seguinte passagem me iluminou: "Então me invocareis, e ireis, e orareis a mim, e eu vos ouvirei. E buscar-me-eis, e me achareis, quando me buscardes de todo o vosso coração..."

"Continuei a orar e, a receber promessas e apropriar-me delas, não sei por quanto tempo. Orei até, sem saber como, achei-me voltando para a estrada. Lembro-me que disse a mim mesmo: Se eu me converter, pregarei o Evangelho".

"Na estrada, voltando para a aldeia, certifiquei-me da preciosa paz e da gloriosa calma na minha mente. Que é isso? perguntei-me a mim mesmo. Entristecera eu o Espírito Santo até retirar-Se de mim? Não sinto mais convicção... Então lembrei-me de que dissera a Deus, que confiara na Sua Palavra... A calma de meu espírito era indescritivel... Fui almoçar, mas não tinha vontade de comer. Fui ao gabinete, mas meu sócio não voltara do almôço. Comecei a tocar a música de um hino no rebecão, como de costume. Porém ao começar a cantar as palavras sagradas, o coração parecia derreter-se e só podia chorar...

"Ao entrar e fechar a porta atrás de mim, pareciame ter encontrado o Senhor Jesus Cristo, face a face. Não me entrou na mente na ocasião, nem por algum tempo depois, que era apenas uma concepção mental. Ao contrário, parecia-me que eu O encontrara como encontro a qualquer pessoa. Êle não disse coisa alguma,

mas olhou para mim de tal forma que fiquei quebrantado e prostrado aos Seus pés. Isso, para mim é sempre depois uma experiência extraordinária, porque pareciame uma realidade, como se Êle mesmo ficasse em pé perante mim, e eu me prostrasse aos Seus pés e Lhe derramasse a minha alma. Chorei alto e fiz tanta confissão quanto foi possível entre soluços. Parecia-me que lavava os Seus pés com as minhas lágrimas; contudo, sem sentir que toquei na Sua pessoa..."

"Ao virar-me para me sentar, recebi o poderoso batismo no Espírito Santo. Sem o esperar, sem mesmo saber que havia tal para mim, o Espírito Santo desceu de tal maneira que parecia encher-me corpo e alma. Senti-O como uma onda elétrica que me traspassava repetidamente. De fato parecia-me como ondas de amor liquefeito; porque não sei outra maneira a descrevê-lo. Parecia o próprio fôlego de Deus".

"Não existem as palavras para descrever o maravilhoso amor derramado no meu coração. Chorei de tanto gôzo e amor que senti; acho melhor dizer que exprimi, chorando em alta voz, as inundações indivíveis do meu coração. As ondas passaram sôbre mim, uma após outra, até eu clamar: Morrerei se estas ondas continuarem a passar sôbre mim. Senhor não suporto mais! Contudo não receiava a morte".

"Não sei por quanto tempo êste batismo continuou a passar sôbre mim e por todo o meu ser. Mas sei que era já noite quando o dirigente do côro veio ao gabinete para me visitar. Encontrou-me nêsse estado de chôro aos gritos e perguntou: Sr. Finney, que tem? Por algum tempo não pude responder-lhe. Então êle perguntou: Está sentindo alguma dor? Com dificuldade respondi: "Não, mas sinto-me demasiado feliz para viver".

"Saiu, e daí um pouco, voltou, acompanhado por um dos anciãos da igreja. Êsse ancião sempre foi um

homem de espírito ponderado e quase nunca se ria. Êle, ao entrar, encontrou-me no mesmo estado, mais ou menos, como quando o rapaz o foi chamar. Queria saber o que eu sentia e eu comecei a lhe explicar. Mas em vez de responder-me, foi tomado de um riso espasmódico. Parecia impossível evitar o riso que procedia do fundo do seu coração".

"Nessa altura entrou certo rapaz que começara a frequentar os cultos da Igreja. Presenciou tudo por alguns momentos, até cair ao chão em grande angústia de alma, clamando: Orem por mim!"

O ancião da igreja e o outro crente oraram e depois Finney também orou e não muito depois todos se retiraram deixando Finney sòzinho.

Ao deitar-se para dormir, Finney adormeceu, mas logo se acordou, por causa do amor que lhe transbordava do coração. Isso aconteceu repetidas vêzes durante a noite. Sôbre isso êle escreveu depois.

"Quando me acordei, de manhã, a luz do sol penetrava no quarto. Faltam-me as palavras para exprimir os meus sentimentos ao ver a luz do sol. No mesmo instante o batismo, do dia anterior, voltou sôbre mim. Ajoelhei-me ao lado da cama e prantiei do gôzo que senti.

Passei muito tempo sem poder fazer coisa alguma senão derramar a alma perante Deus".

Durante o dia, o povo se ocupava em falar na conversão do advogado. Ao anoitecer, sem qualquer anúncio do culto, ajuntou-se uma multidão no templo. Quando Finney relatou o que Deus fizera na sua alma, muitos foram profundamente comovidos; um sentiu-se tão convicto que voltou à casa sem o chapéu. Certo advogado afirmou: É claro que êle é sincero; mas que enloqueceu, é evidente. Finney falou e orou com grande liberdade. Realizavam-se cultos tôdas as noites por algum tempo e assistiam pessoas de tôdas as classes.

Êsse grande avivamento espalhou-se para muitos lugares em redor.

"Por oito dias (depois da sua conversão) o coração permanecia tão cheio que não sentia desejo de comer nem de dormir. Parecia-me que tinha um manjar para comer que o mundo não conhecia. Não sentia necessidade de alimentar-me nem de dormir... Por fim, cheguei a ver que devia comer como de costume e dormir quanto fôsse possível".

"Grande poder acompanhava a Palavra de Deus; todos os dias admirava-me ao notar como poucas palavras, dirigidas a uma pessoa, traspassavam-lhe o coração como uma seta".

"Não demorei muito em ir visitar meu pai. Êle não era salvo; o único membro da família que fizesse profissão de religião, era meu irmão mais novo. Meu pai encontrou-me no portão e me perguntou: Como tem passado, Carlos? Respondi-lhe: Bem, meu pai, tanto no corpo como na alma. Mas, meu pai, o senhor já é velho; todos os seus filhos crescidos e casados; e nunca ouvi alguém orar na casa de meu pai. Êle baixou a cabeça e começou a chorar, dizendo: É verdade, Carlos; entre e você mesmo ore".

"Entramos e oramos. Meus pais ficaram muito comovidos e, não muito depois, converteram-se. Se a minha mãe tinha qualquer esperança antes, ninguém o sabia".

Assim êsse advogado, Carlos G. Finney, perdeu todo o gôsto pela sua profissão e se tornou um dos mais famosos pregadores do Evangelho. Acêrca de seu método de trabalhar, êle escreveu:

"Dei grande ênfase à oração como indispensável, se realmente queríamos um avivamento. Esforçava-me a ensinar a propiciação de Jesus Cristo, Sua divindade, Sua missão divina, Sua vida perfeita, Sua morte vicária, Sua ressurreição, o arrependimento, a fé, a justificação

pela fé e outras doutrinas; as quais se tornaram vivas pelo poder do Espírito Santo."

"Os meios empregados eram simplesmente a pregação, cultos de oração, muita oração em segrêdo, intensivo evangelismo pessoal e cultos para a instrução dos interessados".

"Eu tinha o costume de passar muito tempo orando; acho que, às vêzes, orava realmente *sem cessar*. Achei, também, grande proveito em observar frequentemente dias inteiras de jejum em secreto. Em tais dias, para ficar inteiramente sòzinho com Deus, eu entrava na mata, ou fechava-me dentro do templo..."

Vê-se no seguinte, a maneira como Finney e seu companheiro de oração, o irmão Nash, "bombardeavam" os céus com as suas intercessões:

"Quasi um quilômetro distante da residência de sr. S..., morava certo adepto do universalismo. Nos seus preconceitos religiosos recusava-se a assistir os cultos. Certa vez o irmão Nash, que se hospedava comigo na casa de sr. S... se retirou para dentro da mata para lutar em oração, sòzinho, bem cedo de madrugada, conforme seu costume. A atmosfera era tal nessa ocasião que se ouvia qualquer som de longe. O universalista ao levantar-se, de madrugada, saiu de casa e ouviu a voz de quem orava. Disse depois que percebeu que era oração, apesar de não compreender muitas das palavras, e reconheceu quem orava. E isso traspassou-lhe o coração como uma flecha. Sentiu a realidade de religião como nunca. A flecha permanecia. Achou alívio sòmente crendo em Cristo".

Acêrca do espírito de oração, Finney afirmou que "era coisa comum nesses avivamentos, para os recem-convertidos se acharem tomados pelo desejo de orar até o ponto de orarem noites inteiras e mesmo ao ponto de lhes faltarem as fôrças físicas. O Espírito Santo constrangia grandemente o coração dos crentes; e sentiam

constantemente a responsabilidade pela salvação das almas imortais. A solenidade da mente se manifestava no cuidado com que falavam e se comportavam. Era muito comum encontrar crentes juntos caídos de joelhos em oração em vez de ocupados em palestra".

Em certo tempo, quando as nuvens de perseguição enegreceram cada vez mais, Finney, como era seu costume sob tais circunstâncias, sentiu-se dirigido a dissipá-las, orando. Em vez de falar pública ou particularmente acêrca das acusações, êle orava. Acêrca da sua experiência, êle escreveu: "Olhei para Deus com grande anelo, dia após dia, rogando que Êle me mostrasse o plano a seguir e a graça para suportr a borrasca... O Senhor mostrou-me, em uma visão, o que tinha de enfrentar. Êle chegou-se tão perto de mim, enquanto eu orava, que a minha carne literalmente estremecia sôbre os ossos. Eu tremia da cabeça aos pés, sob o pleno conhecimento da presença de Deus".

Acrescentamos mais um exemplo, tirado da sua autobiografia, da maneira do Espírito Santo operar na sua pregação:

"Ao chegar, na hora anunciada para iniciar o culto, achei o prédio da escola repleto e tinha de ficar em pé perto da entrada. Cantamos um hino, isto é, o povo pretendia cantar. Entretanto não tinham costume de cantar os hinos de Deus e cada um berrava à sua própria maneira. Não podia contar-me e lancei-me de joelhos e comecei a orar. O Senhor abriu as janelas dos céus, derramou o espírito de oração e entreguei-me de tôda a alma a orar".

"Não escolhera um texto, mas logo ao levantar-me de joelhos, eu disse: "Levantai-vos, saí dêste lugar, porque o Senhor há de destruir a cidade". Acrescentei que havia certo homem que se chamava Abraão, outro do nome de Ló... Contei-lhes como Ló se mudou para Sodoma... O lugar era excessivamente corrupto,...

Deus resolveu destruir a cidade e Abraão orou por Sodoma. Mas os anjos acharam sòmente um justo lá, cujo nome era Ló. Os homens disseram: "Tens alguém mais aqui? Teu genro, e teus filhos, e tuas filhas, e todos quantos tens nesta cidade, tira-os fora dêste lugar; porque nós vamos destruir êste lugar, porque o seu clamor tem engrossado diante da face do Senhor, e o Senhor nos enviou a destruí-lo".

"Ao relatar estas coisas os ouvintes se mostraram irados ao ponto de me açoitar. Nessa altura deixei de pregar e lhes expliquei que compreendera que nunca se realizara culto lá e que tinha o direito de assim considerá-los corruptos. Salientei isso com mais e mais ênfase e, com o coração cheio de amor até não poder mais conter-me".

"Depois de eu assim falar cêrca de quinze minutos, parecia cair sôbre os ouvintes uma tremenda solenidade e começaram a cair ao chão, clamando e pedindo misericórdia. Se eu tivesse tido uma espada em cada mão, não os poderia derrubar tão depressa como cairam. De fato, dois minutos depois dos ouvintes sentirem o choque do Espírito cair sôbre êles, quasi todos estavam ou caídos de joelhos ou prostrados no chão. Todos que podiam falar de qualquer maneira, oravam por si mesmos".

"Tive de deixar de pregar, porque os ouvintes não prestavam mais atenção." Vi o velho que me convidára para pregar, sentado no meio do salão, olhando em redor, estupefato. Gritei bem alto para êle ouvir, apesar da balbúrdia, pedindo-lhe que orasse. Caiu de joelhos e começou a orar em voz retumbante, mas o povo não prestou atenção. Gritei: Vós não estais ainda no inferno; quero dirigir-vos a Cristo... O coração transbordava de gôzo ao presenciar tal cena. Quando pude dominar os meus sentimentos, virei-me para um rapaz que estava perto de mim, consegui atrair a sua atenção e preguei Cristo, em voz bem alta, no seu ouvido. Logo,

ao olhar para a cruz de Cristo, êle acalmou-se por um pouco e então rompeu em oração pelos outros. Depois fiz o mesmo com um outro, depois ainda com um outro e continuei assim tratando com êles até à hora do culto da noite na aldeia. Deixei o velho, que me convidara a pregar, lá, para continuar a obra com os que oravam".

"Ao voltar, havia ainda tantos clamando a Deus que não podiamos encerrar a reunião, a qual continuou o resto da noite. Ao amanhecer o dia, alguns ainda permaneciam com a alma ferida. Não se podiam levantar e, para dar lugar às aulas, foi necessário levá-los a uma residência não muito distante. De tarde mandaram chamar-me porque não findara o culto".

"Só nesta ocasião cheguei a saber a razão do auditório agastar-se da mensagem. Aquêle lugar cognominava-se "Sodoma" e havia sòmente um homem piedoso lá a quem o povo o tratava de "Ló". Era o velho que me convidára para pregar."

Depois de já velho, Finney escreveu acêrca do que o Senhor fêz em ""Sodoma": "Apesar do avivamento cair tão repentinamente sôbre êles, o mesmo era tão empolgante que as conversões eram profundas e a obra permanente e genuína. Nunca ouvi falar em qualquer repercussão desfavorável."

Não foi só na América do Norte que Finney viu o Espírito Santo cair e abater os ouvintes em terra. Na Inglaterra, durante os nove mêses de evangelização lá, multidões também se prostraram enquanto êle pregava — em certa ocasião mais de dois mil, de uma vez.

Alguns pregadores confiam na instrução e ignoram a obra do Espírito Santo. Outros, com razão, rejeitam tal ministério infrutífera e sem graça; oram para o Espírito Santo tomar conta e alegram-se no grande progresso da obra de Deus. Mas, ainda outros, como Finney, dedicam-se a buscar o poder do Espírito Santo,

sem desprezar a arma de instrução, e vêm resultados incrìvelmente mais vastos.

Durante os anos de 1851 a 1866, Finney foi diretor do Colégio de Oberlin e ensinou um total de 20 mil estudantes. Dava mais ênfase ao coração puro e ao batismo do Espírito Santo do que à preparação do intelecto; de Oberlin saiu uma corrente contínua de alunos cheios do Espírito Santo. Assim, depois dos anos de intensiva evangelismo e no meio dos seus esforços no colégio, "em 1857, Finney via 50 mil, tôdas as semanas, converterem-se a Deus." ("By My Spirit, Jonathan Goforth, p. 183.") Os diários de Nova York, às vêzes quase não publicavam outras notícias, senão do avivamento.

Suas lições aos crentes sôbre avivamento foram publicadas primeiro em um jornal e depois em um livro de 445 páginas e que se intitulava "Discursos Sôbre Avivamentos." As primeiras duas edições, de 12 mil exemplares, foram vendidas logo ao saírem do prelo. Outras edições foram impressas em vários idiomas. Uma só casa editora em Londres publicou 80 mil. Entre suas outras obras de circulação mundial, contam-se as seguintes: sua "Autobiografia", "Discursos aos Crentes" e "Teologia Sistemática".

Os convertidos nos cultos de Finney eram pela graça constrangidos a andar de casa em casa para ganhar almas. Êle mesmo se esforçava para preparar o maior número de obreiros em Oberlin College. Mas o desejo que ardia sempre em tudo era o de transmitir a todas o espírito de oração. Pregadores como Abel Cary e Father Nash viajavam com êle e, enquanto êle pregava, êles continuavam prostrados em oração. Nas palavras dêle:

"Se eu não tinha o espírito de oração, não alcançava coisa alguma. Se por um dia, ou por uma hora eu perdia o espírito de graça e súplicas, não podia pregar com poder e fruto, e nem ganhar almas pessoalmente."

Para que alguém não julgue que a obra era superficial, citamos outro escritor: "Descobriu-se, por pesquiza empolgante, que mais de 85 pessoas de cada 100 que se converteram sob a pregação de Finney, permaneceram fiéis a Deus; enquanto 75 pessoas de cada cem, das que professaram conversão nos cultos de algum dos maiores pregadores, se desviaram. Parece que Finney tinha o poder de impressionar a consciência dos homens, da necessidade de viver santo, de tal maneira que produziu fruto mais permanente." ("Deeper Experiências of Famous Christians," p. 243).

Finney continuou a inspirar os estudantes de Oberlin College até à idade de 82 anos. Até o fim permanecia tão esperto em mente como quando jovem e sua vida nunca parecia tão rica no fruto do Espírito e na beleza da Sua santidade do que nesses últimos anos. No domingo, 16 de Agôsto de 1875, pregou seu último sermão. Mas de noite não assistiu o culto. Ao ouvir os crentes cantarem "Jesus lover of my soul, let me to Thy bosom fly," saiu até ao portão na frente da casa, e cantou com êstes que tanto amava, foi a última vez que cantou na terra. Acordou-se à meia noite, sofrendo dores lancinantes no coração. Sofrera assim muitas vêzes durante a sua vida. Semeara as sementes de avivamento e as regara com lágrimas. Tôdas às vêzes que recebera o fogo da mão de Deus, foi com sofrimento. Finalmente, antes de amanhecer o dia, dormiu na terra para se acordar na glória dos céus. Faltavam apenas treze dias para completar 83 anos de vida aqui na terra.

O SALVADOR ESPERA E O MUNDO CARECE

"Foi quando Stanley Smith e Carlos Studd se hospedavam em nossa casa que iniciei a maior etapa da minha vida. Antes de então eu era crente precipitado e inconstante; às vêzes ardia de entusiasmo, para depois passar dias inteiros triste e desanimado. Percebi que êsses dois jovens possuiam uma coisa que eu não tinha, algo que lhes era uma fonte perene de sossêgo, fôrça e gôzo. Nunca me esquecerei de uma manhã, no mês de novembro, ao nascer o sol quando a luz entrava pela janela dentro do quarto, onde meditara sôbre as Escrituras desde a madrugada. A palestra que tive então, com os dois moços, influenciou o resto da minha vida. Não devia eu fazer o que êles tinham feito?

"Não devia eu ser, também, um vaso, apesar de ser barro, para o uso do Mestre?"

Assim escreveu o amado e santo pregador F. B. Meyer, sôbre a mudança da sua vida que resultou em tanta glória para Cristo, na terra.

Já findamos a leitura das biografias de alguns dos maiores servos de Deus. Não devemos nós reler e meditar sobre a fiel vida de Savonarola, a estupenda obra de Lutero, o zêlo incansável de Wesley, o grande avivamento de Edwards... em fim, sôbre cada história? Não devemos nós deixar cada herói hospedar-se conosco, como Stanley Smith e Carlos Stud na casa de F. B. Meyer, para nos falarem e influenciarem, transformando-nos milagrosamente todo o resto da vida?

Isso é o que o Salvador espera e o mundo carece.

OUTROS LIVROS PARA A SUA INSPIRAÇÃO

ÂNCORA DA ALMA

Há uma âncora que nos segura no próprio Criador e nas coisas além do véu. — Segunda edição.

ESFORÇA-TE PARA GANHAR ALMAS

Já ganhaste alguma alma para cristo? Já experimentaste fazê-lo? Conheces alguém atualmente na glória com Cristo, levado por ti a Êle. — Quarta edição.

TÔDA a FAMÍLIA

Se tôda a sua família fôsse verdadeiramente salva, não seria como um pedacinho dos céus colocado na terra? Qual não seria o aumento do número de assistentes aos cultos da sua igreja, se todos os membros de tôdas as famílias fôssem salvos. — Segunda edição.

HERÓIS DA FÉ — VOL. II

Continuação de Vol. I: As vidas de Jorge Muler, Daví Livingstone, João Paton, Hudson Taylor, Carlos Spurgeon, Pastor Hsi, D. L. Moody e Jônatas Goforth.

A VISÃO DE PATMOS

Sôbre o Apocalipse, livro que trata dos mais estupendos eventos de todos os séculos.

DANIEL FALA HOJE

Sem o livro de Daniel, muitas preciosas lições do Apocalipse tornam-se incompreensíveis.

MATEUS: O EVANGELHO DO REI

Um dos pontos mais acentuados no primeiro Evangelho é que Jesus Cristo é tanto Rei como Salvador.

ACÊRCA DOS DONS ESPIRITUAIS

O que a Bíblia realmente ensina sôbre a operação do Espírito Santo nas igrejas. Tradução de obra impressa em nove idiomas. — Segunda edição em português.

SMITH WIGGLESWORTH: APÓSTOLO DA FÉ

Como João Bunyan, o funileiro de Bedford, era sem igual, assim Smith Wiggleswort, o encanador da Bradford era único, cada um na sua própria geração. Tradução da obra de grande circulação

O HOMEM QUE ORAVA

Tradução de uma das melhores biografias de João Nelson Hyde, cuja fascinante vida de intercessão resultou no inaudito avivamento de Sialkot na Índia. — Segunda edição em português.

CARLOS STUDD: ATLETA E PIONEIRO

Biografia impressionante de milionário, que deu tôdos seus bens terrestres, tomou sua cruz e seguiu após Jesus, fazendo obras monumentais na China, na India e, por fim, no coração da Africa. Quinze edições dêste livro foram impressos em onze anos





Esforça-te para ganhar Almas
Acerca dos
DONS ESPIRITUAIS
A Visão de PATMOS
Noções sobre o Evangelho segundo São João
SMITH WIGGLESWORTH apóstolo da fé
O homem que ORAVA
ANCORA DA ALMA
Enriqueça
sua alma
lendo
êstes livros
DANIEL fala hoje
TODA A FAMILIA
HEROIS da FÉ
MATEUS
HEROIS da FÉ